



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE BRASÍLIA

Cleber Reis dos Santos

ENFRENTANDO A INFIDELIDADE CONJUGAL ATRAVÉS DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO.

Brasília, DF

2025

CLEBER REIS DOS SANTOS

**ENFRENTANDO A INFIDELIDADE CONJUGAL ATRAVÉS DO
ACONSELHAMENTO BÍBLICO.**

**Monografia apresentada à disciplina de
monografia 2 como requisito para aprovação
na disciplina.**

**Orientador: Prof. Rev. Sebastião V.
Gonçalves, Mdiv.**

**Brasília, DF
2025**

CLEBER REIS DOS SANTOS

**ENFRENTANDO A INFIDELIDADE CONJUGAL ATRAVÉS DO
ACONSELHAMENTO BÍBLICO.**

Monografia apresentada no curso livre de Teologia, do Seminário Presbiteriano de Brasília, como um dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.
Brasília, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Rev. Sebastião V. Gonçalves (orientador)
Seminário Presbiteriano de Brasília

Prof. Rev. Wulmar Lopes Vaz (Examinador – SPB)
Seminário Presbiteriano de Brasília

Prof. Rev. Tiago Henrique Silva (Examinador – SPB)
Seminário Presbiteriano de Brasília

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda sabedoria e força, por Sua graça e fidelidade em cada etapa desta jornada.

À minha esposa, Priscila de Luces Fortes dos Santos, pela paciência, amor e dedicação ao cuidar de nossa família nas madrugadas e nos dias em que estive ausente.

Aos meus filhos, Calebe, Davi Renan e Isabelle Fortes, minha inspiração e motivo constante de perseverança.

Aos meus queridos pais, David Neris dos Santos e Ester Miguel dos Reis Santos, que investiram em minha vida em todos os sentidos e, nos momentos de luta, me ofereceram escuta e conforto.

A Deus, pela amada Igreja Presbiteriana Pioneira de Brasília, que tanto investiu em minha vida espiritual, ministerial e financeira.

Ao meu tutor, Rev. Wulmar Lopes Vaz, por todo ensino ao longo da caminhada, através de conselhos e orientações que marcaram minha formação como seminarista, assim como toda a sua linda família.

Ao meu orientador Rev. Sebastião V. Gonçalves, pelo apoio em cada etapa desta pesquisa, trazendo orientação na construção deste trabalho. Desejo as ricas bênção a sua vida.

Ao Presbitério Pioneiro de Brasília, que contribuiu para minha formação em cada etapa, reconduzindo-me ano após ano até a conclusão acadêmica.

Aos meus queridos amigos do Seminário Presbiteriano de Brasília, pelo companheirismo sem precedentes e pela perfeita harmonia durante toda a longa caminhada de cinco anos.

Toda glória e gratidão a Deus, pelo Seu amor e pelo fruto da família maravilhosa que Ele me concedeu.

*“O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar
boas-novas aos quebrantados; enviou-me a curar os quebrantados de coração...”*

— Isaías 61:1 (ARA)

RESUMO

Esta monografia examina a infidelidade conjugal como uma das rupturas mais destrutivas dentro da estrutura familiar, abordando suas consequências espirituais, emocionais e relacionais a partir de uma perspectiva bíblica e reformada. Fundamentado na autoridade e suficiência das Escrituras, o estudo demonstra que a infidelidade não é apenas uma falha moral, mas uma violação da aliança instituída por Deus na ordenança da criação do casamento. A pesquisa evidencia como o aconselhamento bíblico oferece recursos teológicos, pastorais e práticos para confrontar o pecado, promover arrependimento, estender perdão e conduzir os cônjuges a uma reconciliação e restauração genuínas. Por meio da análise da sabedoria do Antigo e do Novo Testamentos, das contribuições históricas de Reformadores e Puritanos, e dos desafios impostos pela cultura secular contemporânea, argumenta-se que a restauração só é possível por meio da graça transformadora de Cristo e da obra regeneradora do Espírito Santo. O trabalho também apresenta etapas práticas do processo de aconselhamento, incluindo coleta de dados, confrontação amorosa, discipulado e reconstrução da confiança. Os resultados confirmam que o aconselhamento bíblico, enraizado no evangelho e exercido no contexto da igreja local, constitui a abordagem mais completa e eficaz para restaurar casamentos feridos pela infidelidade.

Palavras-chave: Aconselhamento Bíblico; Casamento; Infidelidade; Reconciliação; Teologia Reformada; Restauração Familiar.

ABSTRACT

This monograph examines marital infidelity as one of the most destructive ruptures within the family structure, addressing its spiritual, emotional, and relational consequences from a biblical and Reformed perspective. Grounded in the authority and sufficiency of Scripture, the study demonstrates that infidelity is not merely a moral failure but a violation of the covenant established by God in the creation ordinance of marriage. The work highlights how biblical counseling provides theological, pastoral, and practical resources to confront sin, promote repentance, extend forgiveness, and guide couples toward genuine reconciliation and restoration. Through an analysis of the wisdom of the Old and New Testaments, historical contributions of Reformers and Puritans, and the challenges posed by contemporary secular culture, the research argues that restoration is possible only through the transforming grace of Christ and the regenerative work of the Holy Spirit. The study also presents practical steps for the counseling process, including data gathering, confrontation in love, discipleship, and rebuilding trust. The findings affirm that biblical counseling, rooted in the gospel and exercised within the local church, offers the most complete and effective approach for healing marriages wounded by infidelity.

Keywords: Biblical Counseling; Marriage; Infidelity; Reconciliation; Reformed Theology; Family Restoration.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. DEFINIÇÕES E CONCEITOS.....	15
2.1 DEFINIÇÃO DE ACONSELHAMENTO BÍBLICO	15
2.2 DEFINIÇÃO DE INFIDELIDADE CONJUGAL E SUA DINÂMICA SISTÊMICA NO ÂMBITO FAMILIAR.....	18
3. COMO A BÍBLIA GUIA A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO SÁBIO NAS QUESTÕES DA VIDA FAMILIAR?.....	21
3.1 A APLICAÇÃO DA SABEDORIA NO ACONSELHAMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO.....	21
3.2 A APLICAÇÃO DA SABEDORIA NO ACONSELHAMENTO NO NOVO TESTAMENTO.	33
4. RESGATE HISTÓRICO DAS DOCTRINAS E PRÁTICAS QUE FUNDAMENTAM O ACONSELHAMENTO BÍBLICO PARA FAMÍLIAS.....	45
4.1 OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS QUE DIRECIONAM O ACONSELHAMENTO BÍBLICO.....	45
4.2 A APLICAÇÃO DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO ENTRE OS REFORMADORES E PURITANOS.....	53
4.3 BREVE SÍNTESE	59
5. ANÁLISE DA CULTURA CORROMPIDA PELO PECADO QUE APRISIONA AS PESSOAS.....	61
5.1 A CULTURA CONTEMPORÂNEA E SEU IMPACTO SOBRE AS RELAÇÕES FAMILIARES.	61
5.2 A DIMENSÃO ESPIRITUAL DA INFIDELIDADE	70
6. ENFRENTANDO E CONFRONTANDO A INFIDELIDADE CONJUGAL: ARREPENDIMENTO, PERDÃO E RECONCILIAÇÃO.	74
6.1 ARREPENDIMENTO	74
6.2 PERDÃO.....	77
6.3 RECONCILIAÇÃO	82
6.4 RECONSTRUÇÃO DA CONFIANÇA E DA INTIMIDADE	90
7. O PROCESSO DE COLETA CRITERIOSA DE DADOS.....	92
7.1 A IMPORTÂNCIA DA COLETA DE INFORMAÇÕES.....	92
7.2 O PRINCÍPIO DA BUSCA PELO CONHECIMENTO REAL	92
I. <i>Estado físico</i>	93
II. <i>Recursos</i>	93
III. <i>Emoções</i>	93
IV. <i>Ações</i>	94
V. <i>Conceitos</i>	94
VI. <i>Histórico</i>	94
7.3 FORMULÁRIOS DE INVENTÁRIO PESSOAL (<i>FIP</i>).....	95
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
10. APÊNDICE	104

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

A infidelidade, ou traição, é sem sombras de dúvidas uma das maiores tensões ou acontecimentos brutais que podem ocorrer no casamento, levando ao “derrubar” de forma trágica e avassaladora toda uma estrutura familiar. A infidelidade abala profundamente a confiança do casal e compromete a estabilidade familiar, gerando consequências emocionais duras e persistentes.

Ao recorrer ao princípio expresso em Gênesis 2.24, lemos: “Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne.” Nesse sentido, Köstenberger¹ (2015, p. 38) afirma: “... ser uma só carne”, não há dúvidas de que Deus criou o casamento para ser permanente.” Assim, o adultério atinge o núcleo da união instituída por Deus, conforme o princípio da “uma só carne”, reafirmado também em Gênesis 39.9; Mateus 19.4-6 e Marcos 10.6-9.

Diante dessa dura realidade, o aconselhamento bíblico surge como ferramenta sólida para lidar com as feridas ocasionadas pela infidelidade conjugal. As Escrituras oferecem o fundamento essencial para a orientação e restauração dos envolvidos. A partir de uma cosmovisão cristã reformada, encontram-se não apenas respostas práticas, mas um processo genuíno de cura, no qual perdão, reconciliação e restauração são possíveis por meio de Cristo Jesus.

Nesse sentido, Piper destaca:

“... Não existe alegria permanente sem santidade, pois a Bíblia diz: Buscai “a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). Quão importante, então, é a verdade que santifica! Quão crucial é a Palavra que quebra o poder dos prazeres falsos!” Piper (2019, p. 77)²

Essa afirmação mostra que o pecado oferece prazer momentâneo cujo fim é destruição, reforçando a gravidade da infidelidade conjugal e seus impactos espirituais.

Tripp (2011, p. 118) acrescenta:

“Emanuel invadiu seu casamento com uma iniciativa de graça guerreira. Ele não está do lado de fora do seu casamento, ditando uma série de regras pelas quais você deve viver, e julgando-o, caso você não as siga. Não, ele literalmente entrou em seu coração para lutar por você no exato local onde a guerra pelo seu casamento está sendo travada - em seu coração. Ele sabe

¹ KÖSTENBERGER, Andreas J.; JONES, David W. *Deus, casamento e família: reconstruindo o fundamento bíblico*. 2. ed. amp. São Paulo: Vida Nova, 2015.

² PIPER, John. *Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

que você e seu cônjuge não são perfeitos. Sabe que o pecado interferirá sempre naquilo que seu casamento pode e deve ser.” Tripp (2011, p. 118) ³

Assim, um casamento sólido requer comprometimento espiritual dos cônjuges com Deus. Este estudo pretende demonstrar como os princípios bíblicos podem restaurar a harmonia familiar e fortalecer espiritualmente os envolvidos, transformando a crise da infidelidade em oportunidade de crescimento e renovação da fé.

1.2 Delimitação do tema

Este estudo se concentra em “Enfrentando a Infidelidade Conjugal através do Aconselhamento Bíblico”, analisando como os princípios bíblicos, fundamentados na visão Bíblica reformada, podem orientar pessoas atingidas pela traição conjugal.

A delimitação da pesquisa envolve:

- a infidelidade como ruptura da aliança bíblica do casamento;
- a restauração emocional e espiritual por meio das Escrituras;
- a influência da cosmovisão reformada no aconselhamento;
- Os impactos da cultura contemporânea sobre relacionamentos familiares;

A pesquisa pretende realizar uma análise da infidelidade, mas focar sua compreensão teológica, bíblica e pastoral.

1.3 Problema de pesquisa

A infidelidade conjugal representa um dos desafios mais devastadores para a estabilidade familiar, abalando a confiança do casal e todos os membros da família, com consequências emocionais e espirituais profundas.

Diante disso, o presente estudo busca responder à seguinte questão central: Como o aconselhamento bíblico, fundamentado na visão bíblica reformada, pode abordar e restaurar as rupturas causadas pela infidelidade no casamento?

1.4 Objetivos da pesquisa

1.4.1.1 Objetivo geral

³ TRIPP, Paul David. *O que você esperava?* Trad. Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

Explorar a eficácia do aconselhamento bíblico, fundamentado na visão bíblica reformada, na superação da infidelidade conjugal e na promoção do perdão, da reconciliação e da restauração dos laços familiares.

1.4.1.2

- Investigar brevemente como a Bíblia orienta a prática do aconselhamento sábio nas questões da vida familiar, demonstrando bases para a restauração dos relacionamentos;
- Resgatar historicamente as doutrinas e práticas reformadas que sustentam o aconselhamento bíblico;
- Analisar brevemente como a cultura contemporânea, corrompida pelo pecado, afeta os relacionamentos familiares e a aliança conjugal.

1.5 Justificativa

Diante da gravidade da infidelidade conjugal e dos impactos emocionais, espirituais e relacionais que ela causa, torna-se essencial estudar o aconselhamento bíblico como abordagem para restaurar casamentos feridos. Métodos seculares, não alcançam as dimensões espirituais envolvidas na traição, o que torna o aconselhamento bíblico a alternativa robusta, única e completa mediante a Escritura Sagrada.

A relevância deste estudo está no potencial do aconselhamento bíblico em promover cura genuína, fundamentada nas Escrituras Sagradas, segundo os princípios da visão bíblica reformada. A pesquisa contribui para fortalecer a compreensão do casamento como instituição divina e para indicar caminhos bíblicos de restauração do vínculo familiar.

1.6 Metodologia

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, com ênfase bibliográfica e documental, para analisar o aconselhamento bíblico no contexto da infidelidade conjugal.

As etapas metodológicas envolvem:

1. Revisão bibliográfica de autores cristãos, reformados que tratam de infidelidade e aconselhamento;

2. Análise documental e teológica de obras como John Piper, Andreas Köstenberger, Jay Adams, entre tantos outros, que abordam fundamentos do aconselhamento bíblico;
3. Fundamentação na teologia reformada e nas Escrituras, destacando princípios bíblicos e práticos para a restauração conjugal.

1.7 Estrutura da pesquisa

A presente estudo está organizada em oito capítulos, além de apêndice e referências bibliográficas, de maneira a oferecer uma progressão lógica e teológica sobre o tema da infidelidade conjugal à luz do aconselhamento bíblico.

- Capítulo 1 – Introdução, apresenta a contextualização do tema, a delimitação, o problema de pesquisa, os objetivos, a justificativa, a metodologia e a estrutura geral da investigação;
- Capítulo 2 – Definições e conceitos, estabelece os fundamentos terminológicos essenciais para a pesquisa, apresentando a definição de aconselhamento bíblico e situando-o no contexto bíblico reformado, oferecendo clareza conceitual para os capítulos posteriores;
- Capítulo 3 – Como a Bíblia guia a prática do aconselhamento sábio nas questões da vida familiar, investiga a aplicação da sabedoria bíblica no aconselhamento familiar. Divide-se em duas seções: a primeira aborda os princípios de sabedoria no Antigo Testamento e a segunda apresenta a aplicação da sabedoria no Novo Testamento, destacando o papel das Escrituras na formação de conselhos sábios;
- Capítulo 4 – Resgate histórico das doutrinas e práticas que fundamentam o aconselhamento bíblico para famílias, analisa o desenvolvimento histórico do aconselhamento bíblico. Inicialmente, são apresentados os fundamentos teológicos que sustentam essa prática; em seguida, é investigada sua aplicação ao longo da história da igreja, com destaque para os Reformadores e Puritanos. O capítulo se encerra com uma síntese das contribuições históricas para o aconselhamento contemporâneo;

- Capítulo 5 – Análise da cultura corrompida pelo pecado que aprisiona as pessoas, examina como a cultura contemporânea influencia negativamente os relacionamentos familiares. São discutidos brevemente os desafios atuais à luz da mentalidade secular, bem como a dimensão espiritual da infidelidade e os fatores culturais e espirituais que contribuem para sua ocorrência;
- Capítulo 6 – Enfrentando e confrontando a infidelidade conjugal: Arrependimento, Perdão e Reconciliação, apresenta os elementos centrais do processo de restauração conjugal. O capítulo está dividido em quatro partes: arrependimento, perdão, reconciliação e reconstrução da confiança e da intimidade — todos componentes essenciais para a cura bíblica após a infidelidade;
- Capítulo 7 – O Processo de coleta criteriosa de dados, expõe a importância da coleta de informações no aconselhamento bíblico. São abordados os princípios da busca pelo conhecimento real, a análise de aspectos como estado físico, recursos, emoções, ações, conceitos e histórico, além da apresentação dos Formulários de Inventário Pessoal (FIP), fundamentais para diagnóstico e acompanhamento pastoral, e;
- Capítulo 8 – Considerações finais, reúne as reflexões conclusivas da pesquisa, destacando suas contribuições teológicas, práticas e pastorais.

2. DEFINIÇÕES E CONCEITOS

2.1 Definição de aconselhamento bíblico

Algo tão preocupante é o coração do ser humano, o quanto é complexo e corrupto, de forma que carece de orientação profunda e oriunda das Escrituras Sagradas. Sendo assim o aconselhamento surge como uma ferramenta essencial no cuidado pastoral do coração do homem e da mulher. Diante disso, muitos autores ressaltam a sua relevância a diversas vertentes dentro do contexto cristão, como destaca de forma relevante, MacArthur:

“Em anos recentes, contudo, tem havido um movimento forte e de grande influência dentro da Igreja de tentar substituir o aconselhamento bíblico no corpo local pela “psicologia cristã”, com técnicas e sabedoria provenientes de terapias seculares e oferecidas fundamentalmente por profissionais remunerados. Aqueles que defendem esse movimento soam, muitas vezes, vagamente bíblicos, ou seja, eles citam as Escrituras e frequentemente misturam ideias teológicas com os ensinamentos de Freud, Rogers, Jung ou qualquer outra escola de psicologia secular que decidiram seguir. No entanto, é notável que esse movimento não esteja conduzindo a Igreja numa direção bíblica. Ele tem levado os cristãos a acreditar que o aconselhamento é algo que deve ser feito apenas por especialistas treinados. Com isso, uma porta foi aberta para toda a gama de teorias e terapias extrabíblicas.” (MACARTHUR; MACK, 2016, p. 22) ⁴

É claro e profundo o que estamos vendo no tocante às vertentes tomadas pelos “expertos em aconselhamentos”, uma visão puramente técnica e superficial. Abordagens que incentivam a psicologização terapêutica, onde suas linhas são distantes das linhas que acomodam a verdade bíblica. Não basta uma roupagem bíblica, um molde encapsulado no engano das respostas humanas, onde promovem uma espiritualidade superficial, tornando consciente o inconsciente, promovendo insight e liberdade psíquica, essas são as roupagens de Freud, Rogers, Jung.

Outros autores também destacam que o aconselhamento bíblico, é resposta aos problemas sempre quando estão alicerçadas nas Sagradas Escrituras. Isso esclarece que o importante são os alicerces onde estão construídas as bases dos

⁴ MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros*. Tradução de Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p. 22.

aconselhamentos. Nesse sentido, Babler, Johnson e Kim (2016, p. 88)⁵ afirmam: “O aconselhamento bíblico consiste em ministrar as Escrituras àqueles que enfrentam problemas ou que desejam a sabedoria e a orientação de Deus.”

A afirmação de Babler e Ellen traz luz na essência do aconselhamento bíblico, trazendo distância das teorias, dos métodos seculares. o conselho bíblico busca tratar e corrigir aqueles que estão presos aos problemas matrimoniais, trazendo edificação espiritual, onde a palavra de Deus é o estandarte de toda prática do Cristo.

Jay E. Adams, traz uma perspectiva espiritual essencial do aconselhamento bíblico ao afirmar:

“O aconselhamento pertence ao ministério do Espírito Santo. Não se pode realizar aconselhamento eficaz à parte dEle. Ele é chamado Paráclito (1) (“Conselheiro”), que veio no lugar de Cristo para ser outro Conselheiro (2) da mesma espécie que Cristo havia sido para os Seus discípulos. (3) Os conselheiros não salvos não conhecem o Espírito Santo; por isso, ignoram Sua atividade aconselhadora e deixam de recorrer a Ele em busca de direção e poder.” (ADAMS, 1977, p. 37).⁶

Fica claro por Adams, que o aconselhamento bíblico transcende a uma visão teórica ou cristianizada por linhas seculares. De fato, é um ministério amparado nas Escrituras, na ação do Espírito Santo. Adams destacou que não há aconselhamento divorciado do Espírito Santo e da fonte da verdade que é a Escritura Sagrada, onde surgem todos os efeitos de transformação no coração do aconselhado.

Conforme nos aprofundamos na compreensão do aconselhamento bíblico, torna-se claro que não basta apenas aplicar técnicas ou simplesmente trazer utilidade a prática do aconselhamento, ou trazer meras soluções no comportamento dos envolvidos. O ponto é além disso, é levar Cristo para o centro dos corações e apresentar Cristo como a única referência plena e suficiente para moldar o coração. Também não seria suficiente apenas usar a bíblia como um complemento, mas deve ocupar a autoridade plena.

Nesse sentido, uma importante contribuição é apresentada em *Nada além das Escrituras: o aconselhamento e a Palavra de Deus*:

“O Aconselhamento Cristão, o Cristo da Bíblia não deve ser um apêndice. Ele não é um ‘energético’ para sobrevivermos ‘a um estilo de vida agitado’. Ele

⁵ **BABLER, John; JOHNSON, T. Dale; KIM, Paul Taidoo.** O que é aconselhamento bíblico? In: BABLER, John; ELLEN, Nicolas (org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas*. Tradução de Maria Cecília Alfano. 1. ed. São Paulo: NUTRA Publicações, 2016. p. 88.

⁶ **ADAMS, Jay E.** *Conselheiro capaz*. Tradução de Odayr Olivetti. São José dos Campos, SP: Fiel, 1977. 272 p. Tradução de: *Competent to counsel*. ISBN 9788599145531. p. 37.

precisa estar no centro tanto quanto em todo o perímetro do nosso aconselhamento. [...]” (HINDSON; EYRICH, 2018, p. 41).⁷

Esta citação destaca que o aconselhamento não deve ser visto como apenas um meio, mas deve ser bíblico e ter como foco essencial a conformidade do ser humano à imagem de Cristo. Isso nos levará a compreender que as batalhas emocionais, ou mesmo espirituais tem sua causa no distanciamento como caráter de Jesus Cristo.

Ampliando essa compreensão, percebe-se que o aconselhamento bíblico ultrapassa a aplicação de técnicas. Ele não é uma atividade isolada ou destinada apenas a profissionais, mas um chamado para todo crente regenerado.

Nesse sentido, Babler e Ellen (2016, p. 89) oferecem uma definição abrangente e teologicamente fundamentada, que reforça a natureza e o propósito do aconselhamento bíblico no contexto eclesial:

“O aconselhamento bíblico é um ministério da igreja local no qual os crentes em Cristo (Jo 3.3-8), habitados, capacitados e guiados pelo Espírito Santo (Jo 14.26), ministram a outros a Palavra viva e ativa de Deus (Hb 4.12), buscando evangelizar os perdidos e ensinar os salvos (Mt 28.18-20). O aconselhamento bíblico está baseado na convicção de que as Escrituras são suficientes para a tarefa de aconselhar e superiores a qualquer outro material que o mundo tenha para oferecer (2 Tm 3.16,17; Hb 4.12; 2 Pe 1.3,4; Sl 119; Tg 4.4).”⁸

Diante disso, concluímos algumas destas posições sobre o aconselhamento bíblico. E entendemos que o ato de aconselhar transcende a resolução de conflitos, é colocar Cristo como resposta, ao crescimento, a santificação espiritual, e é justamente por isso que Cristo não pode ser apenas uma peça neste todo.

Compreendemos que o aconselhamento bíblico é uma expressão prática do cuidado de Deus por meio de Sua Igreja, guiado por princípios bíblicos e pela presença do próprio Espírito Santo, o Conselheiro por excelência.

Essa declaração finaliza de maneira contundente a seção de definições e conceitos ao reafirmar que o aconselhamento bíblico é, essencialmente, um exercício

⁷ HINDSON, Edward; EYRICH, Howard (orgs.). *Nada além das Escrituras: o aconselhamento e a Palavra de Deus*. Tradução de Maria Cecília Alfano. 1. ed. São Paulo: NUTRA Publicações, 2018. p. 41.

⁸ JOHN BABLER e Nicolas ELLEN (orgs.), *Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas*, tradução de Maria Cecília Alfano, 1. ed. (São Paulo: NUTRA Publicações, 2016), p. 89.

de discipulado e edificação cristã, sob a direção do Espírito Santo e com base nas Escrituras Sagradas.

Após entendermos brevemente a definição do aconselhamento bíblico, torna-se fundamental observar como essa prática se desenvolve na vida cotidiana, especialmente no contexto familiar, onde muitos dos desafios mais profundos e recorrentes do ser humano se manifestam. A família, como instituição estabelecida por Deus, é um ambiente essencial para a formação do caráter. Por isso, o aconselhamento bíblico precisa ser capaz de oferecer direção sábia, sensível e fundamentada nas Escrituras para lidar com as questões da vida matrimonial.

Diante disso, abordaremos a seguir como a Bíblia guia a prática do aconselhamento sábio nas questões familiares, analisando a aplicação da sabedoria tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

2.2 Definição de infidelidade conjugal e sua dinâmica sistêmica no âmbito familiar.

2.2.1 Fundamento Bíblico da infidelidade conjugal.

A abordagem bíblica da infidelidade conjugal precisa ser construída exclusivamente a partir das Escrituras. A Bíblia define a infidelidade como a violação da aliança matrimonial que o próprio Deus instituiu. O casamento é apresentado como um pacto singular, no qual homem e mulher tornam-se uma unidade plena: “...tornando-se os dois uma só carne.” (Gn 2.24, ARA).

Esse princípio revela que a relação conjugal envolve unidade espiritual, emocional e física, e é sustentada por fidelidade, compromisso e exclusividade. Toda ruptura desse vínculo fere não apenas o cônjuge, mas a estrutura espiritual do próprio pacto que Deus criou.

A infidelidade aparece na Escritura sob o termo adultério, tratado como pecado grave e explicitamente proibido: “Não adulterarás.” (Êx 20.14, ARA).

Jesus amplia essa compreensão ao mostrar que o adultério tem origem interior, antes de se manifestar externamente: “Mas eu vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura no coração, já adulterou com ela.” (Mt 5.28, ARA).

Assim, a infidelidade não se reduz a um comportamento visível, mas nasce na dimensão do coração, onde desejos pecaminosos, idolatria e distorções espirituais são alimentados.

2.2.2 A infidelidade como violação da aliança diante de Deus

As Escrituras também apresentam o adultério como um ato de deslealdade contra Deus, e não apenas contra o cônjuge. O Senhor declara-se testemunha da aliança matrimonial e denuncia a infidelidade como traição espiritual: “Porque o Senhor foi testemunha entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal.” (Ml 2.14, ARA).

A Bíblia ainda expõe o engano e a cegueira moral que frequentemente acompanham o adúltero: “assim procede a mulher adúltera: come, limpa a boca e diz: Não fiz mal nenhum.” (Pv 30.20, ARA).

Desses textos sobressaem características claras da infidelidade:

- deslealdade ao pacto,
- pecado contra o cônjuge,
- afronta direta ao Deus da aliança,
- quebra da comunhão espiritual.

Jesus reafirma que o adultério é fruto de um coração corrompido: “Porque do coração procedem... adultérios...” (Mt 15.19, ARA).

2.2.3 Dinâmica sistêmica da infidelidade no âmbito familiar

Embora cometido por um indivíduo, o adultério nunca permanece isolado. A Escritura evidencia que ele produz abalos profundos em toda a estrutura familiar. Seus efeitos atingem a confiança, a estabilidade emocional, a integridade espiritual e o equilíbrio relacional do lar.

a. Abalo da confiança e ruptura da unidade conjugal

A unidade da “*uma só carne*” é desprezada quando ocorre infidelidade. Jesus reafirma o caráter indivisível desse vínculo: “assim, já não são dois, mas uma só carne.

Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.” (Mt 19.6, ARA). O adultério rompe essa unidade, criando uma divisão que corrói as bases do relacionamento.

b. Feridas emocionais profundas no cônjuge traído

A dor experimentada por quem sofre a infidelidade é descrita de forma intensa: “Porque ciúme é o furor do marido... nada aceitará, ainda que ofereças muitos presentes.” (Pv 6.34–35, ARA). Esse texto revela que a traição gera, dor, ira, insegurança e perda de paz.

c. Ruína moral e espiritual que alcança toda a família

O adultério conduz a um processo de autodestruição espiritual: “O que adultera com uma mulher está fora de si; só mesmo quem quer arruinar-se é que pratica tal coisa.” (Pv 6.32, ARA). Essa destruição se manifesta por meio de:

- Ruína espiritual;
- Vergonha moral;
- Perda de honra e desordem familiar.

d. Contaminação espiritual do lar

O apóstolo Paulo alerta que certos pecados abrem espaço para atuação maligna: “Não deis lugar ao diabo.” (Ef 4.27, ARA). A infidelidade cria esse espaço por meio de:

Mentiras;
Ocultações;
Amargura.

À luz das Escrituras, a infidelidade conjugal é a quebra pecaminosa da aliança matrimonial, violando o princípio da “uma só carne” e produzindo efeitos espirituais, emocionais e relacionais que se estendem por toda a família.

Diante disso, abordaremos na sequência como a Bíblia guia a prática do aconselhamento sábio nas questões familiares, analisando a aplicação da sabedoria tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

3. COMO A BÍBLIA GUIA A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO SÁBIO NAS QUESTÕES DA VIDA FAMILIAR?

3.1 A aplicação da sabedoria no aconselhamento no Antigo Testamento.

“Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.” (Gênesis 2.18 ARA). Deus estabeleceu que a companhia é essencial à natureza humana, destacando sua constituição social e necessidade de relacionamento, assim como esclarece (Tozer, 2013):

“E a vontade do Senhor ao criar Adão e Eva resume-se naquilo que eles podiam fazer em relação a Ele; algo que nada mais, em toda a criação, podia fazer, pois tinham exclusividade com o Altíssimo que nenhuma outra criatura possuía. Ao contrário de tudo neste mundo sobrenatural e maravilhoso da criação de Deus, Adão e Eva podiam adorá-Lo; e o próprio Deus propiciou tudo para a adoração.” (Tozer, 2013, p. 24).⁹

O que Tozer destaca é que Deus criou o ser humano (homem e mulher) com o único propósito de ter comunhão e adoração com Ele, e nenhuma outra criatura tinha a possibilidade de se relacionar de tal forma.

A narrativa da formação da mulher revela que o ser humano foi criado para existir em comunhão com Deus e em interação com o próximo. Assim, fortalecer tais laços significa, em alguma medida, reconstruir a comunhão que o próprio Deus instituiu entre o homem e a mulher.

Conforme ensina o Catecismo Maior (WESTMINSTER, 2018, p. 7), na pergunta 1 da primeira parte, página 7¹⁰, onde destaca que o propósito para o qual o homem existe é puramente glorificar a Deus e gozá-lo para sempre, onde o salmista Davi expõe em Salmos 73.24-28 “... Deus nos ensina como O glorificar e que devemos gozá-LO para sempre.

O que se destaca aqui, é a sabedoria do próprio Deus, mostrando e orientando através do Antigo Testamento, revelando a sabedoria de Deus em levar o homem e a mulher em todos os aspectos da vida, mas para a glória e louvor do próprio Deus. É

⁹ TOZER, Aiden Wilson. *O propósito do homem: criado para adorar*. Tradução de Roberto Alves de Sant Anna Júnio. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2013. p. 24.

¹⁰ ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *O catecismo maior*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 7.

nas Escrituras que encontramos a questão do relacionamento entre homem e mulher, assim como o próprio relacionamento matrimonial que sem sombra de dúvidas procede do próprio Deus. Conforme observa Douglas Wilson (2013, p. 12)¹¹ em sua obra *Reformando o Casamento: a vida conjugal conforme o Evangelho*, o propósito fundamental do matrimônio não está centrado na busca da felicidade pessoal, mas na glorificação de Deus. O autor parafraseia o Catecismo assim: “o fim principal do casamento é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”. Para o autor, a infelicidade no casamento decorre, muitas vezes, da idolatria conjugal, quando se coloca a instituição acima de Deus. Assim, Wilson enfatiza que a prioridade não deve ser a satisfação individual, mas a exaltação do Senhor no contexto da vida a dois.

É nas Escrituras Sagradas e precisamente no Gênesis que encontramos o destaque que fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Deus na sua infinita sabedoria viu de forma perfeita que Adão carecia de uma auxiliadora para caminhar juntos sobre a visão de Deus, sendo uma auxiliadora idônea; então o que nos chama a atenção é que todo esse movimento vem de iniciativa do próprio Deus, ou seja, não teve a mão do homem, não teve o propósito humano. Isso nos mostra que tudo era perfeito e ideal para que ambos, homem e mulher pudessem estar juntos e alinhados desde que houvesse obediência a Deus. O responsável pelo cuidado e a harmonia era o próprio Deus, tudo estava nos eixos e propósito perfeito.

A união do homem com a mulher era algo vindo do soberano Deus, sem a mão do homem, conforme Gn 2.18.

Esse princípio é fundamental para o aconselhamento bíblico na esfera familiar, pois revela que o modelo de casamento está enraizado na criação e no propósito original do Criador e não da criatura. Sobre essa realidade, Köstenberger (2015, p. 30) explica:

“Deus criou apenas uma ‘ajudadora adequada’ para Adão e ela era mulher. Além do mais, foi Deus quem percebeu a solidão do homem e, por isso, criou a mulher. O texto bíblico não dá nenhuma indicação de que o próprio Adão tivesse consciência de sua solidão ou estivesse descontente com o fato de ser solteiro. Antes, mostra que Deus tomou a iniciativa de criar uma companheira humana compatível para o homem. Por esse motivo, podemos afirmar que o casamento foi ideia

¹¹ WILSON, Douglas. *Reformando o casamento: a vida conjugal conforme o Evangelho*. São Paulo: Gospel Living for Couples, 2013.

de Deus e que foi Deus quem criou a mulher, segundo sua vontade soberana, como 'ajudadora adequada' para o homem (Gn 2.18,20)."¹²

Esse princípio é fundamental para o aconselhamento bíblico na esfera familiar, pois revela que o modelo de casamento está enraizado na criação e no propósito original do Criador. Sobre essa realidade, Köstenberger (2015, p. 27) explica:

Apesar de ser um tema importante nas Escrituras, o casamento não é o enfoque principal da revelação divina. O propósito central é mostrar como Deus trouxe a salvação em Jesus Cristo, por meio d'Ele, a restauração de todas as coisas, incluindo o casamento.¹³

Essa citação enfatiza que, mesmo sendo o casamento uma instituição divina, ele é uma parte do plano maior de redenção que Deus cumpre por meio de Cristo, uma verdade que é revelada em todo o Antigo Testamento. Compreendemos então que o plano desde a eternidade já contemplava esse relacionamento entre homem e mulher, e sem dúvidas a essência era o cumprimento de levar o homem a expressar a imagem de Deus frente a seus relacionamentos, precisamente com Eva, mostrando que tudo estava perfeito, até o homem buscar seus próprios desejos, se afastando do próprio Deus.

A própria lei Mosaica, exposta no Antigo Testamento, possui normas que vão além de meras regras, meras regulações, mas relacionam-se com o próprio Deus e para o bem espiritual do próprio homem e com os seus, ou seja, trata-se de uma relação de obediência, que une o homem ao seu Criador, não é apenas cumprimento de mandamentos, mas um privilégio santo: uma fidelidade que molda a vida diante de Deus, transforma o convívio com o próximo e resguarda a integridade do relacionamento conjugal.

Como ressalta Grudem (1999), a infidelidade, sob a ótica da Lei, destaca que: "aquele que observar os seus preceitos por eles viverá" (Gn 3.12; cf. Rm 10.5), "não é meramente uma transgressão ética ou uma quebra de confiança entre cônjuges,

¹² KÖSTENBERGER, Andreas J.; JONES, David W. *Deus, casamento e família: reconstruindo o fundamento bíblico*. Tradução de Susana Klassen. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 30.

¹³ KÖSTENBERGER, Andreas J.; JONES, David W. *Deus, casamento e família: reconstruindo o fundamento bíblico*. Tradução de Susana Klassen. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 27.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: uma introdução à doutrina bíblica*. Tradução de vários tradutores. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 426. Tradução de: *Systematic Theology*. ISBN 85-275-0270-4.

mas uma violação da aliança divina, que reflete a relação entre Deus e Israel" (Grudem, 1999, p. 426).¹⁴

Aqui vemos o matrimônio com caráter pactual, e nesse contexto a legislação mosaica não apenas preserva a ordem social; assim, a lei mosaica não apenas regula a vida social, mas também reflete a integridade do relacionamento entre Deus e o homem, destacando que a fidelidade conjugal está diretamente associada à fidelidade ao Deus Criador.

Entendemos que esse relacionamento, esse pacto é sagrado e quando desobedecemos a Deus, chegamos a subir na plataforma da infidelidade conjugal, acarretando ao que chamamos de pecado grave, de rompimento da integridade com Deus e com o próximo.

No contexto da Lei, práticas como o adultério eram severamente condenadas, com penas que visavam tanto a punição do culpado quanto a purificação da comunidade. Conforme Levítico 20.10, "Se um homem adulterar com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera."¹⁵ A base para essa severidade mora no entendimento de que o casamento é mais do que um contrato social; é uma aliança sagrada. Adans destaca que:

“...Deus diz que vocês se devem amar mutuamente. Quando vocês repreendê-lo a fazê-lo, os sentimentos de amor reaparecem. O amor, não começa pelo sentimento; começa pela vida de obediência.” (Adams, 2000, p. 118)¹⁶.

Ou seja, Adams enfatiza que o amor conjugal, no entendimento bíblico, não é primariamente um sentimento que passa, mas uma decisão contínua de viver em obediência aos mandamentos de Deus. Essa perspectiva se alinha com a severidade da Lei Mosaica em relação ao adultério (Lv 20.10), porque justamente a fraqueza está no entendimento de que a fidelidade não se sustenta apenas em emoções, nos sentimentos, mas na escolha intencional diária de honrar a aliança estabelecida diante de Deus.

¹⁴ **GRUDEM, Wayne.** *Teologia sistemática: uma introdução à doutrina bíblica*. Tradução de vários tradutores. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 426. Tradução de: *Systematic Theology*. ISBN 85-275-0270-4. p. 426

¹⁵ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Lv 20.10.

¹⁶ ADAMS, Jay E. *Manual de Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Editora Fiel, 2000. p. 118.

Quando analisamos o Antigo Testamento em relação as posições de fidelidade, não era apenas uma vertente moralista, mas o grande pano de fundo era o real relacionamento de Deus com o seu povo.

Quando tratamos da Lei Mosaica, também era muito além de uma régua costumeira, era a profunda intenção e provocação a uma preservação da santidade de Deus com os seus, ou seja, era uma relação divina, espelhando a comunhão de Deus com o seu povo. Em Gênesis 2.24 e citado também por Piper, vislumbramos claramente esse conceito:

“O mistério é que o casamento descrito é uma parábola ou símbolo do relacionamento de Cristo com seu povo. Havia mais coisas acontecendo na criação da mulher do que se percebe à primeira vista. Deus não faz as coisas à toa. Tudo tem propósito e sentido. Quando Deus se propôs criar homem e mulher e ordenar a união do casamento, ele não jogou dados nem palitos nem lançou uma moeda no ar para determinar como eles deveriam se relacionar. Ele organizou o casamento intencionalmente de acordo com o relacionamento entre seu Filho e a igreja, que ele já tinha planejado lá na eternidade.” (PIPER, 2001, p. 110).¹⁷

Quando tratamos de aconselhar, o ponto central é trazer a imagem de Deus para dentro dos corações, refletindo Cristo de forma intencional, mostrando que o matrimônio não é um viver no impulso do sentimento, mas criar uma conduta de apropriação das verdades essenciais para uma vida que agrada o plano estabelecido por Deus, o relacionamento intencional com Ele. Dessa forma o Antigo Testamento é a fonte rica profunda que levará o relacionamento verdadeiro além do que sentimos ou pensamos, conforme, cita Adams:

O aconselhamento orientado para os sentimentos (e grande parte do aconselhamento comum é assim) está nas mãos de Satanás, que venceu o primeiro homem e a primeira mulher por meio do desejo. Incentivar os aconselhados a seguirem seus sentimentos em vez de obedecer à Palavra de Deus é colocar-se do lado de Satanás, solidificar o problema original e dar lugar às complicações que surgem depois do comportamento pecaminoso. É tomar o partido do problema e de suas causas em vez da solução. (Adams, *Manual del Consejero Cristiano*, p. 133).¹⁸

¹⁷ PIPER, John. *Teologia da alegria: a plenitude da satisfação em Deus*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2001. p. 110.

¹⁸ ADAMS, Jay E. *Manual del consejero cristiano*. Versão espanhola de Elíseo Vila. Terrassa (Barcelona): Editorial CLIE, 1984. ISBN 84-7228-923-0. p. 133.

Quando analisamos esta citação de Adams, passamos a nos preocupar e a nos perguntar; onde está realmente enraizado o fundamento dos nossos sentimentos? E Adams parte direto para a resposta, mostrando que os sentimentos não são o mais importante, não são os balizadores, não são os pilares, não são os pontos de partida num processo de aconselhamento bíblicos. São na verdade mostruários de uma vida egoísta e obstinada a replicar comportamentos que já conhecemos ao longo dos relatos da criação, o homem tomando partido, longe do conselho de Deus. O Antigo Testamento a relembrar a nossa mente, a olhar, a buscar os conselhos sábios de Deus.

Nada adianta a busca por alinhamento e validação dos sentimentos humanos que nada mais é que uma busca infrutífera do coração corrupto. Jeremias destaca claramente essa questão do coração humano, onde diz que estamos corrompidos pelo pecado e incapazes de oferecer direção segura. Ou seja, relacionamentos atados e conduzidos pelo calor dos sentimentos conduzem o relacionamento ao caos.

Então, quando avaliamos os nossos sentimentos como referência e árbitro, o conselheiro bíblico não conduz a solução, mas simplesmente reforça o caráter do pecado no coração humano. Reforçando a linha de pensamento de Adams, não podemos incentivar o aconselhamento a seguir o que sente, em detrimento da obediência às Escrituras, onde tal comportamento é assemelhar ou mesmo alinha-se ao engano de satânico que levou a humanidade à queda, conforme destaca Gênesis.

É neste ponto que o aconselhando não deve ser cúmplice desta orientação carnal. A função é submeter os sentimentos à Palavra, conduzindo a um ordenamento consolidado, estruturado segundo a vontade de Deus. Agora, caso isso não seja o padrão, o resultado é o fortalecimento da raiz do pecado, distanciando para o caminho da restauração. O que precisa ficar claro é que o que Provérbios 1.7 declara: “O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os insensatos desprezam a sabedoria e o ensino.” É neste princípio que enxergamos o temor a Deus, sendo base sólida em toda a sabedoria e conseqüentemente, da integridade no casamento, que reflete a santidade da relação na união entre Deus e o seu povo.

No entanto, quando o homem rejeita esse princípio, abre-se espaço para a corrupção da natureza humana e o fortalecimento da raiz do pecado. Essa realidade,

que já se revela no Éden, encontra aprofundamento teológico na Confissão de Fé de Westminster¹⁹, Capítulo 6, Seção 3, declara-se:

“o delito dos seus pecados foi imputado a seus filhos; e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária” (com base em Gênesis 2.17).

Tal afirmação reforça a compreensão bíblica de que o pecado afeta não apenas o indivíduo, mas todo o núcleo familiar e suas futuras gerações, o que inclui as consequências da infidelidade conjugal no contexto familiar e espiritual.

Pela queda no pecado, o ser humano tornou-se, perverso e transgressor contra o próprio Deus e contra seu próximo. Imediatamente a espécie humana morreu espiritualmente e começou a morrer fisicamente e relacionalmente.

Assim, observa-se que a corrupção não se limita ao mero aspecto individual, mas também alcança o nível relacional. O desvio, radicado na geração de Adão, afeta não apenas o relacionamento humano com Deus, mas igualmente os vínculos mais fundamentais entre homem e mulher.

Nesse ponto, é oportuno considerar a reflexão de Douglas Wilson, Reformando o Casamento ressalta como a própria designação da mulher revela tanto sua origem no homem quanto a dependência do homem dela, evidenciando a mútua interdependência estabelecida por Deus no matrimônio.

“O primeiro nome dado à mulher revela sua dependência do homem - ela foi tomada do homem. O segundo revela a dependência que o homem tem dela - todo homem desde então é dela filho” (Wilson, 2012, p. 18-19)²⁰

Esse encontro entre homem e mulher é fundamental para o entendimento bíblico sobre o casamento, pois é um eixo central para a compreensão bíblica do matrimônio. Então, o aconselhamento sábio no Antigo Testamento transita

¹⁹ HODGE, A. A. *Confissão de Fé de Westminster comentada*. Trad. Valter Graciano Martins. Do original *Confession of Faith*, de Alexander A. Hodge. Edição da Banner of Truth Trust. São Paulo: Editora Os Puritanos, [s.d.]. Cap. 6, § 3, p. 155.

²⁰ DOUGLAS, Wilson. *Reformando o casamento: a vida conjugal conforme o evangelho*. Tradução de Márcio Santana Sobrinho. Revisão de Rachel van de Burgt; Waldemir Magalhães. 1. ed. em português. Recife: CLIRE, 2013. Editor: Kenneth Wieske, p. 18-19.

diretamente nessa compreensão relacional entre homem e mulher, e isso é estabelecido por Deus desde a criação, conforme destaca Gênesis 2.23-24)²¹

Cabe destacar que a Bíblia nos mostra que Deus coloca o homem (Adão) no jardim e dá uma tarefa para desempenhar. Vemos que algo precisava acontecer, Deus traz a vida a mulher (Eva), completando a sua obra, pois antes Adão estava incompleto, faltava a sua auxiliadora idônea.

Assim, o surgimento da mulher ao lado do homem não apenas completou a criação divina, mas também estabeleceu o fundamento para a vida em comunhão, que deveria ser marcada pela unidade e fidelidade. Quando essa unidade é quebrada, seja por falha moral ou por infidelidade, toda a estrutura do matrimônio sofre abalo. Por isso, compreender o propósito original de Deus para o casamento torna-se essencial para lidar com as crises que surgem na vida familiar.

Compreender esse princípio é fundamental para combater os desafios no seio da família, precisamente em situações de infidelidade, que vão de frente à confiança e desmoronam a comunhão do lar. A Escritura Sagrada mostra que a restauração dessa aliança não se dá pelo esforço humano, mas pela aplicação de valores bíblicos como o arrependimento integral, a disposição para a reconciliação, o exercício do perdão e a renovação do pacto conjugal. Toda cura de uma aliança quebrada surge de um coração que reconhece sua falha e se volta humildemente, como ilustra a parábola do filho pródigo (Lc 15.17-20).

Nesse contexto, (BABLER; ELLEN, 2016, P. 93):²² “O mais importante para um indivíduo é a sua esperança na eternidade, e um conselheiro que procura ser cristão deve dar prioridade à esperança do evangelho conforme Deus dá em sua palavra.”

Para os autores, qualquer tentativa de resolução que ignore o poder redentor de Cristo, tende a reduzir o teor do problema, promover uma autojustiça inexistente e trazendo falta de paz, um falso alívio, isento de culpa. O resultado disso é um coração duro, trazendo fumaça frente a verdade, dificultando o processo de transformação real.

²¹ João Ferreira de Almeida, trans., [Nova Almeida Atualizada](#), Edição Revista e Atualizada®, 3ª edição. (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), Gn 2.23–24.

²² Babler, John, e Nicolas Ellen. *Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas*. Tradução de Maria Cecília Alfano. São Paulo: NUTRA Publicações, 2016. P. 93

Dessa forma, ao compreender que a verdadeira restauração depende da obra redentora de Cristo, torna-se evidente que o casamento precisa ser visto em sua essência como uma aliança, cuja renovação, especialmente após crises como a infidelidade, é indispensável para que o relacionamento siga adiante, assim com reforça Piper:

"O casamento é a aliança entre um homem e uma mulher, na qual prometem serem marido e mulher fiéis numa nova aliança de uma só carne enquanto viverem. Essa aliança, selada com juramentos solenes, foi planejada para ser uma manifestação da graça fiel à aliança da parte de Deus. " (Piper, 2011, p. 40)²³.

Essa aliança que Piper destaca é uma união instruída por Deus, onde homem e mulher se comprometem de forma mútua a viverem até que a morte os separe. É mais que um companheirismo; é uma integração profunda, que reflete a intenção de Deus desde a criação (Gn .24).

Essa integração ou vínculo de amor e fidelidade, é essencial para restaurar um casamento em crise, encontra respaldo na sabedoria bíblica, como foi citado acima, e que não apenas orienta o casal a permanecer na aliança, mas também alerta sobre as consequências da quebra desse compromisso.

É nesse ponto que a Escritura se destaca-se forte e clara: se por um lado a aliança matrimonial reflete a vontade de Deus e conduz o casal à constante perseverança, por outro, também traz a luz algo sério, quando essa união é quebrada. A literatura sapiencial mostra e chama a atenção a esse alerta com instrução rigorosa, como em Provérbios 6.32, mostra: "O que adultera com uma mulher está fora de si; só mesmo quem quer arruinar-se é que pratica tal coisa."

Claramente vemos a Escritura dando uma advertência sobre a falta de entendimento e as consequências destrutivas do adultério.

Entendemos que a infidelidade não é apenas um deslize, um lapso, mas um rompimento que fratura toda a estrutura familiar, além do distanciamento do próprio Deus. Nada além do próprio reflexo de desobediência oriundo do pecado original.

Para enriquecer, todavia, essa perspectiva, o Antigo Testamento oferece uma vasta base de princípios e orientações a respeito do casamento e da fidelidade

²³ PIPER, John. *Casamento temporário*. Tradução de Marcos Vasconcelos. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p.40.

conjugal, refletindo tanto a seriedade do pecado do adultério quanto a misericórdia de Deus para aqueles que buscam arrependimento e restauração.

Ao ampliar essa visão, o Antigo Testamento se apresenta como uma fonte de verdades sobre o casamento e a lealdade conjugal, ressaltando, de um lado, o peso do adultério como pecado diante de Deus e, de outro, a abundante misericórdia oferecida àqueles que se arrependem e buscam ser restaurados.

Essas verdades são cruciais para a prática do aconselhamento bíblico, no que diz respeito à infidelidade conjugal, que é tratada de forma consistente ao longo das Escrituras.

Ao explorar diversos contextos do AT, podemos construir uma abordagem sólida para lidar com essas questões no aconselhamento pastoral, onde o profeta Isaías nos lembra que “Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; e o seu ouvido não está surdo, para não poder ouvir.” (Isaías 59.1), É importante lembrar que o perdão de Deus está sempre ao alcance de quem se volta a Ele, mesmo no caso do pecado da infidelidade conjugal. No aconselhamento, essa verdade deve servir como fonte de esperança e ânimo para aquele que, arrependido, busca restauração. Embora a traição fira profundamente o relacionamento, ela não está além do poder da graça divina. A história do profeta Oséias ilustra isso de forma marcante: mesmo diante da infidelidade do povo, Deus permaneceu fiel, mostrando que o perdão e a reconciliação são possíveis também no casamento (Os 1–3).

Essa compreensão dá firme sustentação ao conselheiro, que ao conduzir o processo de restauração deve sempre lembrar que a misericórdia de Deus é maior do que qualquer pecado, até mesmo os mais ruinosos.

Dessa forma, enquanto a misericórdia de Deus se revela como fonte de esperança e restauração para o adúltero arrependido, também é importante lembrar que a própria Lei já destacava a seriedade desse pecado.

Além disso, o mandamento “Não cometa adultério” (Êxodo 20.14), expressado de forma clara e direta e sem muitos detalhes a nós, traz a compreensão que era grave e já compreendido.

A simplicidade do mandamento aponta para o valor intrínseco da fidelidade matrimonial, e o conselheiro pode usá-lo para fortalecer a compreensão dos cônjuges sobre a importância de manterem seus votos e compromissos dentro da estrutura divina do casamento.

O livro de Provérbios no capítulo 6.32, nos chama a atenção a este gigante perigo que assola os corações, pois a palavra de Deus é clara quanto a questão dos desejos, pois nada mais é que uma declaração da própria natureza humana e caída, conforme descrito por João Calvino em "As Institutas", onde ele afirma que:

“O coração do homem é uma perpétua fábrica de ídolos. [...] A mente humana, cheia de temeridade e audácia, ousa imaginar um deus conforme a sua própria capacidade; como se tal imagem fosse um substituto adequado para Deus.” (Calvino, Institutas, I.11.8)²⁴

Calvino ressalta que o ser humano, em sua inclinação natural, procura insistentemente saciar seus próprios desejos de forma corrompida, elevando-os acima da obediência à vontade de Deus.

O conselheiro tem de servir dessa real instrução para levar o aconselhado a desenvolver recursos de domínio sobre suas inclinações e apetites, incentivando a busca por santidade moral e espiritual como meio de evitar a correnteza avassaladora do adultério. Veja que dentro da lei de Deus, a penalidade prevista para o adultério é duríssima conforme mostra Lv 20.10, onde tratamos anteriormente, trazendo a pura severidade. Embora hoje tal sentença não seja aplicada, o princípio do matrimônio e a gravidade do adultério permanecem em vigor, conforme a Escritura mostra.

No processo de aconselhamento, torna-se essencial equilibrar a consciência do peso do pecado com a proclamação do perdão disponível pela graça divina. Ademais, o texto de Deuteronômio 24.1-4, mostra que a lei mosaica, ao tratar do divórcio e do recasamento, não tinha o propósito de estimular a ruptura, mas de ordenar o caos gerado pela dureza do coração humano. Ainda que Deus condene o divórcio como algo contrário ao ideal da aliança, o texto revela que o recasamento, dentro das condições estabelecidas, não é rotulado como adultério. Assim, a passagem expressa simultaneamente a santidade do pacto e a misericórdia divina ao lidar com a fragilidade humana. Isso possibilita uma abordagem mais compassiva e realista ao lidar com casais que enfrentam a dissolução de seus lares e a perspectiva de uma nova união, sem, contudo, perder de vista os princípios bíblicos de fidelidade e compromisso.

²⁴ CALVINO, Juan. *Institución de la Religión Cristiana*. Traducida y publicada por Cipriano de la Valera en 1597. Reeditada por Luiz de Usó y Río en 1858. Nueva edición revisada en 1967. v. 1. São Paulo: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1967. **Livro I, cap. 11, § 8, p. 55.**

Em Malaquias 2.16, o Senhor expressa sua aversão ao divórcio, sobretudo quando o marido abandona 'a mulher da sua juventude'. Essa passagem ressalta o valor da fidelidade conjugal ao longo de toda a vida e reprovava a atitude de romper a aliança por razões banais. Ao refletir sobre as verdades centrais que caracterizam a natureza dessa aliança, Hernandes Dias Lopes faz referência a Malaquias 2.14, reforçando a seriedade e a santidade do compromisso matrimonial diante de Deus.

"...O casamento é uma aliança voluntária de amor entre um homem e uma mulher (Malaquias 2.14). O casamento não é compulsório, antes é uma escolha voluntária. Ninguém obriga duas pessoas a se casarem. Quando elas se unem nessa aliança, devotam amor um ao outro. Elas aceitam entrar debaixo do mesmo jugo. Elas fazem uma aliança, um pacto de pertencerem um ao outro, de cuidarem um do outro, de serem fiéis um ao outro. O casamento é um pacto (Pv 2.17). A Bíblia exorta o marido a alegrar-se com a mulher da sua mocidade (Pv 5.18)." (LOPES, 2006, p. 70).²⁵

O aconselhamento bíblico nos conduz a reafirmar que o matrimônio é uma aliança santa, estabelecida para perdurar por toda a vida. A ruptura desse vínculo é reprovada por Deus, que encara o divórcio como uma expressão de violência contra a própria aliança. Por isso, o papel do conselheiro deve ser sempre o de incentivar a reconciliação e a restauração, recordando que o propósito divino é a preservação do casamento e a prática constante da fidelidade.

O exercício do conselho sábio no Antigo Testamento não tinha apenas o propósito de manter a ordem social, mas também de restaurar e fortalecer os vínculos familiares segundo a vontade de Deus.

A infidelidade conjugal é expressão do pecado herdado desde a queda, porém a instrução divina — alicerçada na reverência ao Senhor, revelada nos mandamentos da Lei Mosaica e na sabedoria dos livros sapienciais — indica o caminho do arrependimento, do perdão e da restauração.

Esse aconselhamento fundamentado nas Escrituras busca conduzir os cônjuges a uma vida marcada pela santidade e fidelidade, renovando a aliança conjugal como reflexo da própria aliança de Deus com o Seu povo.

Assim, o conselho sábio do Antigo Testamento não apenas restaura relações quebradas, mas também aponta para a fidelidade imutável da aliança do Senhor. Essa

²⁵LOPES, Hernandes Dias. Malaquias: a igreja no tribunal de Deus. Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2006. p. 70.

compreensão abre caminho para a plena revelação da sabedoria em Cristo, que no Novo Testamento se apresenta como o modelo perfeito de aconselhamento e de direção centrada no evangelho.

3.2 A aplicação da sabedoria no aconselhamento no Novo Testamento.

A centralidade da sabedoria no aconselhamento bíblico revela que essa prática, à luz do Novo Testamento, não pode ser reduzida a um recurso terapêutico ou a uma técnica psicológica. O aconselhamento bíblico deve ser compreendido como parte orgânica da caminhada espiritual, em que cada palavra, direção e exortação se enraízam na obra santificadora do Espírito Santo. Nessa dimensão, aconselhar não significa apenas lidar com dilemas ou oferecer soluções práticas, mas cooperar com o processo divino que molda o ser humano à semelhança de Cristo, transformando sua mente, seus afetos e suas escolhas cotidianas.

Eis o grande desafio do aconselhamento é fazer esta sintonia bíblica e teológica na raiz das Escrituras Sagradas. Nessa direção Adams contribui categoricamente onde destaca essa linha psicologizada, que distancia a obra do Espírito Santo em todo o processo de aconselhamento. Conforme expresso por Adams:

“Se o aconselhamento é, em essência, um aspecto da obra de santificação, então o Espírito Santo, cuja obra principal no homem regenerado é santificá-lo (ver também Ezequiel 36:25-27), deve ser considerado como a Pessoa mais importante no contexto do aconselhamento.” (ADAMS, 1984, p. 20).²⁶

Adams destacou que o aconselhamento sábio no Novo Testamento está profundamente conectado ao conceito de santificação, onde cada crente é chamado a refletir a imagem de Cristo. O evangelho de João 17.17, nos leva nessa direção da santificação: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. “Ou seja, não há como falar de aconselhamento se não houver santificação. Assim, a restauração de um casamento marcado pela infidelidade deve seguir o modelo da reconciliação ensinada nas Escrituras.

Vemos que o aconselhamento bíblico é parte indissociável da santificação, muito além apenas de práticas, mas o Espírito Santo é o caminho que leva a

²⁶ ADAMS, Jay E. *Manual del consejero cristiano*. Versão espanhola de Elíseo Vila. Barcelona: CLIE, 1984. p.20.

transformação Dentro desse processo, o perdão tem primazia do início ao fim. Quando entendemos que a santificação é realmente um processo que reflete o caráter de Cristo, então perdoar torna-se uma ação intrínseca para a reconciliação de uma vida a dois.

Assim, no aconselhamento inspirado pelo Novo Testamento, a sabedoria pastoral não evita o tema, ainda que doloroso seja, mas parte para a confiança de que Cristo é o protagonista nesta reconciliação, onde o pedir perdão é obra de Cristo, pela graça. É por isso que o apóstolo Paulo ensina: “Antes, sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo” (Ef 4.32). Sobre esse ponto, Jay Adams destaca:

Nem é preciso dizer que uma vez que nosso perdão é modelado pelo de Deus (Ef 4.32), ele deve ser condicional. O perdão de Deus repousa sobre condições inconfundivelmente claras. Os apóstolos não apenas anunciaram que Deus havia perdoado homens, que devem reconhecer e se alegrar no fato, porém, mais exatamente, foram enviados a pregar "arrependimento e perdão de pecados" (Lucas 24.47; Atos 17.30). Os pecados dos que se arrependeram e confiaram no Salvador como o que derramou seu sangue por eles foram perdoados nas condições de arrependimento e fé. Paulo e os apóstolos afastaram-se dos que se recusaram a cumprir as condições, assim como João e Jesus fizeram antes, quando os escribas e os fariseus não se arrependeram. (ADAMS, 2015, p. 47) ²⁷

Quando vemos Adams tratar deste tema do perdão para a reconciliação, ele trata como algo oriundo do próprio Deus, vindo da própria Escritura, distante do braço e da ação humana. Se passou o tempo da ignorância, da inocência, e entramos no conhecimento das Escrituras Sagradas, não havendo espaço para negar o arrependimento e a fé.

Essa perspectiva ressalta que o perdão bíblico é inseparável da santificação, porque exige transformação do coração do ofensor e a disposição do ofendido em refletir sobre a obra de Cristo. O Novo Testamento confirma esse princípio ao ensinar que o perdão cristão está diretamente ligado ao arrependimento e à fé, como evidenciam as palavras de Jesus em Lucas 24.47 e a proclamação apostólica em Atos

²⁷ ADAMS, Jay E. *De perdoado a perdoador*. Tradução de Luís Fernando de Souza Alves e Maria Isabel Corcete Dutra. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2015. p.47

17.30, estabelecendo o padrão divino que deve nortear consequentemente o aconselhamento bíblico.

A carta de Paulo aos Colossenses nos ensina que a restauração genuína dos relacionamentos e a prática do aconselhamento bíblico, têm base exclusiva na própria sabedoria de Deus. E essa sabedoria não pode se acomodar apenas como instruções ou dicas de conveniências, mas deve projetar a própria presença de Cristo e com consequência a obra renovação do Espírito Santo na vida dos aconselhados.

Então poderíamos dizer que o aconselhamento bíblico tem um papel redentor, trazendo a ligação dos laços quebrados, das famílias e da própria igreja a Cristo Jesus, pois o arrependimento traz a reconciliação por meio da graça de Jesus.

Quando a Palavra de Cristo habita ricamente no coração, ela se torna fonte de orientação, consolo e exortação, capacitando os fiéis a viverem em harmonia e a refletirem o caráter de Jesus em suas relações diárias.

Isso demonstra que o conselho sábio está fundamentado na Palavra de Cristo, aplicada para a edificação mútua e correção fraternal, essenciais no aconselhamento familiar. Wayne Grudem afirma que:

Assim como o corpo humano necessita diariamente de alimento físico para manter-se saudável, a vida espiritual do cristão depende da nutrição constante da Palavra de Deus. Negligenciar a leitura regular das Escrituras compromete a saúde da alma, pois é por meio dela que o crente encontra sustento e fortalecimento espiritual. (1999, p. 79)²⁸

É justamente nesse ponto que a Escritura mostra de forma clara a sua centralidade: a Palavra de Cristo não apenas orienta o crente quanto à prática do perdão, mas também o instrui na vivência comunitária da fé. Assim, o aconselhamento bíblico encontra na Escritura o alicerce indispensável, pois é nela que se revela a sabedoria divina aplicada à vida prática, fortalecendo a comunhão, edificando mutuamente os irmãos e promovendo a reconciliação no contexto familiar. Robert W. Kelleman (2018, p. 28) amplia essa perspectiva ao destacar que a vitalidade do aconselhamento depende diretamente de como enxergamos e utilizamos a Escritura:

²⁸ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p.79

não como um manual estéril, mas como a narrativa viva do evangelho que transforma o coração humano.

“Se visualizarmos a Bíblia como um livro-texto acadêmico, nosso aconselhamento é estéril e morto. Mas se a visualizarmos e a usarmos como história - o drama centralizado no evangelho - da batalha para ganharmos o nosso coração, nosso ministério e aconselhamento bíblico se tornarão vivos.” (KELLEMAN, 2018, p. 28)²⁹

A aplicação do aconselhamento vai além da aplicação de uma regra moral, um cardápio acadêmico de confrontação; mas integra a obra redentora de Cristo, trazendo restauração para a família, que é o propósito divino para as famílias. A sabedoria bíblica conduz o cristão nas relações interpessoais, particularmente no contexto familiar, pois é feito do Senhor essa harmonia.

É bem interessante quando o apóstolo Paulo, em Efésios 5:21-33, compara o relacionamento conjugal ao de Cristo com a Igreja: "Os maridos, amem suas esposas, assim como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela" (Ef 5:25).

Paulo, portanto, destaca que o amor sacrificial de Cristo é o grande padrão supremo para a vida matrimonial, significando que o casamento deve espelhar não simplesmente o afeto humano, mas a profundidade da aliança redentora estabelecida por Deus. É nesse horizonte que o aconselhamento bíblico dá direção aos cônjuges a terem uma conduta, uma expressão prática da fidelidade, tratando qualquer forma de infidelidade como uma violação grave da aliança matrimonial.

Nesse sentido, o aconselhamento busca dar direção aos cônjuges a espelhar esse amor sacrificial, tratando a infidelidade como uma transgressão grave da aliança. Calvino também destaca a importância do compromisso dentro do matrimônio, como cita:

“Portanto, como um marido, quanto mais santo é e casto, tanto mais gravemente se incende se vê o coração da esposa a inclinar-se para com um rival, assim o Senhor, que verdadeiramente nos desposou para si, evidencia ser muito ardente sua inconformidade, sempre que é desdenhada a pureza de seu santo matrimônio, somos conspurcados de celerados apetites. Mas, então isto sente especialmente o Senhor, quando oferecemos a outro o culto de sua divina majestade, que conviera ser absolutamente ilibado, ou o corrompemos com alguma superstição, uma vez que, deste modo, não só violamos o compromisso feito no casamento, mas ainda, acenando aos

²⁹ KELLEMAN, Robert W. Aconselhamento segundo o evangelho. Tradução de Meire Portes Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. 320 p. Tradução de: Gospel-centered counseling. p.28

amantes, maculamos o próprio leito conjugal.” (CALVINO, [s.d.], p. 145, Livro II, cap. VIII).³⁰

Na passagem das *Institutas*, Calvino utiliza a metáfora do matrimônio para ilustrar a gravidade da infidelidade espiritual do povo de Deus. Assim como um marido santo se entristece profundamente ao ver a esposa se inclinar a um rival, também o Senhor, que se uniu ao seu povo em santa aliança, manifesta indignação diante da quebra da pureza de sua comunhão.

Para Calvino, a infidelidade não é apenas um escorregão moral, mas um ataque contra o próprio leito conjugal da relação sagrada que Deus estabeleceu com aqueles que lhe pertencem. Esse princípio, aplicado ao aconselhamento conjugal, evidencia que a infidelidade matrimonial deve ser entendida não apenas como uma ofensa ao cônjuge, mas também como uma afronta direta à ordem divina que instituiu o casamento como reflexo da união entre Cristo e sua Igreja.

Fica transparente esta visão, onde a restauração do matrimônio exige além de um perdão simples, mas vai muito além, transcendendo a um patamar radical onde a graça de Deus se realiza. Então o mesmo Deus que mostra a infidelidade como algo grave, também é o mesmo Deus que através da graça de Deus nos restaura, nos capacita, tanto ao homem como a mulher a suportarem as falhas de ambos, mas trazer renovação individual. Da mesma forma, o aconselhamento não tem o papel de apenas tratar feridas abertas, mas levar o casal ao estágio da santificação de ambos. De acordo com Piper (2011):

a graça de Deus não se limita a oferecer perdão e capacidade de suportar as falhas do outro, mas também atua como poder transformador. Ela impulsiona o crente a abandonar práticas pecaminosas, moldando seu caráter para que seja menos necessário apenas tolerar e perdoar. Nesse sentido, a graça conduz à mudança interior em favor da glória de Cristo e do bem do cônjuge, fortalecendo o vínculo conjugal.³¹

Segundo Piper (2011, p. 58), a graça não deve ser vista apenas como suporte diante das imperfeições do cônjuge, mas como poder renovador dos relacionamentos. No aconselhamento fundamentado nas Escrituras, o perdão ocupa papel essencial,

³⁰ CALVINO, João. *As institutas ou tratado da religião cristã*. Vol. 2. Edição clássica em latim. [S.l.]: Collection booksbylanguage_portuguese;booksbylanguage. Disponível, em: <https://archive.org/details/CALVINOJoo.InstitutasVol2>. Acesso em: 23 ago. 2025.

³¹ PIPER, John. *Casamento temporário*. Tradução de Marcos Vasconcelos. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 160 p. Tradução de: *The Momentary Marriage*. p.58.

mas não esgota a necessidade do casal. É pela graça que o caráter é transformado, os desejos são redirecionados e o crente encontra forças para abandonar comportamentos que destroem a vida conjugal.

O ensino do Novo Testamento confirma essa realidade. Paulo declara em Romanos 6:14 que “o pecado não terá domínio sobre vocês, porque não estão debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Em sua carta a Tito (2:11-12), ele acrescenta que a graça instrui o cristão a rejeitar a vida ímpia e a praticar a justiça em comunhão com Deus. Essa renovação é ilustrada em 2 Coríntios 5:17, onde se afirma que “aquele que está em Cristo é uma nova criação”, e em Efésios 4:22-24, que orienta a abandonar o “velho homem” e a se revestir do “novo”. Por fim, Filipenses 2:13 revela que é o próprio Deus quem desperta no crente tanto o desejo quanto a capacidade de viver segundo a Sua vontade.

Desse modo, a perfeita sintonia de Piper com as Escrituras, destacando que a graça transcende ao perdão, mas leva a transformação, a restauração e leva vigor ao matrimônio. Essa graça deve ser um excelente convite a uma prática da renovação frequente e sistemática, assim será figurado a imagem de Cristo no matrimônio e na igreja de Cristo.

O aconselhamento bíblico no Novo Testamento está profundamente fundamentado na obra redentora de Cristo, é nessa obra redentora que tudo acontece, é debaixo do guarda-chuvas da graça que tudo é providenciado para a boa harmonização do indivíduo e de seus relacionamentos familiares. Nesse sentido, Babler e Ellen destacam: “O evangelho de Cristo deve ser a prioridade máxima na vida do aconselhado” (Babler; Ellen, 2015, p. 93) ³²

Babler, reforma claramente a vitalidade do Evangelho na obra de restauração dos aconselhados. Ir em busca de métodos distantes e a margem do Evangelho simplesmente leva a ruína, pois manterá o pecado como protagonista, não havendo meios para a restauração. Babler diz que não há neutralidade: Ou o aconselhamento conduz o indivíduo à cruz, levando-o a depender do Espírito Santo para lidar com as raízes do pecado, ou se limita a técnicas que apenas encobrem o verdadeiro estado do coração sem transformá-lo.

³² BABLER, John; ELLEN, Nicolas (org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas*. Tradução de Maria Cecília Alfano. 1. ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. Título original: *Counseling by the book*. p. 92.

Cabe destacar que sem o novo nascimento, estamos impossibilitados de viver de uma forma que agrade a Deus, simplesmente pelo fato de está escravizado pela origem pecado do ser humano, ou seja uma natureza caída. O apóstolo Paulo explica que a mentalidade carnal se opõe a Deus, pois não se submete à Sua lei e nem é capaz de fazê-lo. Assim, aqueles que vivem dominados pela carne não conseguem agradar ao Senhor.³³

Paulo vai um pouco mais além, e ensina que essa transformação é essencial no processo de aconselhamento: "Despojai-vos do velho homem... e revesti-vos do novo homem, criado segundo Deus, em verdadeira justiça e santidade" (Efésios 4.22-24). O conselho sábio no Novo Testamento busca, assim, não apenas fazer ajustes superficiais, mas uma transformação profunda, levando o pecador ao arrependimento e à reconciliação.

A aplicação da sabedoria no aconselhamento bíblico é fundamental para abordar as questões profundas do coração humano à luz das Escrituras. Nesse contexto, o aconselhamento centrado no evangelho responde às questões essenciais da nossa condição e solução, como bem expressa Fitzpatrick (2009, np.107), no capítulo 5, em sua abordagem centrada no evangelho:

"O aconselhamento centrado no evangelho procura responder às duas perguntas — O que há de errado conosco? O que pode ser feito para ajudar? — por meio da aplicação intencional das Escrituras de uma forma equilibrada, reconhecendo tanto o que o evangelho declara a nosso respeito quanto o que ele requer de nós. Todo aconselhamento que procura responder a essas perguntas sem levar em conta as Escrituras resulta numa opinião enfatuada a respeito de si mesmo e num egocentrismo escravizador e fútil. Todo aconselhamento que deixa de lado o que o evangelho diz sobre nós resulta na justificação por meio de obras e no seu fruto principal e inescapável: orgulho ou desespero, ou uma alternância dos dois." ³⁴

Essas questões, "O que há de errado conosco? O que pode ser feito para ajudar?" encontram respostas apenas quando o conselho de Deus presente nas Escrituras é aplicado de forma equilibrada, reconhecendo tanto a condição caída do ser humano quanto o que o evangelho requer de cada um para restauração. A sabedoria do Novo Testamento, neste contexto, é fundamental para orientar o

³³ Parafraseado de: **BÍBLIA**. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Romanos 8.7–8. Logus Softwar

³⁴ FITZPATRICK, Elyse; JOHNSON, Dennis E. *Aconselhamento centrado na cruz: conectando pessoas quebradas ao amor de Cristo*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 107.

aconselhamento de maneira a tratar não apenas sintomas superficiais, mas a raiz espiritual dos problemas.

Essa perspectiva é perfeitamente plausível dentro do quadro que estamos analisando, o ambiente familiar. Na carta aos Efésios (5.22–6.9), Paulo apresenta um princípio essencial para a vida conjugal e familiar: toda a dinâmica do lar precisa estar enraizada em um contexto espiritual, marcado pelo imperativo de “ser cheio do Espírito”. É a partir dessa realidade que maridos, esposas, pais e filhos podem desempenhar seus papéis de forma mútua e fiel. Quando cada um se submete a essa direção do Espírito, os laços familiares deixam de ser superficiais e se consolidam sobre fundamentos sólidos, capazes de sustentar relacionamentos duradouros e cheios de vida.

Augustus Nicodemus, em seu livro *A Bíblia e Sua Família*³⁵, destaca uma importante dinâmica para o fortalecimento de famílias cristãs sólidas e felizes: a vida no Espírito Santo. Ele baseia-se em Efésios 5.22-6.9 para mostrar que as instruções de Paulo para maridos, esposas, pais e filhos estão inseridas em um contexto espiritual profundo, onde a ordem de “encher-se do Espírito” (Efésios 5.18)³⁶, é a chave para que os relacionamentos funcionem de acordo com os padrões de Deus.

Cabe destacar que todo o ambiente, mais precisamente no contexto familiar, ele será saudável sempre e quando o princípio da espiritualidade for verificado, for vivido. Não podemos isolar o espírito santo da vida familiar, da igreja, mas aplicar de fato e de verdade.

Além disso, Nicodemus explica que o ensino de Paulo sobre casamento e família é uma aplicação direta do princípio de sujeição no temor de Cristo. “Portanto, o ensino de Paulo sobre o casamento e a família é a continuação explicativa do ‘sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo’, que por sua vez é uma explicação do mandamento principal, ‘enchei-vos do Espírito’” (NICODEMUS, 2012, p. 17-19). Interessante a completude do cumprimento e a fidelidade de Deus, que quando somos cheios do Espírito Santos o resultado não se restringe apenas a bons relacionamentos e restauração de vínculos, mas mostra como este resultado é o cumprimento da ordem de Deus desde o princípio. Então o aconselhamento Bíblico ancorado no Novo

³⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e sua família*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 16-17.

³⁶ Ferreira de Almeida, trans., *Nova Almeida Atualizada*, Edição Revista e Atualizada®, 3ª edição. (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), Ef 5.18.

Testamento, vai além de revelar a condição caída do ser humano, mas em conjunto leva a restauração genuína.

Segundo Frame (2019, v. 2, p. 272) ³⁷, “a ênfase principal da Bíblia na Obra do Espírito é que ele nos dá tudo o que precisamos para a caminhada contínua e presente com Deus (...) o Espírito tem a ênfase de criar unidade e paz no corpo, conforme Efésios 4.3; Filipenses 2.1-2”.

Nesse mesmo sentido, Frame, enfatiza que a obra do Espírito consiste em nos dar tudo o que precisamos para a caminhada presente com Deus, criando unidade e paz no corpo, conforme Efésios 4.3 e Filipenses 2.1-2. É o Espírito quem persuade, ilumina e capacita o crente a compreender as Escrituras, conduzindo à verdade e promovendo reconciliação. Portanto, tanto no âmbito da igreja quanto da família, a ação do Espírito Santo é determinante para a consolidação de vínculos genuínos e para a vivência fiel da fé cristã, que transcende a mera restauração de relacionamentos e revela o cumprimento da ordem divina desde o princípio.

Assim, ao considerarmos tanto a ênfase de Nicodemus na centralidade do Espírito Santo para a vida familiar quanto a perspectiva de Frame sobre a obra do Espírito como fonte de unidade, paz e reconciliação, percebemos que a espiritualidade cristã se desdobra de forma integral. O Espírito nos capacita a viver segundo os padrões de Deus, mas essa capacitação está inseparavelmente ligada à obra redentora de Cristo, que torna possível a verdadeira restauração. Dessa forma, a ação do Espírito no cotidiano da família e da igreja não pode ser vista isoladamente, mas como expressão do triunfo de Cristo na cruz. É nesse ponto que o aconselhamento do Novo Testamento ganha plenitude, revelando que a vitória de Cristo não apenas reconcilia o ser humano com Deus, mas também restaura os vínculos quebrados pelos efeitos da Queda.

Essa mesma sabedoria no aconselhamento do Novo Testamento se manifesta de maneira plena através da obra redentora de Cristo, que, como vemos no jardim de Getsêmani, assumiu o cálice da morte para derrotar as consequências do pecado. Assim, o pecado que distorceu a imagem de Deus nos relacionamentos, começando no Éden, agora pode ser redimido em Cristo. O milagre da cruz não

³⁷ FRAME, John. *Teologia sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. v. 2. p. 272

apenas nos reconcilia com Deus, mas também restaura a ordem quebrada nos relacionamentos humanos. Efésios 5.18-6.9; Colossenses 3.16 destaca essa restauração ao tratar da sujeição mútua, do amor sacrificial no casamento e da criação de filhos sob a disciplina do Senhor.

Conforme exposto por Merkh (2019, p. 550), ele destaca:

Sem uma obra sobrenatural para reverter o impacto da Queda na humanidade e especialmente na família, será impossível termos famílias saudáveis: Fundamentalmente, porém, o casamento não pode se fixar numa base realmente sólida, a não ser que a) o relacionamento original de homem e mulher com Deus seja acertado e b) esse relacionamento restaurado se torne a forma segundo a qual todas as relações humanas, inclusive do casamento, são reconstituídas e reformadas. Se o casamento irá gozar alguma medida de sucesso [...] teremos que colocá-lo na perspectiva não somente da sua origem divina, mas também da restauração divina do casamento subjacente entre Deus e nós".³⁸

Esse entendimento evidencia que todo esforço humano é incapaz de sustentar relacionamentos saudáveis sem a intervenção graciosa de Deus em Cristo. Se, como Merkh (2019, p. 550) observa, apenas uma obra sobrenatural pode reverter os efeitos da Queda e firmar o casamento sobre bases sólidas, então é justamente na cruz que essa realidade encontra sua expressão mais plena. Assim, a aplicação da sabedoria no aconselhamento bíblico encontra seu ápice na obra redentora de Cristo, como anteriormente foi destacada, e que restaura a imagem de Deus na família e nos relacionamentos.

A Confissão de Fé de Westminster (CFW), especialmente no Capítulo 6: Da Queda do Homem, do Pecado e de Sua Punição, apresenta uma visão completa sobre a corrupção da natureza humana a partir do pecado original de Adão e Eva e as consequências disso sobre toda a humanidade. A CFW, destaca que, pela queda, o homem foi separado de Deus, tornando-se "totalmente corrompido em todas as faculdades e partes da alma e do corpo" (Capítulo 6, Seção II). Essa corrupção, denominada pecado original, permeia todas as áreas da vida humana, incluindo os relacionamentos familiares, como o casamento. A infidelidade conjugal, assim como

³⁸David Merkh, Comentário Bíblico Lar, Família & Casamento: Fundamentos, Desafios e Estudo Bíblico-Teológico Prático Para Líderes, Conselheiros e Casais, ed. Aldo Menezes, 1a edição. (São Paulo, SP: Hagnos, 2019), p.550.

outros pecados, é consequência dessa natureza caída, que se manifesta em "toda disposição antagônica ao bem e inclinada ao mal" (Capítulo 6: parágrafo 4)³⁹.

No entanto, a restauração da humanidade só é possível através da obra redentora de Cristo. Conforme exposto no Capítulo 6, a Confissão afirma que, mesmo permitindo o pecado no plano soberano de Deus, tal permissão visa manifestar Sua própria glória, o que se concretiza em Cristo, que reverte os efeitos da queda. O pecado original, que resultou na separação de Deus, é plenamente tratado na cruz, onde Cristo realizava o sacrifício que restaurava a comunhão entre Deus e o homem.

A Confissão de Fé lembra que, após a Queda, todos perderam a capacidade de gerar por si, obras santas, de modo que somente através da graça de Deus haverá a verdadeira transformação. É nesse fundamento que a cruz se torna a referência indispensável para a vida familiar, porque é dele que procede a reconciliação com Deus e a possibilidade de os lares apresentarem o propósito divino de unidade e harmonia.

No aspecto prático, essa convicção deve nortear o conselheiro bíblico diante de crises como a infidelidade conjugal. O poder da cruz, que vivifica pecadores outrora mortos em seus delitos (Ef 2.1), é suficiente para restaurar casamentos e renovar alianças. Entretanto, essa restauração não acontece sem a participação intencional do conselheiro, que é chamado a agir com visão pastoral: ouvindo com atenção, corrigindo com amor, orientando à luz das Escrituras, promovendo a reintegração à comunidade e incentivando relacionamentos sadios.

Esse processo de restauração, contudo, não se realiza de forma instantânea. Trata-se de uma obra progressiva de santificação, em que a mente será levada de forma constante a uma renovação pela Palavra e o Espírito Santo conduzindo à obediência e à transformação do caráter. Ainda marcados pela presença do pecado, caminhamos em esperança, aguardando o dia em que essa obra alcançará sua plenitude. Apenas na glorificação final, quando os filhos de Deus forem plenamente conformados a Cristo (1 Jo 3.2), a imagem divina será restaurada em sua totalidade.

Assim, a esperança cristã se projeta para a promessa escatológica descrita em Apocalipse 22, quando, livres de toda maldição, viveremos eternamente na

³⁹ **IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL.** *Confissão de Fé de Westminster*. 3. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1996.

presença de Deus, selados pela justiça de Cristo e desfrutando do resgate definitivo da imagem divina, tanto na vida individual quanto nos relacionamentos familiares.

Essa visão bíblica do aconselhamento familiar, com raízes tanto na sabedoria prática do Antigo Testamento quanto na obra redentora de Cristo no Novo Testamento, prepara o terreno para um estudo mais profundo sobre as doutrinas e práticas que fundamentam o aconselhamento bíblico. O próximo ponto deste estudo abordará um resgate histórico das doutrinas e práticas que moldaram o aconselhamento bíblico para as famílias, destacando como essas verdades têm sido aplicadas ao longo da história da Igreja para promover a saúde espiritual e relacional dos lares cristãos.

4. RESGATE HISTÓRICO DAS DOCTRINAS E PRÁTICAS QUE FUNDAMENTAM O ACONSELHAMENTO BÍBLICO PARA FAMÍLIAS.

4.1 Os fundamentos teológicos que direcionam o aconselhamento bíblico.

Compreender a sabedoria como meio de transformação espiritual, e não como um fim em si mesma, nos conduz inevitavelmente à seguinte pergunta: sobre quais fundamentos essa sabedoria é construída e sustentada no aconselhamento bíblico? Ao observarmos a aplicação prática da sabedoria nas Escrituras — desde os provérbios de Salomão até os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos — percebemos que há um alicerce teológico firme que sustenta a prática do aconselhamento bíblico ao longo da história.

É nesse contexto que se torna essencial realizar um resgate histórico das doutrinas e práticas que fundamentam o aconselhamento bíblico para famílias, especialmente ao considerarmos como, a partir do século XVI, a Reforma Protestante trouxe uma nova luz sobre o lugar central das Escrituras na vida e na prática da Igreja.

A Reforma Protestante do século XVI não foi apenas um movimento teológico e eclesiástico, mas também profundamente pastoral. Os Reformadores enfrentaram realidades humanas complexas, como o medo, o pecado, a culpa, a dor e os conflitos conjugais. Dentre essas realidades, destaca-se a infidelidade conjugal como uma das mais desastrosas da vida familiar. Para lidar com essas questões, os Reformadores não recorreram a filosofias humanas ou a conselhos morais meramente naturais. Ao contrário, eles restauraram à igreja a convicção de que a Palavra de Deus é suficiente, poderosa e eficaz para tratar o coração humano, sendo o centro da ação pastoral.

Este capítulo tem como objetivo apresentar como os principais Reformadores, tais como João Calvino, Martinho Lutero, Martinho Bucer, Teodoro Beza e Heinrich Bullinger — conceberam o uso da Escritura no cuidado da alma, coração, como também em contextos de crise conjugal, demonstrando como a Bíblia não apenas revela o pecado, mas conduz ao arrependimento, à cura e à restauração.

Calvino foi uma figura chave nesse processo de retorno às fontes bíblicas. Seu compromisso com a autoridade final das Escrituras moldou toda a teologia reformada e, conseqüentemente, a forma como o aconselhamento bíblico passou a ser compreendido. Desde seus primeiros embates com a tradição eclesiástica de sua época, Calvino afirmou: “Sempre que o Senhor nos aborda com sua Palavra, ele está

lidando seriamente conosco para atingir todos os nossos sentidos interiores. Portanto, não há parte da nossa alma que não seja influenciada”. (GEORGE, 2015, p. 17).⁴⁰

George (2015) ao refletir sobre Calvino tinha consciência dos limites da condição humana e não aceitava uma leitura puramente objetiva ou neutra das Escrituras. Para ele, compreender a Bíblia depende da ação do Espírito Santo no coração do intérprete, pois não existe um ponto de vista externo ou neutro de onde possamos julgar as verdades teológicas.

Calvino afirmou que “todo o propósito da leitura da Escritura é a restauração da nossa humanidade à plenitude da imagem de Deus em nós como indivíduos e na sociedade como um todo” (CALVINO, apud GEORGE, 2015, p. 34).⁴¹

Diante da exposição dessas citações o que nos traz paz, é o fato de saber que Calvino, como uma grande referência, zelava e dava a primazia para a Escritura Sagrada em todas as suas exposições, isso não era porque eram instruídos ou mais santos do que outros, mas porque o Espírito Santo os conduzia.

A importância que Calvino atribuiu às Escrituras é decisiva para compreendermos sua contribuição ao aconselhamento bíblico. Para ele, a Bíblia não era apenas uma autoridade externa, mas a voz viva de Deus que se dirige ao coração humano em todas as suas dimensões. Quando afirma que não há parte da alma que deixe de ser alcançada pela Palavra (GEORGE, 2015, p. 17), Calvino destaca a abrangência da revelação divina e a necessidade de uma entrega total ao ensino das Escrituras. Do mesmo modo, ao reconhecer que todo o propósito da leitura bíblica está na restauração da imagem de Deus no ser humano, tanto individual quanto coletivamente (CALVINO, apud GEORGE, 2015, p. 34), ele reforça a convicção de que a Palavra é o instrumento fundamental para a cura e transformação da vida cristã.

Esse entendimento se reflete diretamente no aconselhamento bíblico, pois evidencia que o conselheiro não age como detentor de soluções próprias, mas como servo da Escritura que aplica suas verdades sob a direção do Espírito Santo. Na prática, isso significa que as orientações oferecidas não se baseiam em especulações humanas, mas na Palavra que confronta, corrige e consola. Em uma sociedade marcada por múltiplas

⁴⁰ GEORGE, Timothy. *Lendo a Escritura com os Reformadores*. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. Recurso eletrônico (ePub).

⁴¹ GEORGE, Timothy. *Lendo a Escritura com os Reformadores*. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. Recurso eletrônico (ePub).

vozes e incertezas, a centralidade das Escrituras no aconselhamento continua sendo fonte de esperança, restauração e direção.

Ao reconhecer esse legado de Calvino, percebemos como sua visão moldou não apenas a teologia reformada, mas também a prática pastoral que se fundamenta inteiramente na Escritura.

Em situações de sofrimento e quebra relacional, a Escritura se revela não apenas como norma doutrinária, mas como fonte viva de consolo e restauração. Nesse sentido, Lutero compreendeu que somente a Palavra de Deus é capaz de penetrar o coração ferido, confrontar o pecado e oferecer cura verdadeira — uma perspectiva que ele incorporou intensamente em sua prática de aconselhamento por meio de cartas pastorais.

Martinho Lutero viveu intensamente o ministério de aconselhamento por meio de cartas pastorais. Em meio a perseguições, dúvidas e conflitos familiares, ele escrevia conselhos profundos, sempre alicerçados na Palavra de Deus. Lutero bem destaca (LUTERO, 1995, p. 12).

Deus age com as pessoas pela lei e pelo Evangelho. Lei e Evangelho jamais podem ser separados um do outro, mas tampouco podem ser misturados ou confundidos. Existência cristã é a existência no âmbito da dialética de lei e Evangelho. Nela acontece “uma perene luta”. O “filho de Adão” na pessoa, o “velho homem”, a “carne”, a arrogância e o orgulho humanos, a confiança ateia em seres humanos precisam diminuir e morrer. Simultaneamente precisam crescer o “novo homem”, o “espírito”, a humildade diante de Deus, a confiança nele. É uma luta de vida ou morte.⁴²

A visão de Calvino sobre a Escritura como voz viva de Deus encontra paralelo significativo no ministério de Lutero. Se Calvino enfatiza que a Palavra alcança todas as dimensões do ser humano e restaura a imagem de Deus, Lutero, por sua vez, mostra que essa mesma Palavra atua concretamente no contexto da vida cristã marcada por lutas, sofrimentos e relacionamentos quebrados.

Sua compreensão de que Deus age com as pessoas pela Lei e pelo Evangelho (LUTERO, 1995, p. 12) é central para o aconselhamento: pela Lei, o ser humano reconhece sua miséria e arrogância; pelo Evangelho, recebe consolo, esperança e a promessa de vida nova em Cristo. Assim, a Palavra se torna

⁴² LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. Vol. 5: Ética: Fundamentos, Oração, Sexualidade, Educação, Economia. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.

instrumento de morte e vida, julgamento e restauração — realidade que Lutero descreve como uma “perene luta” entre o velho e o novo homem.

Paulo insiste neste ponto: que mortifiquemos os membros que estão sobre a terra (Cl 3.5) e as obras da carne (Rm 8.13); que sejamos transformados pela renovação da mente (Rm 12); que não cuidemos da carne para seguir seus desejos; também que crucifiquemos a carne com suas concupiscências (Gl 5.24). Tudo isso leva à conclusão (como está evidente) de que deve haver uma penitência constante, porque o pecado original se manifesta constantemente e provoca sempre novos desejos, assim como a terra maldita faz brotar espinhos e abrolhos (Gn 3.18).⁴³

As exortações do apóstolo deixam evidente que a caminhada cristã não pode ser reduzida a um ato isolado de decisão ou a uma experiência espiritual momentânea. Trata-se, antes, de um percurso diário de arrependimento e de constante renovação diante de Deus. A lembrança de Gn 3.18, onde a terra ferida pelo pecado passou a produzir espinhos e abrolhos, aponta para a condição persistente da natureza humana: o mal não é apenas um acidente, mas uma realidade sempre presente, gerando desejos desordenados que precisam ser discernidos e combatidos sem descanso.

Nesse horizonte, o aconselhamento bíblico encontra seu lugar. O conselheiro não caminha com pessoas perfeitas, mas com homens e mulheres em luta constante contra as inclinações da carne. A conversão não elimina a presença do pecado, mas inaugura um chamado a viver em permanente vigilância e disciplina espiritual. Quando Paulo fala em penitência contínua, ele não propõe um fardo sem esperança, mas descreve o caminho onde a Lei confronta o coração, revelando sua vaidade, e o Evangelho anuncia o consolo e a restauração em Cristo. Cada queda, por dolorosa que seja, é também oportunidade para que a Palavra exponha a seriedade do juízo divino e, ao mesmo tempo, ofereça a promessa de perdão e vida nova.

Cabe trazer outra contribuição de peso nessa construção do edifício do aconselhamento bíblico, falo de Martinho Bucer, reformador de Estrasburgo, trouxe contribuições singulares para a compreensão pastoral da vida cristã. Sua ênfase esteve não apenas na pureza doutrinária, mas sobretudo no cuidado prático das almas, mostrando que o Evangelho deve transformar a totalidade da vida e moldar o caráter dos fiéis. Sua obra sobre o verdadeiro cuidado pastoral permanece como um

⁴³ LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. Vol. 1: Ética: Fundamentos, Oração, Sexualidade, Educação, Economia. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. p. 352

testemunho de que aconselhar biblicamente significa conduzir o coração humano a Cristo, sempre pela via da Palavra e da ação do Espírito Santo.

Nesse espírito, Bucer adverte:

Quando alguém vive uma vida desregrada e não busca seguir Cristo, nosso Senhor, com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças, nem se empenha por toda bem-aventurança, santidade e amor para com o próximo, essa pessoa também não terá o verdadeiro sentido e a mentalidade cristãos. Por isso, deve-se mostrar a ela sua falha e seu equívoco, conduzindo-a ao sentido e à mentalidade verdadeira. Então, ela poderá ver e vir a reconhecer que todo lucro, todo prazer e toda honra sem Cristo são veneno e geram morte.” (BUCER, 2020, p. 198–199).⁴⁴

Aqui vemos, que uma vida de aparências não pode prosperar, mas uma vida de devoção plena leva a Cristo. Bucer destaca que quando não há entrega, a mente e o coração se perdem, se desconectam, entra num descompasso com a vontade de Deus. Nesse cenário, o papel do cuidado pastoral é mostrar de forma objetiva, clara este desvio de coração.

Isso se enquadra de forma perfeita no aconselhamento bíblico, tornando-se um instrumento de discernimento e confronto, mas amoroso. o foco é levar a pessoa a observar que qualquer prazer dissociado de Cristo é como um veneno, conforme Bucer destaca, e isso deve levá-lo ao arrependimento e direcioná-lo a Cristo Jesus.

Também destaca Bucer que todo o cuidado da alma passa pela centralidade do Evangelho, onde destaca que somente e unicamente assim o pecador encontrará sentido e reconciliação.

Cabe trazer mais uma notação de Bucer que nos impulsiona a continuar aspirando um bom aconselhamento e uma brilhante e amorosa exortação em nossas igrejas locais, assim ele diz:

Mas, como os curadores da alma foram especialmente incumbidos dessa tarefa, cabe a eles dedicar-se, acima de tudo, à obra da cura das almas, exercendo-a com grande fidelidade. Os governantes devem zelar para que as igrejas tenham curadores de alma empenhados e dedicados a ajudar as ovelhas frágeis e débeis com essa obra. (BUCER, 2020, p. 200).⁴⁵

⁴⁴ Martin. *Teologia pastoral: sobre o verdadeiro cuidado das almas*. Tradução de Martin Weingaertner. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p.198-199

⁴⁵ Martin. *Teologia pastoral: sobre o verdadeiro cuidado das almas*. Tradução de Martin Weingaertner. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p.200.

Ele destaca que quando levamos a tarefa da exortação e o aconselhamento a prática em nossas igrejas, estamos diretamente promovendo a fidelidade ao supremo pastor, Cristo Jesus. Isso é o mesmo que levar fortalecimento as ovelhas doentes e enfermas. I Tessalonicenses 5.14 nos responsabiliza a esse chamado: Mas vos exortamos, irmãos amados: adverti os desobedientes, confortai os desanimados, suportai os fracos, sede pacientes para com todos.”

Bucer destaca que essa cura tem origem inevitavelmente pelo evangelho, e quando aconselhamos estamos lembrando a elas, que a satisfação em Cristo é suficiente, levando assim a um retorno a Cristo e a imagem de Deus.

O aconselhamento bíblico encontra aqui sua base teológica: não se trata apenas de oferecer conforto momentâneo, mas de conduzir o crente a um processo contínuo de conformação à imagem de Cristo. O objetivo pastoral, portanto, é facilitar esse encontro do coração ferido com a Palavra que restaura, confronta e cura.

Nessa perspectiva, o aconselhamento se encaixa como ferramenta prática pela qual a Igreja aplica a centralidade das Escrituras na vida diária dos fiéis, dos casais, do homem e da mulher. O conselheiro bíblico não cria soluções próprias, mas direciona a pessoa para a suficiência da Palavra, onde estão a verdade, o consolo e a direção segura. Assim, a prática do aconselhamento bíblico é a expressão pastoral do princípio calvinista de que a Escritura é suficiente e necessária para guiar todas as áreas da vida, inclusive a cura dos corações em sofrimento.

No caso de infidelidade conjugal, essa abordagem se revela profundamente relevante: o pecado é confrontado, mas a Palavra também oferece o consolo do evangelho ao arrependido (cf. Salmos 51; João 8.11). O cônjuge ferido encontra alívio ao saber que Deus se compadece dos que têm o coração contrito (Salmos 34.18).

O princípio da Sola Scriptura, passou a ser um pilar inegociável para a Reforma Protestante e serviu como base teológica para a reorientação da vida cristã, inclusive nos relacionamentos familiares. No campo do aconselhamento familiar, ele tem implicações profundas. A convicção na suficiência das Escrituras implica que problemas como a infidelidade conjugal devem ser tratados à luz da Palavra de Deus, e não segundo métodos ou paradigmas seculares.

Ao refletir sobre os fundamentos teológicos que sustentam o aconselhamento bíblico, especialmente no contexto familiar, torna-se indispensável compreender que a autoridade das Escrituras não se resume a uma afirmação formal ou a seu valor

ético e histórico. Conforme ensina a tradição reformada, trata-se de uma autoridade viva, espiritual e eficaz, proveniente da própria revelação de Deus, que atua no coração humano por meio do Espírito Santo. Essa Palavra não apenas orienta, mas transforma e restaura, moldando os aconselhados segundo o propósito redentor de Deus para suas vidas e relacionamentos.

Essa citação reforça o que já vínhamos construindo: a Escritura não é apenas um compêndio de sabedoria religiosa, mas o canal pelo qual o próprio Deus ilumina, confronta, consola e transforma. A Palavra é viva e eficaz porque é acompanhada pela atuação do Espírito, que a torna aplicável à realidade concreta dos que sofrem, pecam e buscam restauração — exatamente o caso daqueles que enfrentam crises conjugais, especialmente a devastação provocada pela infidelidade.

Assim, ao tratarmos de temas delicados como a infidelidade conjugal, o conselheiro bíblico não se apoia em estratégias humanas, mas conduz o aconselhado à luz da Palavra, crendo que o mesmo Espírito que inspirou as Escrituras está presente para iluminar a mente, convencer do pecado, gerar arrependimento sincero e restaurar a aliança quebrada. O aconselhamento bíblico, portanto, é um ato de fé na ação poderosa de Deus, onde a Palavra proclamada é o instrumento e o Espírito é o agente que atua no mais profundo da alma. O conselheiro bíblico, então, torna-se um ministro da reconciliação (2 Coríntios 5.18), que leva o casal à cruz de Cristo, onde há perdão, graça e poder para recomeçar.

Dessa maneira, percebe-se que desde os primeiros Reformadores — como Calvino, Lutero e Bucer — há uma ênfase comum na suficiência da Palavra de Deus como fonte de consolo, direção e restauração para o coração humano, especialmente em contextos de dor como a desestruturação familiar. Essa herança teológica se desenvolve ainda mais com os teólogos puritanos e os símbolos confessionais reformados, entre os quais se destaca a Confissão de Fé de Westminster. Ela sistematiza e reafirma, com profundidade pastoral e precisão doutrinária, a suficiência, autoridade, clareza e eficácia espiritual das Escrituras, mostrando como elas são a base segura para todo aconselhamento verdadeiramente bíblico. A Confissão de Fé de Westminster, em seu capítulo 1, seção 6, afirma:

“...todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela.”⁴⁶

Esta declaração estabelece, de forma clara, o princípio da suficiência das Escrituras, segundo o qual Deus revelou, de maneira plena e suficiente, tudo o que o ser humano necessita para viver para Sua glória, inclusive no que diz respeito à vida prática, relacional e moral.

Tal princípio implica que a Escritura é suficiente para tratar não apenas das doutrinas da fé e da salvação, mas também das questões éticas e existenciais, como é o caso da infidelidade conjugal. Embora a Bíblia não trate de cada situação específica de maneira direta, a própria Confissão reconhece que muitos princípios podem ser “lógica e claramente deduzidos” das Escrituras. Assim, as diretrizes divinas para o casamento, o arrependimento, o perdão, a disciplina e a restauração estão todas fundamentadas na Palavra de Deus e devem ser aplicadas com fidelidade no cuidado pastoral e no aconselhamento bíblico.

Referências como 2 Timóteo 3.15–17 evidenciam que as Escrituras são “inspiradas por Deus” e “úteis para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a educação na justiça”, de modo que o homem de Deus seja “perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. Isto inclui a atuação pastoral em situações de pecado conjugal, onde é necessário confrontar o erro, instruir no caminho da justiça e oferecer os fundamentos espirituais para a reconciliação.

Além disso, a advertência de Gálatas 1.8–9 reforça a exclusividade da Escritura como revelação suficiente e autoritativa, rejeitando qualquer outro “evangelho” ou modelo de aconselhamento que não se submeta inteiramente à Palavra de Deus. Assim, o recurso a ideias, métodos ou teorias alheias à Escritura como base normativa para lidar com a infidelidade conjugal fere o princípio confessional da suficiência bíblica, deslocando a confiança pastoral da Palavra para soluções humanas.

Dessa forma, a CFW 1.6 afirma que a Bíblia contém tudo o que é necessário para lidar com as realidades da vida humana à luz da glória de Deus — inclusive os

⁴⁶ ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *Confissão de Fé de Westminster*. Tradução de João Alves Araújo e Walter Borges dos Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 1996. cap. I, seções VI.

pecados que ferem a aliança matrimonial — provendo, por meio da verdade revelada, um caminho seguro de arrependimento, restauração e santificação.

4.2 A aplicação do aconselhamento bíblico entre os reformadores e puritanos.

Diante dos fundamentos teológicos já delineados, é possível perceber que o aconselhamento bíblico não se limita a conceitos abstratos, mas se ancora em uma cosmovisão integral da vida cristã moldada pela Palavra de Deus. Esses fundamentos, quando encarnados na prática, encontram expressão clara na experiência dos reformadores e puritanos. Ou seja, a doutrina não permaneceu no plano da teoria: ela desceu ao solo do lar, da igreja.

Assim, ao avançarmos para o próximo ponto, veremos como o aconselhamento bíblico foi efetivamente vivido e aplicado por esses homens, especialmente na estrutura da família cristã, a qual consideravam o primeiro campo de discipulado e cuidado pastoral.

Os puritanos ensinavam que ser útil na igreja está intimamente ligado a ser piedoso em casa. A santidade em público depende essencialmente da santidade na vida privada. Para eles, o lar era o principal termômetro da vida espiritual do crente. Além de Deus, ninguém conhece tão profundamente nosso caráter quanto a esposa e os filhos. Por isso, afirmavam que é no lar que a fé cristã prospera ou fracassa.

De acordo com o Rev. Augustus Nicodemus Lopes, importante estudioso da tradição reformada, o movimento puritano traz a seguinte contexto:

O movimento puritano surgiu na Inglaterra e Escócia no contexto pós-Reforma, entre o fim do século XVI e o XVII. Sua centralidade estava na busca de purificação da Igreja e da sociedade pela Palavra de Deus, tendo como base o chamado *Princípio Regulador*: somente aquilo que é ordenado pelas Escrituras deve ter lugar no culto e, por extensão, na vida social.⁴⁷

Na mesma linha transita MacArthur, quando diz:

A propósito, os puritanos se referiram ao ministério do aconselhamento como “trabalho na alma”. Falavam sobre a responsabilidade do pastor como sendo “a cura das almas”. Eles compreendiam que a única ajuda confiável para a alma humana é a verdade infalível das Escrituras aplicada pelo Espírito de Deus. Eles sabiam que a única cura genuína, efetiva ou permanente para as

⁴⁷ NICODEMUS, Augustus. A história do movimento puritano e suas ênfases principais. Disponível em: <https://spurgeononline.com.br/artigos/o-puritanismo/>. Acesso em: 5 set. 2025.

doenças da alma é a transformação provocada pela graça de Deus no coração de um cristão. (MACARTHUR; MACK; CORPO DOCENTE DO THE MASTER'S COLLEGE, 2016, p. 27).⁴⁸

Caberia uma pergunta sincera, se deveríamos utilizar a abordagem puritana em nossos processos de aconselhamento. Ao observar as citações acima, nos dá base para concordar e responder de forma clara, objetiva e fundamentada que, é vital estar em acordo com a visão puritana, pelos seguintes pontos: há uma centralidade na purificação da igreja, porque cada processo está intrinsecamente ligado à autoridade das Escrituras. As Escrituras são os princípios reguladores, e sendo a Escritura uma extensão viva, sólida na vida da igreja e seu entorno. Não diferentemente MacArthur, transita na mesma linha, onde destaca que a Escritura é infalível, efetiva e genuína por trazer vida e cura através dela mesma. Então o foco da linha, ou do pensamento puritano era viver para a glória de Deus, eram visionários e práticos, idealistas e realistas.

MacArthur⁴⁹, nos chama a atenção, quando destaca que para os puritanos, a Bíblia era o bem mais importante, mais precioso, tinha a convicção e reverência para com Deus. Ele destaca que a base para o aconselhamento puritano repousava sobre a doutrina da inspiração divina.

William Perkins (1558-1602), considerado o patriarca do puritanismo, resumiu bem essa perspectiva ao afirmar: “A única regra para administrar a família é a Palavra escrita de Deus, onde expressa:

A família, visando o seu próprio bem, está obrigada a cumprir dois deveres principais: um para com Deus e outro para consigo mesma. O dever para com Deus consiste na adoração e no serviço particulares a Ele, os quais devem ser estabelecidos e praticados em todo lar. As razões para isso é o dever fundamentado no mandamento expreso de Deus.⁵⁰

⁴⁸ MACARTHUR, John; MACK, Wayne A.; CORPO DOCENTE DO THE MASTER'S COLLEGE. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros*. Tradução de Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p. 27.

⁴⁹ MACARTHUR, John; MACK, Wayne A.; CORPO DOCENTE DO THE MASTER'S COLLEGE. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros*. Tradução de Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p. 33

⁵⁰ PERKINS, William. *Christian Oeconomie: or, houshold-government*. In: *The Works of that famous and worthy minister of Christ in the University of Cambridge, Mr. William Perkins*. London: John Haviland, 1631. cap. 2, p. 2.

O “patriarca do puritanismo”, expressa, neste trecho, a essência da espiritualidade puritana aplicada à vida doméstica. Ao afirmar que “*a única regra para administrar a família é a Palavra escrita de Deus*”.⁵¹ Perkins ressalta que a família, como instituição divina, deve ser orientada primeiramente para a adoração e o serviço a Deus. A vida doméstica, portanto, não é apenas uma realidade social, mas um espaço de culto, ensino e discipulado. A oração, a leitura da Escritura e a instrução espiritual são apresentadas como práticas obrigatórias em todo lar cristão. Isso traduz o ideal puritano de transformar cada casa em uma “pequena igreja”, onde o culto familiar e a instrução catequética eram vistos como parte do ministério do pai e da mãe.

Perkins reconhece que a família também possui responsabilidades internas: o cuidado mútuo, a educação dos filhos, a preservação da ordem e da disciplina doméstica. Contudo, até mesmo esses deveres só são legitimados quando subordinados à norma superior da Escritura. Ou seja, a família só encontra verdadeiro bem-estar quando suas relações horizontais se fundamentam no relacionamento vertical com Deus.

Assim, a perspectiva de Perkins sobre o governo da família antecipa muitos dos princípios que mais tarde seriam resgatados no campo do aconselhamento bíblico: a suficiência da Escritura, a centralidade do culto doméstico e a responsabilidade espiritual do lar, onde é o nosso foco. A família, segundo Perkins, não é apenas uma unidade social, mas uma comunidade de fé, chamada a viver sob a direção exclusiva da Palavra de Deus.

Na mesma linha, Matthew Henry (2002, v. 1, p. 81)⁵²

Os efeitos do bom exemplo, do bom ensino e da adoração a Deus em uma família podem ser vistos na piedade, na fidelidade, na prudência e no afeto dos servos. Viver nestas famílias ou ter servos como estes são, ambos, bênçãos de Deus que devem ser altamente valorizadas e reconhecidas com gratidão. Contudo, não há na vida uma preocupação de maior importância para nós, para o próximo, ou para a Igreja do que o casamento.

⁵¹ Disponível em: https://archive.org/details/bim_early-english-books-1475-1640_christian-oeconomie-or-perkins-william_1609/page/n23/mode/2up. Acesso em: 5 set. 2025.

⁵² Matthew Henry, *Comentário bíblico de Matthew Henry: Gênesis*, trad. Degmar Ribas Junior, prep. Alexandre Coelho, rev. Alexandre Coelho e Luciana Alves (Rio de Janeiro: CPAD, 2002), vol. 1, 81.

Na passagem citada, Matthew Henry afirma que “os efeitos do bom exemplo, do bom ensino e da adoração a Deus em uma família podem ser vistos na piedade, na fidelidade, na prudência e no afeto dos servos” e conclui que “não há na vida uma preocupação de maior importância [...] do que o casamento”. O aconselhamento bíblico, nesse contexto, consistia em aplicar as Escrituras às situações práticas da vida, ensinando, corrigindo e orientando os membros da família para uma vida de piedade.

Cabe chamar a atenção que a dimensão pedagógica e exemplar da rotina familiar, como um bom exemplo dos pais, e um bom ensino através das Escrituras são chaves para uma formação para a piedade em Cristo e de uma família bem enraizada e orientada na direção da imagem de Deus, conforme o texto de Deuteronômio 6.6-7.

Além disso, ao destacar o casamento como a preocupação mais importante para o indivíduo, a sociedade e a Igreja, Henry mostra a relevância do matrimônio como espaço de aconselhamento mútuo e discipulado conjugal. O casamento, para os puritanos, era não apenas uma instituição civil, mas uma aliança espiritual diante de Deus, ordenada para a santificação dos cônjuges e o fortalecimento da comunidade cristã.

Apesar do estereótipo comum que associa os puritanos a um legalismo severo, a leitura das suas obras desmente tal caricatura. Na prática da vida doméstica, os puritanos destacavam a compaixão e a ternura como marcas essenciais do cuidado pastoral no lar.

William Gouge (1575–1653), ao tratar dos deveres conjugais, o reformador puritano do século XVII, quando trata da submissão é o fundamento do papel da esposa, ele expressa com clareza esse princípio ao afirmar:

Ele explica que o Espírito Santo ensina que essa submissão deve ser como o sal: presente em todas as atitudes, palavras, sentimentos e ações da esposa em relação ao seu marido. Ainda que muitas mulheres, influenciadas pela ambição, rejeitem essa ordem divina por julgá-la escravidão, Gouge ressalta que a submissão não é servidão, mas um dever ordenado por Deus. Trata-se de um chamado espiritual, em que a esposa honra o marido e, ao mesmo tempo, glorifica a Deus ao obedecer ao mandamento estabelecido nas Escrituras (cf. 1Pe 3.6). (GOUGE, 2006, p. 6-7, Kindle Edition).⁵³

⁵³ GOUGE, William. *Domestic Duties (Deveres domésticos): Part 3 (For Wives): Modern, Updated Translation*. (Function, Kindle Edition), p. 6-7.

O reformador puritano William Gouge (1575–1653), assim como outros puritanos de sua época, buscou aplicar de forma prática os princípios das Escrituras à vida cotidiana, especialmente ao contexto familiar. Para os puritanos, a família era considerada uma “igreja doméstica”, onde o ensino, a adoração e a disciplina cristã deveriam moldar o caráter e as relações. Nesse espírito, Gouge escreveu sua obra clássica *Of Domestical Duties* (1622), na qual detalhou os deveres de maridos, esposas, filhos, pais, servos e senhores, sempre com base no padrão bíblico.

Na visão puritana de William Gouge, a submissão da esposa não deve ser entendida como um ato de inferioridade ou servidão, mas como parte da ordem criada por Deus para o bem da família e da Igreja. Gouge interpreta a submissão como uma virtude espiritual, que deve permear todos os aspectos da vida da esposa — palavras, sentimentos, atitudes e ações. Ele recorre tanto ao testemunho das Escrituras (Gn 3.16; 1Pe 3.6) quanto à tradição apostólica para reforçar que essa postura é um reflexo da obediência à vontade de Deus.

No campo do aconselhamento bíblico, essa perspectiva oferece uma chave interpretativa importante. Para os puritanos, a vida familiar era o primeiro espaço de discipulado cristão. Assim, orientar esposas a verem a submissão não como escravidão, mas como parte de um chamado espiritual, visava preservar a harmonia do lar e promover a santificação de todos os membros da família.

A metáfora de Gouge — a submissão como “sal” que tempera todos os deveres — revela sua preocupação pastoral: longe de ser um peso, a submissão deveria ser compreendida como aquilo que dá sabor, consistência e ordem à vida conjugal. Nesse sentido, o aconselhamento puritano procurava alinhar a prática matrimonial ao padrão bíblico, corrigindo os excessos de autoritarismo dos maridos e o espírito de rebeldia das esposas, em busca de uma vida doméstica marcada pela obediência a Cristo.

Percebe-se, portanto, que para os puritanos, a liderança espiritual no lar não se baseava em autoritarismo, mas na aplicação prática da graça de Deus por meio da Palavra, moldando atitudes e relações familiares. O aconselhamento bíblico, nesse contexto, emergia como uma expressão da fé vivida — o evangelho sendo encarnado no ambiente doméstico, com sabedoria, justiça e misericórdia. Esses autores demonstram que a piedade cristã começa em casa, e que o lar é o primeiro púlpito do cristão reformado.

Nesse mesmo espírito, os puritanos também enfatizavam que proceder piedosamente no lar exige momentos de comunhão pessoal com Deus.

Cabe trazer de forma prática estas citações dos reformadores e colocar na mesa da realidade da vida. Como esse conselho sábio pode ser útil no casamento e na família, inclusive em situações de crise como a separação?

Gouge destaca que a submissão da esposa e o amor sacrificial do marido (cf. Ef 5.22-25) não são estruturas de dominação, mas expressões complementares de obediência a Deus. Na prática do aconselhamento, isso significa resgatar papéis ordenados biblicamente para que cada cônjuge compreenda sua responsabilidade diante de Deus, e não apenas diante do outro. Em casos de crise, lembrar ao casal que o vínculo matrimonial é sustentado por um chamado espiritual ajuda a reposicionar o casamento no eixo da aliança e não apenas no da emoção.

Para Gouge, a casa é o primeiro lugar onde a Palavra de Deus deve governar. Isso implica que o aconselhamento conjugal não se restringe a corrigir comportamentos, mas envolve restaurar a prática da adoração doméstica (oração, leitura bíblica, ensino mútuo).

Casais que enfrentam problemas de comunicação, mágoas ou infidelidade encontram um ambiente de cura quando a família é reconduzida ao culto doméstico e à dependência do Senhor.

O reformador puritano Richard Baxter (1615–1691) foi um dos grandes pastores e escritores da tradição reformada inglesa, e ele traz a idéia do lar ser liderado pela santidade e sabedoria espiritual, ele destaca algo relevante para o aprimoramento na aplicação do aconselhamento bíblico, veja:

O marido deve encarregar-se da principal parte do governo de toda a família, até da própria esposa. Portanto, ele deve esforçar-se para ser apto e capaz para o governo do qual se encarrega. Essa habilidade consiste: 1. Em santidade e sabedoria espiritual, para que ele se familiarize com o fim para o qual deve conduzi-los, a regra pela qual deve guiá-los e as principais obras que devem fazer. Um homem ímpio e irreligioso é tanto um estranho quanto um inimigo para a parte principal do governo familiar.⁵⁴

⁵⁴ Baxter, Richard. Reformando a Família: Conselhos para um Lar Cristão (Portuguese Edition) (pp. 15-16). (Function). Kindle Edition.

Baxter afirma que “o marido deve encarregar-se da principal parte do governo de toda a família, até da própria esposa” e que essa liderança só pode ser exercida de forma legítima se for marcada por santidade e sabedoria espiritual.

Para ele, um homem ímpio e irreligioso é incapaz de governar corretamente o lar, pois não conhece o propósito divino nem possui a regra pela qual deve guiar sua família. Em primeiro lugar, Baxter coloca a espiritualidade do marido como condição fundamental para a saúde da família. A liderança conjugal não é apenas administrativa, mas essencialmente espiritual, porque deve conduzir esposa e filhos ao temor do Senhor.

Em segundo lugar, o governo familiar é entendido como um ato de mordomia diante de Deus. O marido é chamado a prestar contas, e isso exige não apenas autoridade, mas sobretudo caráter transformado pela graça.

Em terceiro lugar, Baxter rejeita a ideia de que alguém que não teme a Deus possa exercer corretamente essa liderança. Um marido ímpio, ao invés de edificar, destrói a ordem espiritual do lar.

Torna-se claro que não há possibilidade de liderar e conduzir uma família, uma esposa, como os filhos se não houver liderança ancorada nas Escrituras, não é o trabalho sem a graça de Cristo nessa liderança. Muitos problemas conjugais e familiares surgem porque a liderança espiritual do marido é negligenciada ou distorcida. Baxter lembra que a restauração da família passa pela restauração/santificação do coração do líder do lar.

Essa compreensão, de que a presença de Deus transforma o lar e o torna lugar de manifestação do Seu reino, orientava os conselhos pastorais puritanos. O aconselhamento bíblico, nesse contexto, era uma convocação à intimidade com Deus e à transformação de cada cômodo da casa em solo santo, onde se pratica a Palavra, se modela o caráter e se vive para a glória do Senhor. Os reformadores não dissociavam a piedade doméstica da missão cristã, pois sabiam que o coração regenerado floresce primeiro no lugar mais próximo: o lar.

4.3 Breve síntese

A partir dos reformadores puritanos, percebemos que o aconselhamento bíblico não era uma teoria distante, mas uma prática vivida no seio da família cristã. William Perkins enfatizou que a única regra para o governo do lar é a Palavra de Deus,

fazendo da família uma pequena igreja. Matthew Henry destacou a centralidade do casamento e a influência do exemplo e do ensino para gerar piedade. William Gouge mostrou que a submissão e o amor sacrificial, longe de estruturas de dominação, são expressões de obediência espiritual. Richard Baxter, por sua vez, reforçou que a liderança do marido só é legítima quando moldada por santidade e sabedoria espiritual.

Em conjunto, todos eles apontam que o lar é o primeiro espaço de discipulado, onde a graça de Deus deve reger os relacionamentos, moldar o caráter e sustentar a vida cristã. O aconselhamento bíblico puritano, portanto, era profundamente prático: buscava reconduzir a família à Palavra, restaurar papéis segundo as Escrituras e transformar o lar em um lugar de adoração e santificação.

Tendo compreendido como os puritanos estruturaram o aconselhamento bíblico a partir da família, cabe agora analisar como essa visão contrasta com a cultura contemporânea corrompida pelo pecado, e de que maneira essa cultura impacta diretamente as relações familiares.

5. ANÁLISE DA CULTURA CORROMPIDA PELO PECADO QUE APRISIONA AS PESSOAS

5.1 A cultura contemporânea e seu impacto sobre as relações familiares.

Após ter exposto as Escrituras como as bases que apoiam o aconselhamento bíblico como um recurso legítimo e único de cuidado e cura das famílias, torna-se fundamental observar o entorno em que essa prática pastoral acontece. O conselheiro que vivencia realidades familiares não pratica seu ministério em forma desconectada, mas dentro de um contexto moldado por forças ou tendências culturais que podem levar por relativizar a moral, secularizar a vida e desconstruir princípios fundados nas Escrituras.

É nesse mesmo horizonte que se evidencia o embate com uma cultura dominante que promove padrões de autonomia, prazer imediato e rejeição da verdade absoluta — valores que colidem frontalmente com a ética da cruz. Francis Schaeffer alertou a igreja evangélica para não abraçar o pensamento da cultura e “misturá-lo” com a verdade bíblica, pois qualquer adoção de visões que se oponham à verdade objetiva das Escrituras só resultará em infidelidade ao Senhor, desastre no lar e sem dúvidas a igreja. Nesse sentido, pode-se parafrasear seu pensamento ao afirmar que os cristãos devem entender os tempos nos quais vivem, a fim de discernir como a Palavra de Deus confronta, redime e transforma as estruturas de pensamento que escravizam os corações (CHRIST OVER ALL, 2023).⁵⁵ Cabe sinceramente um discernimento do, uma análise da cultura, do contexto histórico para perceber como a palavra de Deus confronta, redime e transforma as estruturas que aprisionam corações e mentes.

Antes de se apresentar qualquer resposta pastoral aos desafios que hoje atingem os lares, é indispensável perceber como o espírito desta geração tem distorcido a compreensão bíblica de família e de relacionamentos. Influências de correntes terapêuticas seculares, aliadas ao crescente afastamento da verdade revelada, têm corroído o senso de responsabilidade moral, abafando a consciência do pecado e legitimando práticas que desestruturam a vida conjugal, como a infidelidade

⁵⁵ CHRIST OVER ALL. *Francis A. Schaeffer: the legacy of his life and thought*. 2023. Disponível em: <https://christoverall.com/article/longform/francis-a-schaeffer-the-legacy-of-his-life-and-thought/>. Acesso em: 12 set. 2025.

e a trivialização da separação. Ao remover da culpa seu papel de corrigir e levar ao arrependimento, a cultura atual enfraquece os lares e os torna mais vulneráveis às pressões ideológicas e espirituais que os cercam.

Surge a necessidade urgente de discernimento: compreender os tempos, analisar o contexto histórico e perceber como a Palavra de Deus confronta, redime e transforma as estruturas que conspiram e aprisionam corações e mentes.

Nesse cenário, um aspecto crucial é a forma como a cultura atual tem lidado com a culpa. Ao invés de reconhecê-la como instrumento de correção e caminho para o arrependimento, a sociedade a tem tratado como um obstáculo ao bem-estar, um fardo psicológico do qual se deve simplesmente livrar-se. Essa postura não apenas esvazia a culpa de sua função moral e redentora, mas também legitima comportamentos destrutivos, especialmente no âmbito familiar, onde a responsabilidade, a fidelidade e a reconciliação se tornam cada vez mais frágeis diante das pressões culturais e espirituais do nosso tempo, conforme afirma e bem observa MacArthur (MacArthur, 2005, p. 16)⁵⁶ : “...raramente a culpa é tratada com seriedade. Normalmente é retratada como um mero desgosto, um aborrecimento, um pequeno contratempo da vida”.

Na perspectiva do autor, a sociedade ocidental tem esvaziado o real significado da culpa, retirando dela seu caráter moral e espiritual. Aquilo que deveria servir como alerta para o arrependimento, reconciliação e amadurecimento da responsabilidade é hoje reduzido a uma sensação incômoda, vista como obstáculo ao bem-estar individual.

Assim, em vez de cumprir seu papel de despertar a consciência para a necessidade de mudança, a culpa passou a ser tratada como peso indesejável, algo a ser eliminado em nome de uma suposta saúde emocional.

Esse processo revela como a cultura corrompida redefine categorias morais e distorce a compreensão bíblica, obscurecendo a verdade e substituindo-a por narrativas que justificam o pecado e fragilizam os fundamentos da vida cristã e familiar, e vemos claramente a substituição da teologia pela terapia.

A forma como a modernidade tem secularizado as emoções e oferecido respostas superficiais à dor existencial resultou no enfraquecimento de categorias

⁵⁶ MACARTHUR, John. *Sociedade sem pecado*: São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

bíblicas essenciais para lidar de fato com as crises pessoais e familiares. O pecado, outrora reconhecido como a verdadeira raiz do sofrimento humano, cede lugar a interpretações que o reduzem a simples desajuste psicológico, enquanto a solução é apresentada como busca pela autorrealização e satisfação interior.

Entretanto, a Escritura aponta em direção oposta. Conforme ensina Provérbios 1.7, “o temor do Senhor é o princípio do saber, mas os insensatos desprezam a sabedoria e a disciplina”. O texto sagrado revela que a verdadeira compreensão da vida e das dores humanas não se encontra em terapias autossuficientes ou na busca de plenitude individual, mas na reverência a Deus, que conduz à sabedoria e à disciplina necessárias para interpretar e enfrentar a realidade. Assim, enquanto a cultura redefine o mal e desloca sua solução para dentro do próprio homem, a Bíblia afirma que apenas o temor do Senhor pode reordenar os afetos, restaurar relacionamentos e oferecer resposta verdadeira ao sofrimento.

Nesse fluxo de ideias, percebe-se também como a disciplina bíblica tem sido alvo de rejeição. O que a Escritura apresenta como instrumento de preservação e livramento (Provérbios 13.24) passou a ser rotulado como opressão, enquanto o conforto psicológico assumiu o papel de falso redentor. Essa inversão desloca o eixo da restauração: em vez de conduzir à responsabilidade, ao arrependimento e ao recomeço, reduz a dor a algo que precisa apenas ser anestesiado. No seio da família, tal distorção enfraquece vínculos e prepara terreno para lares cada vez mais vulneráveis à lógica de uma cultura corrompida.

MacArthur, já citado, aprofunda a crítica ao afirmar que vivemos numa “sociedade sem culpa”, cuja palavra de ordem é: “pense coisas boas a respeito de si mesmo” MacArthur (2005, p. 17).⁵⁷

Assim, mesmo diante de atitudes erradas, desonestas, egoístas ou insensatas, a orientação cultural não é reconhecer a falta, mas preservar a autoimagem com pensamentos positivos. Contudo, essa aparência de bem-estar revela-se enganosa, pois reflete as correntes de uma cultura que nos afasta da verdadeira conduta de arrependimento, reconciliação e alinhamento com Cristo.

Isso revela a contradição de uma cultura que celebra a transgressão, mas condena qualquer desconforto moral que dela resulte. O autor aponta para a ironia de

⁵⁷ MACARTHUR, John. *Sociedade sem pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

uma geração que se entrega abertamente a comportamentos destrutivos. Não temos experimentado a alegria, paz e plenitude que a Bíblia fala porque as “verdades” que determinam nossa vida não são necessariamente as mesmas verdades de Cristo. São “verdades” que nascem de nossas carências e fantasias, feridas e perdas. A alegria e paz que promovem são efêmeras, passageiras, não se sustentam por muito tempo, nem tocam nas entranhas da vida.

Evidencia-se aqui o paradoxo de uma cultura que exalta a liberdade de transgredir, mas rejeita qualquer incômodo moral que surge como consequência dessa escolha. Trata-se da ironia de uma geração que se lança, sem reservas, em práticas que corroem a própria alma. A ausência de verdadeira alegria, paz e plenitude decorre do fato de que as “verdades” que regem a vida não são as de Cristo, mas construções frágeis, nascidas de traumas, carências e ilusões. Por isso, a satisfação que oferecem é breve e ilusória: uma paz que não resiste ao tempo, uma alegria que não alcança as profundezas do ser. No fim, nada disso é senão expressão de uma cultura corrompida, distorcida e incapaz de compreender a verdade bíblica que liberta e transforma. E diante desse cenário, como esperar que vínculos tão sagrados quanto o matrimônio permaneça sólidos? A resposta é clara: é impossível.

No centro dessa deformação cultural, observa-se a influência de autores que, em nome do bem-estar emocional, oferecem terapias que desconsideram por completo a verdade de Deus. Um exemplo disso é Wayne W. Dyer, considerado um dos expoentes do pensamento terapêutico secular, que em sua obra *As tuas zonas errôneas* declara: “Cada um de nós é a pessoa responsável pela maneira como se sente. Cada um de nós sente aquilo que pensa, e pode aprender a pensar de maneira diferente a respeito de qualquer coisa — se o decidir fazer. Pergunte a si mesmo se há uma recompensa suficiente no facto de estar infeliz, desanimado ou magoado” (DYER, [s.d.], p. 25).⁵⁸

Para Dyer, o problema humano não está no pecado nem na necessidade de reconciliação com Deus, mas apenas em padrões de pensamento que podem ser trocados. Assim, a solução estaria em “reprogramar a mente” e desafiar os sentimentos de culpa e desconforto. Esse tipo de pensamento, amplamente disseminado em nossa cultura, mina os fundamentos da fé cristã e fragiliza os lares,

⁵⁸ DYER, Wayne W. *As tuas zonas errôneas*. Lisboa: Bertrand Editora, [s.d.], p.25

pois reduz as dores existenciais a meras construções mentais e encoraja a fuga da responsabilidade. Ao invés de conduzir ao arrependimento e à restauração, promove um aconselhamento que leva à ruptura dos vínculos e à separação conjugal. É justamente nesse ponto que conselheiros cristãos e a própria igreja devem exercer discernimento, rejeitando tais orientações e reafirmando que somente a Palavra de Deus é capaz de curar, restaurar e sustentar o matrimônio.

A Confissão de Fé de Westminster, ao tratar da liberdade cristã e da liberdade de consciência (cap. 20), ilumina essa realidade ao declarar que:

A Confissão de Fé de Westminster afirma que Deus fala à consciência apenas por meio de sua lei revelada nas Escrituras, libertando os crentes da escravidão do pecado e assegurando, pelo Espírito Santo, a vitória final (HODGE, 2016, p. 355, 359).⁵⁹

Assim, nenhuma doutrina ou mandamento humano pode se impor como acréscimo ou contraponto à Palavra. Essa mesma Confissão, ao desenvolver a doutrina da libertação em Cristo, afirma ainda que os crentes foram libertos da escravidão do pecado como princípio inerente de sua natureza. Tal livramento tem início na regeneração e se concretiza na santificação, ainda que permaneça a luta contra a lei do pecado que atua nos membros (Rm 7.23). Contudo, a habitação do Espírito Santo opera neles de tal maneira que desejam e agem segundo o beneplácito de Deus, assegurando-lhes a vitória final (CFW, p. 355).

Isso mostra, em contraste direto com o discurso terapêutico secular, que a verdadeira liberdade não está em “reprogramar pensamentos”, mas em ser regenerado pela graça e conduzido pelo Espírito Santo. A consciência só encontra descanso quando submetida à Palavra, e os lares só podem ser restaurados quando retornam à cruz, onde pecado, culpa e reconciliação são tratados com a seriedade que somente Deus pode oferecer.

Diante desse cenário em que a consciência é sufocada por filosofias humanas e a verdade de Deus é substituída por propostas ilusórias, torna-se evidente que o coração humano encontra facilidade em abraçar justificativas para seus próprios desvios. A cultura não apenas reforça essa inclinação, mas a reveste de legitimidade, incentivando o homem a racionalizar escolhas pecaminosas e a defendê-las como se

⁵⁹ HODGE, A. A. *Confissão de Fé de Westminster comentada*. 5. ed. São Paulo: Editora Os Puritanos, abr. 2016.

fossem direitos inquestionáveis. É nesse ponto que a análise de MacArthur se torna especialmente pertinente.

Creio ser oportuno trazer aqui uma citação de MacArthur, em *Sociedade sem Pecado*, obra já mencionada anteriormente, na qual ele descreve com precisão a condição do coração humano ao afirmar: “As pessoas amam seu pecado. Não medem forças para racionalizá-lo e defendê-lo” (MACARTHUR, p. 157).⁶⁰ Essa constatação nos confronta com uma questão séria: se tudo ao nosso redor parece conspirar para nos afastar da verdade e enfraquecer nossos relacionamentos — seja com Deus ou com o próximo —, estamos de fato preparados para enfrentar essa batalha? Como resistir quando o inimigo, por meio de uma cultura sorrateira, tenta nos encurralar?

Graças a Deus, a resposta não está em nossa força, mas na fidelidade divina. A Escritura nos assegura em 1 Coríntios 10.13: “*Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.*”

Nenhuma tentação é tão intensa a ponto de anular nossa esperança ou nos deixar sem saída — nem mesmo a sedução cultural que insiste em distorcer nossas mentes e atrair nossos desejos. O texto bíblico enfatiza: “... *juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.*” Assim, toda pressão, por mais sutil que seja — inclusive as correntes terapêuticas que alimentam o ego em vez de conduzir ao arrependimento — pode ser vencida pelo sangue de Cristo Jesus, que é a nossa provisão de escape. Cabe sempre lembrar: a tentação deste século não busca apenas nos atrair, mas procura nos dominar, ou mesmo nos tragar.

O relativismo cultural tem corroído os fundamentos que deveriam sustentar a vida familiar. O pacto bíblico, que reflete a aliança de Deus com o seu povo, cedeu espaço a contratos frágeis, sustentados por emoções inconstantes. O lar, que deveria ser lugar de instrução e formação de caráter segundo a Palavra, tornou-se refém da lógica do consumo e dos desejos momentâneos. Quando a verdade é substituída pelo sentimento e o “eu” ocupa o lugar central, a unidade se desfaz.

⁶⁰ MACARTHUR, John. *Sociedade sem pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016. p.157

As consequências são visíveis: lares marcados por infidelidade, separações frequentes, abandono afetivo e a transmissão da desordem para as próximas gerações. Jay Adams observa que, ao pecar, Adão trocou a vida de amor orientada pelo mandamento divino por uma existência dominada pela concupiscência e pelos sentimentos (ADAMS, 2000, p. 118)⁶¹. Nesse contraste, Adams mostra que só há duas formas de viver: ou pelo pecado, guiado pelo ego, ou pela santidade, guiada por Deus.

Um casal que afirma já não sentir amor um pelo outro ilustra bem esse dilema. A solução não está em seguir a oscilação das emoções, mas em reconhecer o pecado, confessá-lo e permitir que o Espírito Santo restaure o relacionamento. O amor reaparece não como fruto da cultura, emoções ou do prazer imediato, mas como resposta à obediência e ao quebrantamento diante de Cristo, que é quem sustenta e renova o verdadeiro vínculo conjugal.

O exemplo conjugal evidencia como a verdadeira restauração não depende da fragilidade dos sentimentos, mas da obra transformadora de Cristo no coração humano. Essa realidade individual e familiar revela um contraste direto com a lógica cultural do nosso tempo, que relativiza o pecado e trata a culpa como obstáculo a ser eliminado. É nesse cenário, profundamente marcado pela distorção da verdade, que o aconselhamento bíblico assume um papel indispensável.

O aconselhamento bíblico se apresenta como um chamado para redirecionar vidas ao caminho da sabedoria. Seu propósito é formar pessoas que aprendam a amar a Deus com todo o ser, a viver em amor ao próximo e a enfrentar as dores da existência com esperança fundamentada na fé. A promessa de 1 João 1.9 lembra que a restauração não vem de recursos humanos, mas da fidelidade de Deus, que perdoa e purifica aqueles que confessam seus pecados. Nesse horizonte, a renovação do matrimônio não depende de técnicas de autovalorização, mas do arrependimento sincero e da graça recebida na cruz.

O lar reencontra sua solidez quando é conduzido de volta a Cristo, pois é nele que o pecado é desmascarado, a culpa recebe seu devido peso e o perdão é plenamente oferecido. Nesse processo, o conselheiro bíblico se torna instrumento de

⁶¹ ADAMS, Jay E. *Manual do conselheiro cristão*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2000. p.118

reconciliação (2Co 5.18), não apontando para si, mas para o Senhor, o único que pode curar corações e restaurar alianças.

Essa prática requer uma visão integral do ser humano, criado à imagem de Deus (Gn 1.26–28). O cuidado pastoral precisa considerar todas as dimensões da vida — espiritual, emocional, racional, social e física —, pois somente assim a pessoa é chamada a se colocar diante de Cristo de maneira plena, permitindo que sua mente, suas motivações e suas relações sejam transformadas pela graça.

No entanto, esse ministério se dá em um tempo em que o pecado é relativizado e a culpa, descartada como incômoda. Nessa cultura corrompida, que fragiliza os lares e distorce a compreensão bíblica de família, o conselheiro fiel permanece firme em apontar para a cruz, o único lugar onde a verdade é revelada, a graça é recebida e a esperança pode florescer.

Ainda neste contexto de análise da influência cultural sobre a vida cristã, Platt ressalta com clareza:

Como então se define casamento? Essa pergunta encontra-se no centro de uma revolução moral em nosso tempo e cultura. Durante milênios, as civilizações definiram o casamento como a união exclusiva e permanente entre um homem e uma mulher. Há duas décadas, os políticos dos Estados Unidos de todos os partidos votaram em defesa dessa definição de casamento ao aprovarem a Lei em Defesa do Casamento (Defense of Marriage Act). Em junho de 2013, a Suprema Corte dos Estados Unidos revogou algumas cláusulas fundamentais dessa lei, abrindo caminho para a redefinição completa do casamento em nossa cultura.⁶²

Platt nos alerta que a cultura contemporânea não é passiva nem imparcial. Pelo contrário, ela atua como um molde invisível que condiciona consciências, remodela valores e estabelece padrões que se opõem à vontade de Deus. Ao relativizar fundamentos como o casamento e a família, essa engrenagem cultural aprisiona pessoas em uma lógica que, sob a aparência de progresso, conduz à confusão de identidades e ao enfraquecimento da vida comunitária.

62 PLATT, David. *Contracultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia*. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2016. p.158

Nesse cenário, o pecado deixa de ser apenas uma inclinação interior e passa a ser institucionalizado, revestindo-se de legitimidade social. A cultura corrompida vende a ilusão de liberdade, mas na prática escraviza, desfaz vínculos, fragmenta lares e mina o sentido da existência.

Para ele, a maneira como os cristãos lidam com o casamento deve se contrapor ao espírito da época — e isso começa com transformação pessoal e não com ativismo político: “Certamente uma ação pessoal, e não política, será o ponto de partida” (Platt, 2016, p. 174).⁶³

O autor demonstra que o casamento não pode ser reduzido a convenções culturais, interesses individuais ou negociações sociais. Ele é, antes de tudo, uma realidade espiritual, estabelecida por Deus para refletir a comunhão entre Cristo e o seu povo. Nesse sentido, a contracultura cristã se manifesta quando maridos amam suas esposas de forma sacrificial, não condicionada a méritos ou atributos passageiros, mas fundamentada no amor imutável de Cristo. Do mesmo modo, esposas são chamadas a respeitar seus maridos, não por desempenho ou conquista, mas em obediência ao padrão divino.

O contraste com o espírito da época é nítido: enquanto a cultura atual entende o amor como resultado de satisfação pessoal e mutável conforme conveniências, o evangelho define o amor como entrega incondicional. A postura do marido que se sacrifica, e da esposa que respeita, não apenas edifica o lar, mas projeta para a sociedade a imagem do Cristo que cuida, perdoa e sustenta a sua Igreja.

Portanto, o casamento contracultural defendido por Platt não é uma fuga da cultura, mas um confronto direto com suas distorções. Esse confronto, no entanto, não é feito com armas políticas ou ideológicas, mas com vidas transformadas pelo evangelho que revelam, no cotidiano, a beleza do plano de Deus para homens e mulheres.

Diante da análise da cultura corrompida pelo pecado, que aprisiona as pessoas e distorce valores fundamentais como o matrimônio e a família, é necessário afirmar que o casamento não depende de legitimação cultural ou política para

⁶³ PLATT, David. *Contracultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia*. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 174.

subsistir. Conforme lembra Platt (2016, p. 181)⁶⁴, o Supremo Juiz da criação já definiu o casamento de uma vez por todas. Ele não está sujeito a revisões humanas nem a modismos passageiros, pois transcende o tempo e se mantém firme no propósito eterno de Deus.

Essa convicção traz segurança e esperança ao cristão, pois revela que, mesmo em meio a uma sociedade que relativiza conceitos e fragiliza os lares, o projeto divino para o casamento permanece inalterado. Assim, o desafio não é defender a sobrevivência do matrimônio frente às pressões culturais, mas sim vivê-lo de acordo com os princípios do evangelho, tornando-o testemunho vivo do amor de Cristo pela sua Igreja.

Com isso, abre-se espaço para refletir sobre a ação prática do evangelho no interior dos lares, sobretudo quando a fragilidade humana se manifesta em rupturas dolorosas. Nesse sentido, o próximo tópico abordará como o aconselhamento bíblico se apresenta como caminho de restauração de casamentos marcados pela infidelidade, apontando para a cruz como fonte de reconciliação, perdão e renovação.

5.2 A dimensão espiritual da infidelidade

A realidade atual demonstra que o colapso da vida conjugal vai além de transformações culturais ou de ajustes legais. Quando o divórcio é tratado como algo trivial, o que se revela, em última instância, é uma ruptura com o projeto de Deus para a família. O que está em jogo não é apenas a estabilidade social, mas a fidelidade espiritual. Nesse contexto, a igreja é chamada a proclamar que a infidelidade conjugal não constitui apenas falha moral ou contratual, mas uma atitude de insubmissão contra o próprio Deus, que estabeleceu o casamento como aliança sagrada e expressão de sua vontade para a humanidade.

A Escritura apresenta fundamentos claros sobre a seriedade da aliança matrimonial, reconhecendo, ainda que em situações excepcionais, a possibilidade do divórcio. Segundo Wilson (2013, p. 142),⁶⁵

“Antes de tratar dos fundamentos para o divórcio, devemos reconhecer a distinção feita entre aqueles que entendem externamente a lei de

⁶⁴ PLATT, David. *Contracultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia*. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 181.

⁶⁵ WILSON, Douglas. *Reformando o casamento: vivendo o evangelho no lar*. 2. ed. rev. Trad. Editora Cultura Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 142.

Deus e os que a entendem profundamente. Aqueles que entendem a lei externamente irão simplesmente usar isto como uma lista: 'Ah, veja só. Eu posso mesmo me divorciar dele'. Mas aqueles que entendem a natureza pactual do casamento entenderão as razões pelas quais Deus estabeleceu seus requisitos. Eles estarão preparados para qualquer possível reconciliação."

1. Essa perspectiva ressalta que a questão do divórcio não pode ser tratada superficialmente. Para Wilson (2013, p. 143–146), as bases bíblicas para o divórcio podem ser agrupadas em três categorias:

2. Imoralidade sexual (porneia) — Jesus ensina em Mateus 5.31–32 que, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, o divórcio expõe o cônjuge à condição de adúltero. Wilson explica que o termo *porneia* é abrangente, aplicando-se à imoralidade sexual antes e depois do casamento, e lembra que, no Antigo Testamento grego, a palavra estava intimamente ligada à idolatria. Ele conclui:

"Sendo o casamento uma aliança permeada pelo relacionamento sexual, a imoralidade sexual ataca o cerne de tal aliança. Em tal caso, a parte inocente pode, sem incorrer em pecado, divorciar-se de seu cônjuge. Mas se houver qualquer oportunidade para uma reconciliação bíblica, isso certamente deve ser encorajado" (WILSON, 2013, p. 144).

3. Abandono pelo cônjuge incrédulo — Em 1 Coríntios 7.12–16, Paulo ensina que, caso o cônjuge incrédulo decida se apartar, o cristão "não fica sujeito à servidão". Wilson observa que:

"Isso significa que o cristão é livre — livre para casar-se novamente, livre para ficar solteiro, e livre para se reconciliar com seu cônjuge (conquanto este não tenha constituído novo casamento durante esse período [Dt 24.1-4]). Não estar sujeito à escravidão significa exatamente isso" (WILSON, 2013, p. 145).

4. Ofensas graves que, segundo a lei bíblica, demandariam pena de morte — Em sociedades que não aplicam as sanções previstas pela lei de Deus, resta à família e à igreja reconhecer a quebra do pacto. Wilson lembra o exemplo de Esdras 9–10, onde o divórcio foi exigido em casos de alianças ilegítimas ligadas a práticas abomináveis. E conclui:

"O casamento não é um absoluto. Ele é santificado porque a Palavra de Deus o santificou. Portanto, não pode se tornar um meio de contradizer a Palavra de Deus. Muitos cristãos têm tolerado coisas ruins simplesmente porque pensam que os votos de casamento o exigem. Mas isso não é assim. Os votos de casamento exigem de nós que deixemos nossa vida egoísta. [...] Devemos negar a nós mesmos, não à Palavra de Deus" (WILSON, 2013, p. 146).

O testemunho das Escrituras deixa claro que o divórcio não deve ser tratado como solução corriqueira ou alternativa fácil, mas como recurso excepcional diante de violações graves da aliança conjugal. Ao mesmo tempo, revelam que a infidelidade possui uma dimensão mais profunda que a mera quebra de confiança entre cônjuges: ela é um atentado contra o próprio Deus, que estabeleceu o casamento como imagem da comunhão de Cristo com sua Igreja.

O aconselhamento bíblico oferece discernimento espiritual e esperança realista. Ele reconhece a profundidade da dor, mas proclama a suficiência da graça de Deus. Ele confronta o pecado, mas aponta para o Cristo crucificado e ressurreto, que é poderoso para reconciliar o irrecuperável, restaurar o que se quebrou e renovar o amor sacrificial que reflete o evangelho.

Por isso, nenhum casamento está além do alcance da restauração, quando ambos os cônjuges se rendem à autoridade da Palavra, reconhecem o próprio pecado e se colocam debaixo da graça transformadora do Senhor. A fidelidade de Deus à sua aliança com o seu povo é o modelo e o fundamento para a esperança em todo casamento ferido.

Essa convicção não é apenas pastoral, mas doutrinária, estando firmemente alicerçada na teologia reformada e expressa de forma clara na Confissão de Fé de Westminster. A CFW trata com seriedade tanto a dignidade da aliança matrimonial quanto às consequências graves da infidelidade. Ela reconhece que o adultério pode destruir a base da confiança e da convivência conjugal de tal forma que, em alguns casos, o divórcio se torna biblicamente legítimo — ainda que nunca desejável. No capítulo 24, seção 5, lemos:

O adultério ou fornicação, cometido depois de um contrato, sendo detectado antes do casamento, dá à parte inocente justa razão para dissolver o contrato. No caso de adultério depois do casamento, é lícito à parte inocente propor divórcio, e, depois de obter o divórcio, casar com outrem, como se a parte infiel estivesse morta.⁶⁶

Ao mesmo tempo, a seção 4 da confissão traz um importante equilíbrio, ao advertir contra separações apressadas ou arbitrárias:

⁶⁶ ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *Confissão de Fé de Westminster comentada por Hodge*. São José dos Campos, SP: Editora Os Puritanos, 2021, p. 415. Cap. 24, § V.

Posto que a corrupção do homem seja tal que o disponha a forjar argumentos, para indevidamente separar aqueles a quem Deus uniu em matrimônio, contudo nada, a não ser o adultério, é causa suficiente para dissolver o vínculo matrimonial, a não ser que haja deserção tão obstinada que não possa ser remediada nem pela Igreja nem pelo magistrado civil. Para a dissolução do matrimônio é necessário haver um processo público e regular, não se devendo deixar ao arbítrio e discricção das partes decidir em seu próprio caso.⁶⁷

Assim, a CFW reforça dois princípios essenciais para o aconselhamento bíblico:

- a. A centralidade da aliança, que deve ser preservada e honrada sempre que possível, com vistas à reconciliação e restauração;
- b. A seriedade da infidelidade, que, em certos casos extremos e irremediáveis, pode abrir caminho para o divórcio e até mesmo para novo casamento por parte da parte inocente — desde que sob discernimento pastoral e eclesial adequado.

Essa perspectiva reformada protege o casamento como instituição divina, honra a suficiência das Escrituras, e guia o conselheiro a atuar com sabedoria, graça e temor diante da gravidade do pecado e da profundidade da restauração possível em Cristo.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a fé reformada reconhece a seriedade da infidelidade e a possibilidade do divórcio em situações extremas, ela aponta com ainda mais vigor para a esperança da restauração em Cristo. Pois, se o pecado pode romper alianças, a graça tem poder de reerguê-las. É nesse horizonte que se abre o próximo passo: compreender que a restauração bíblica do matrimônio passa necessariamente pela tríade espiritual do arrependimento, do perdão e da reconciliação.

⁶⁷ ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *Confissão de Fé de Westminster comentada por Hodge*. São José dos Campos, SP: Editora Os Puritanos, 2021, p. 415. Cap. 24, § VI.

6. ENFRENTANDO E CONFRONTANDO A INFIDELIDADE CONJUGAL:

Arrependimento, perdão e reconciliação.

6.1 Arrependimento

Quando consideramos a seriedade da aliança matrimonial e o peso devastador que a infidelidade pode trazer, percebemos que a perspectiva reformada não suaviza a gravidade do pecado, mas também não fecha as portas para a esperança da restauração que há em Cristo. A própria Confissão de Fé de Westminster deixa claro, como vimos anteriormente, que, em circunstâncias extremas, o adultério pode tornar o divórcio uma realidade legítima. Contudo, ela insiste em reafirmar que a essência do casamento está na aliança, e que o caminho prioritário deve ser sempre a reconciliação.

Esse equilíbrio entre a justiça de Deus, que não minimiza o pecado, e a graça de Deus, que promove restauração, nos prepara para compreender que o reerguimento de um lar ferido não acontece de forma imediata, mas através de um processo espiritual paciente e contínuo.

A restauração de um casamento abalado pela traição não se reduz a um único ato de vontade, mas se constrói em uma jornada de transformação interior. Essa caminhada repousa sobre três pilares inseparáveis — arrependimento, perdão e a reconciliação.

Nenhum desses passos pode ser alcançado pela capacidade humana isolada; eles são frutos da obra renovadora do evangelho agindo no íntimo de cada cônjuge. Onde esses elementos estão ausentes, a cura não passa de aparência: ou o casal se acomoda superficialmente ou caminha para a ruptura definitiva. Por isso, o aconselhamento bíblico insiste em três frentes: confrontar o pecado com clareza, aplicar a graça com profundidade e reconstruir a comunhão com fidelidade à Palavra. Nesse sentido, Charles H. Spurgeon⁶⁸ enfatiza com clareza a seriedade dessa prática ao afirmar:

O perdão e a tolerância são indispensáveis a todos. É preciso dar e receber ambos. Pelo amor de Cristo, não podemos falhar nesse dever. Quero deixar claro que esse ponto é essencial: perdoar e ser tolerante é vital. Não se engane, pois Deus não se deixa ridicularizar; ninguém é verdadeiramente

⁶⁸ SPURGEON, Charles H. Perdão divino admirado e imitado. Tradução e adaptação de Silvio Dutra Alves. Rio de Janeiro, 2018. p. 25.

filho de Deus se não refletir sua imagem, e ninguém é perdoado se não for capaz de perdoar também.

A restauração bíblica não se limita ao reconhecimento do pecado, mas exige um caminho que integra arrependimento, perdão e reconciliação. Nesse contexto, as palavras de Charles H. Spurgeon acima, soam como um chamado urgente à prática do perdão e da tolerância como marcas indispensáveis da vida cristã. O pregador lembra que essas virtudes não são apenas recomendações morais, mas imperativos espirituais que revelam se alguém, de fato, reflete a imagem de Deus.

A restauração segundo a Bíblia não se resume a reconhecer erros, mas envolve um caminho que une arrependimento, perdão e reconciliação. Em relacionamentos quebrados — como no casamento ferido pela infidelidade — o arrependimento abre a primeira porta, mas não pode permanecer isolado. É o perdão, oferecido e recebido, que dá consistência ao processo de cura. Sem ele, qualquer tentativa de recomeço será apenas superficial e frágil. Spurgeon ressalta que a identidade de filho de Deus se manifesta no reflexo do Seu caráter, e esse reflexo se revela de maneira prática quando escolhemos perdoar como fomos perdoados.

Nesse processo, a tolerância exerce um papel fundamental. Ela não é complacência diante do pecado, mas paciência para acompanhar o ritmo da transformação que Deus opera nos corações. Assim, arrependimento, perdão e tolerância caminham juntos como fundamentos que tornam possível a restauração real.

Dessa forma, o que está em jogo não é apenas a reconstrução de um vínculo conjugal, mas a demonstração do evangelho vivido no cotidiano. Onde há arrependimento, a graça se torna tangível, recriando caminhos e devolvendo vida àquilo que parecia destruído.

Cabe destacar que a tristeza pode acompanhar o arrependimento, mas não deve ser confundida com ele. Jay Adams (2015, p. 123-124) ⁶⁹, ao refletir sobre essa distinção, ressalta que lágrimas ou expressões emocionais não são provas suficientes de que houve verdadeira mudança interior. Ele lembra que o arrependimento não consiste em um simples sentimento, mas em um reconhecimento honesto da culpa diante de Deus.

⁶⁹ ADAMS, Jay E. *De perdoado a perdoador*. Rio de Janeiro: Editora Monergismo, 2015. p.123-124

No Antigo Testamento, o termo traduzido por arrependimento traz a ideia de “virar” ou “retornar”, indicando uma reviravolta completa tanto na mente quanto no estilo de vida da pessoa que se volta ao Senhor. Nesse mesmo sentido, Adams observa que o arrependimento autêntico não se limita a pesar emocional, mas implica transformação prática, evidenciada em novas escolhas e condutas.

A Escritura reforça esse entendimento em Isaías 55.7-8:

“Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele; e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar. Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor.”

O arrependimento genuíno não pode ser reduzido a meras lágrimas ou a um sentimento de pesar; ele vai além da tristeza e do remorso. Sua essência está no abandono consciente do pecado e no retorno deliberado à vontade de Deus, que, em sua bondade, sempre se dispõe a restaurar e perdoar. Nesse ponto, é necessário corrigir um equívoco comum em muitos relacionamentos: a ideia de que um erro cometido contra o cônjuge pode ser interpretado como um meio para fortalecer a fidelidade ou até para alcançar a bênção de Deus. Tal raciocínio não apenas distorce a verdade bíblica, mas também banaliza a seriedade do pecado.

Jay Adams (2015) lembra que o arrependimento é condição indispensável para que haja perdão verdadeiro. Diferente de um simples pedido de desculpas, que muitas vezes é superficial, o arrependimento envolve a confissão clara e honesta de que o pensamento e a atitude que levaram ao pecado estavam errados. Assim, trata-se de uma mudança radical que rompe com a justificativa do erro e abre espaço para a reconciliação fundamentada na graça de Deus.

A confissão verdadeira não pode ser entendida como um simples alívio psicológico ou como tentativa de escapar das consequências do erro. Pelo contrário, ela exige sinceridade e humildade, pois o arrependimento bíblico sempre envolve o reconhecimento da culpa diante de Deus e a disposição para enfrentar os resultados de nossas escolhas. Nesse sentido, Lambert (2017, p. 226)⁷⁰ afirma:

“Uma confissão genuína envolve humildade e prontidão para aceitar as consequências do pecado. Aquele que busca apenas escapar das

⁷⁰ LAMBERT, Heath. *Teologia do aconselhamento bíblico: fundamentos doutrinários do ministério de aconselhamento*. São José dos Campos: Peregrino, 2017. p. 226

consequências ainda não experimentou o arrependimento que a Bíblia descreve como fruto de um coração transformado pelo Espírito Santo.”

Cabe destacar outra citação que nos mostra a grande realidade do arrependimento no quesito do nosso estado, dos nossos sentimentos corrompidos, conforme destaca Lambert (2017, p. 228):⁷¹

“O arrependimento bíblico não é apenas sentir-se mal pelo pecado cometido, mas consiste em um movimento ativo de afastar-se do pecado e voltar-se para Deus em obediência. Sem essa mudança concreta, não há arrependimento verdadeiro, apenas tristeza mundana.”

A perspectiva apresentada aqui demonstra que o arrependimento vai além de um estado emocional; ele é um chamado para uma reorientação da vida em conformidade com a santidade de Deus. A passagem a seguir, deixa claro que há diferença entre mera tristeza mundana e arrependimento genuíno, exatamente como Lambert argumenta.

“Agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, de maneira que por nós não sofrestes dano em coisa alguma. Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, o qual não traz pesar; mas a tristeza do mundo opera a morte.” II Co 7.9-10

Resta afirmar de forma categórica que a confissão é um passo inseparável do arrependimento, pois ambos caminham lado a lado. Confessar significa admitir sem reservas: “Você tem razão, eu falhei com você, pequei contra você”⁷². Não se trata apenas de reconhecer internamente, mas de expressar de forma clara e humilde a realidade do erro cometido.

A Palavra de Deus é direta nesse ponto: “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. A súplica de um justo pode muito na sua atuação” (Tg 5.16).

6.2 Perdão

Na caminhada de restauração conjugal, o arrependimento verdadeiro abre a porta para um passo igualmente indispensável: o perdão. Esse perdão não deve ser

⁷¹ LAMBERT, Heath. *Teologia do aconselhamento bíblico: fundamentos doutrinários do ministério de aconselhamento*. São José dos Campos: Peregrino, 2017. p. 228

⁷² ADAMS, Jay E. *De perdoado a perdoador*. Rio de Janeiro: Editora Monergismo, 2015. p.128

confundido com uma emoção momentânea nem com uma obrigação forçada, mas precisa ser entendido como um ato consciente de fé e obediência ao Senhor. Para o cônjuge ferido pela infidelidade, o desafio é imenso, pois envolve responder ao pecado sofrido com a mesma graça recebida em Cristo.

A Escritura nos lembra: “Assim como o Senhor vos perdoou, também perdoai vós” (Cl 3.13). Dessa forma, quando há arrependimento sincero, o chamado ao perdão não é opcional, mas expressão do caráter de Cristo moldado no coração. Como ensina Paulo, “sede bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo” (Ef 4.32).

Esse caminho de arrependimento e perdão, entretanto, não se restringe a situações extremas, como o caso da infidelidade, mas constitui a base de todo relacionamento conjugal. No contexto do matrimônio, o perdão e o arrependimento não podem ser entendidos como recursos ocasionais a serem usados apenas em momentos de crise. Na perspectiva bíblica, eles são práticas contínuas da graça de Deus, responsáveis por sustentar a vida conjugal.

Um casamento não amadurece por meio de desculpas superficiais nem se fortalece quando os confrontos se transformam em instrumentos de vingança. Pelo contrário, ele floresce quando há disposição para reconhecer falhas e liberar perdão, pois é nesse equilíbrio que verdade e amor se encontram de maneira saudável e construtiva.

Keller (2020) chama atenção para essa realidade ao afirmar que:

“Só quando nos aprimoramos na arte de perdoar e de nos arrepender é que a verdade e o amor conseguem andar juntos. [...] Ou os cônjuges se mantêm afastados da verdade [...] ou atacam um ao outro [com a verdade].” (KELLER, 2020, p. 194).⁷³

A reflexão aponta para dois extremos que ameaçam a vida conjugal: esconder a verdade por receio de rejeição ou usá-la como arma para ferir. Tanto um quanto o outro distorcem a função da verdade dentro do casamento. O arrependimento autêntico, aliado ao perdão sincero, rompe com esse padrão destrutivo, pois permite

⁷³ KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento: um ano de devocionais diários para casais*. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2020. p. 194

que a verdade seja dita em amor e que o amor não se confunda com tolerância ao erro.

No mesmo sentido, o autor ressalta que a ordem entre perdão e confronto precisa ser observada:

“A Bíblia diz que primeiro devemos perdoar os outros e só depois devemos confrontá-los [...] porque [quase sempre] confrontamos as pessoas que pecaram contra nós como forma de dar o troco. Ao repreender o outro, na verdade estamos nos vingando. [...] Não dizemos a verdade por causa dela, mas por nossa própria causa.” (KELLER, 2020, p. 195).⁷⁴

Essa perspectiva possui grande valor pastoral, pois mostra que a disposição de perdoar deve anteceder a repreensão. Somente assim o confronto será conduzido em amor, com o objetivo de restaurar o outro, e não como justificativa para retaliar. Nessa lógica, a verdade deixa de ser um meio de autoproteção e se torna ferramenta de cura no relacionamento conjugal.

Esse raciocínio abre espaço para o diálogo com David Augsburger. Se Keller aponta que o perdão, dentro do casamento, deve preceder o confronto para que a verdade seja eficaz, Augsburger amplia essa visão, propondo que o perdão seja o fundamento a partir do qual o arrependimento nasce e a reconciliação se torna possível. Assim, especialmente no enfrentamento de crises conjugais graves, como a infidelidade, essa dinâmica se mostra indispensável: perdoar para que o outro tenha condições de se arrepender e, juntos, avancarem em direção à restauração da aliança.

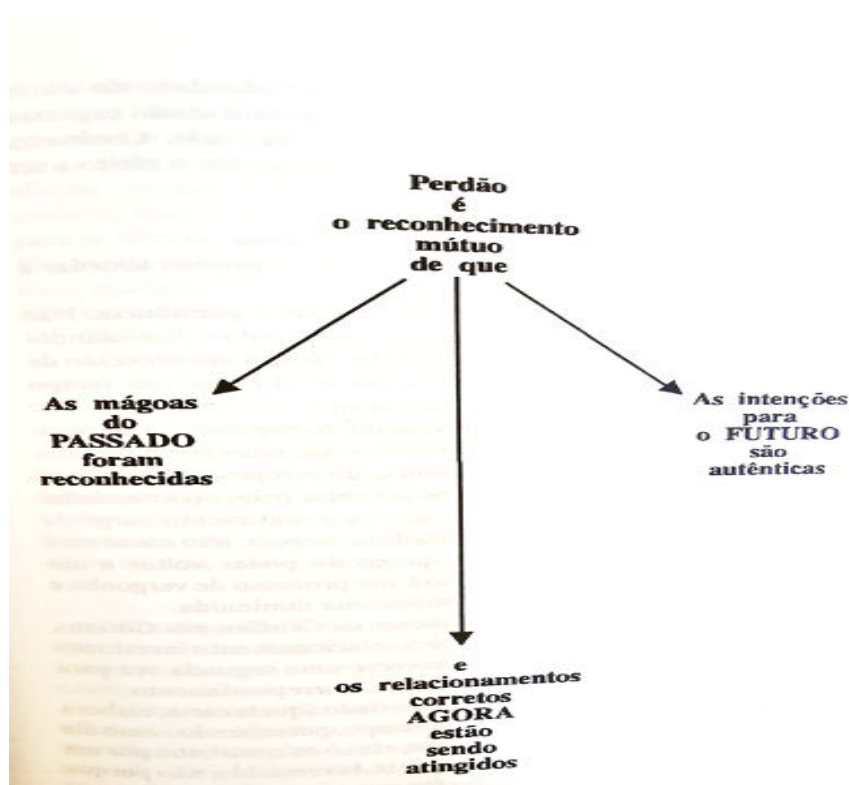
David Augsburger apresenta uma visão que desafia a compreensão tradicional de muitos sobre a ordem entre arrependimento, perdão e reconciliação. Enquanto é comum supor que o arrependimento deva preceder o perdão, o autor insiste que o perdão, em sua natureza mais profunda, antecede o arrependimento e até mesmo o motiva. O perdão, nessa perspectiva, é um ato de amor que liberta o ofensor, mesmo antes de qualquer demonstração de mudança ou reconhecimento de culpa.

Assim, o perdão não é apenas um gesto moral, mas a base para que o arrependimento verdadeiro floresça. Quando alguém experimenta o peso libertador

⁷⁴ KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento: um ano de devocionais diários para casais*. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2020. p. 195

do perdão, abre-se espaço interior para que o arrependimento brote de forma sincera e, por fim, conduza à reconciliação. A ordem, portanto, não elimina a importância do arrependimento, mas redefine seu lugar: ele é fruto da graça experimentada no perdão, e não pré-condição para que ele ocorra.

O autor reforça ainda que, mesmo quando há repetição das falhas ou imperfeições no processo de mudança, a sequência bíblica continua válida (conforme Lucas 17.3,4): confrontar em amor, perdoar, não guardar mágoas e, finalmente, construir novas alianças pautadas na confiança restaurada.



Fonte: AUGSBURGER, David. *Importe-se o bastante para perdoar: verdadeiro perdão*. São Paulo: Editora Cristã Unida, 1996. pg. 61⁷⁵

No matrimônio, a infidelidade gera mágoas profundas, quebra da confiança e destruição da aliança. A tendência natural é condicionar o perdão à demonstração imediata de arrependimento do cônjuge infiel. Porém, como ressalta Augsburguer (1996, p. 59), o verdadeiro perdão não aguarda evidências prévias, mas é uma escolha que liberta o outro, conforme destaca Augsburguer:

⁷⁵ AUGSBURGER, David. *Importe-se o bastante para perdoar: verdadeiro perdão*. 2. ed. São Paulo: Editora Cristã Unida, 1996.p.61

“O verdadeiro perdão restabelece a liberdade do outro sem fazer perguntas, sem impor pré-requisitos, sem exigir o arrependimento, sem buscar a vingança.”⁷⁶

Assim, no aconselhamento matrimonial, o cônjuge traído é conduzido à compreensão de que o perdão é, primeiramente, um ato de obediência a Deus, que abre caminho para restauração, ainda que o outro ainda não tenha demonstrado arrependimento pleno.

A experiência de ser perdoado pode despertar no cônjuge infiel a consciência do pecado, conduzindo-o ao arrependimento genuíno. Esse arrependimento, segundo Lambert (2017, p. 228), não é apenas tristeza, mas abandono real do pecado e retorno à obediência. No casamento, isso se expressa em:

- cortar toda relação com a pessoa envolvida no adultério;
- restaurar a transparência e a verdade no relacionamento;
- reconstruir hábitos de fidelidade e santidade conjugal.

Sem essa resposta, não há reconciliação possível, pois, como lembra Augsburger (1996, p. 60), mesmo quando o perdão é oferecido, o arrependimento do ofensor é o que sustenta o processo de nova aliança.

Cabe destacar o que a CFW nos alerta, especialmente diante da infidelidade conjugal, temos visto que o perdão é oferecido como ato de obediência a Deus, independentemente da demonstração imediata de arrependimento do cônjuge ofensor (AUGSBURGER, 1996). Contudo, como ressaltamos, esse perdão só se transforma em **reconciliação verdadeira** (Ez 36.31-32; 16.61-63; Os 14.2-4; Rm 3.24; Ef 1.7; Lc 13.3-5; At 17.30-31; Rm 6.23; Mt 12.36; Is 4.7; Rm 7.1...) quando acompanhado de um arrependimento genuíno que se manifesta em mudança concreta de vida (LAMBERT, 2017). Essa tensão entre a gratuidade do perdão e a indispensabilidade do arrependimento é claramente exposta na Confissão de Fé de Westminster, que em seu Capítulo 15, seção 3, ensina:

“Embora o arrependimento não deva ser considerado como satisfação por qualquer pecado, ou como causa do perdão dele (o qual é o ato da livre graça de Deus em Cristo), contudo, é de tanta necessidade para todos os

⁷⁶ AUGSBURGER, David. *Importe-se o bastante para perdoar: verdadeiro perdão*. 2. ed. São Paulo: Editora Cristã Unida, 1996.p.59

pecadores que nenhum deles pode esperar o perdão sem o arrependimento.” (HODGE, 2016, p. 290).⁷⁷

E mais adiante acrescenta na seção 4:

“Nenhum pecado é tão pequeno que não mereça condenação; mas nenhum pecado é tão grande que possa trazer condenação àqueles que se arrependem verdadeiramente.” (HODGE, 2016, p. 290).⁷⁸

O exame das Seções 3 e 4 do Capítulo 15 da *Confissão de Fé de Westminster* evidencia que o arrependimento e o perdão são realidades inseparáveis na experiência cristã. O perdão é ato soberano da graça de Deus em Cristo, não podendo jamais ser comprado por obras humanas; mas, ao mesmo tempo, o arrependimento é condição indispensável para que essa graça seja efetivamente aplicada ao pecador (HODGE, 2015, p. 290). Esse encontro entre arrependimento e perdão abre caminho para a etapa seguinte da restauração: a reconciliação.

6.3 Reconciliação

O arrependimento e o perdão são como os fundamentos sobre os quais a restauração bíblica se ergue. O arrependimento conduz o coração daquele que errou a reconhecer e abandonar o pecado, enquanto o perdão liberta o ofendido do peso da amargura. Contudo, é na reconciliação que esse processo encontra sua plenitude, pois nela a relação é de fato reconstruída e uma nova história pode ser escrita nos relacionamentos.

No contexto do matrimônio, reconciliar-se não significa apenas relevar a ofensa, mas restaurar a confiança quebrada e reafirmar os laços da aliança, refletindo o compromisso de Cristo com sua Igreja. Dessa maneira, a reconciliação surge como o ponto alto da restauração, unindo graça e verdade em um mesmo movimento e revelando, na prática, o poder transformador do evangelho no relacionamento conjugal.

Esse ponto se conecta diretamente ao que foi desenvolvido anteriormente: sem arrependimento, não há base para confiança; sem perdão, não há possibilidade

⁷⁷ HODGE, Archibald Alexander. *A Confissão de Fé de Westminster comentada*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2015. p. 290

⁷⁸ HODGE, Archibald Alexander. *A Confissão de Fé de Westminster comentada*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2015. p. 290

de restauração; e sem reconciliação, o casamento não pode florescer novamente em intimidade e segurança.

Essa dimensão prática da reconciliação encontra eco no ensino de Douglas Wilson, que enfatiza a necessidade da confissão clara e do perdão sincero dentro do casamento. Para ele, não basta que o tempo passe ou que as tensões sejam abafadas; é preciso nomear o pecado, pedir perdão de modo honesto e oferecer perdão sem reservas. Somente assim a comunhão conjugal é restaurada e o relacionamento pode avançar em reconciliação verdadeira.

Pedidos de desculpas vagos ou condicionais — como “desculpe, eu estava nervoso” — não lidam com o pecado em sua raiz, porque diluem a responsabilidade. Para Wilson, o verdadeiro arrependimento nomeia o pecado diante de Deus e do cônjuge, reconhece sua gravidade e pede perdão de forma clara. Wilson reforça que a restituição é parte essencial desse processo. Ele exemplifica a questão do roubo, não basta confessar a Deus: é necessário devolver o bem subtraído. Dentro do casamento, a restituição assume a forma de um pedido honesto de perdão, sem rodeios ou justificativas. A humilhação própria desse ato é pedagógica: ela instrui o coração a pensar duas vezes antes de reincidir no pecado.

Wilson também alerta que, quando pecados não são confessados, a comunhão conjugal é quebrada. Assim destaca Wilson:

“Quando o pecado não tem sido confessado no lar, a comunhão é prejudicada. [...] Se a mera passagem do tempo pudesse sanar o problema do pecado, o Filho de Deus teria morrido em vão.” (WILSON, 2013, p. 76).⁷⁹

O tempo não cura feridas espirituais; somente a confissão e o perdão mútuo restauram o relacionamento. Nesse sentido, ele mostra que tanto o marido quanto a esposa precisam lidar com os seus próprios pecados, e não com os do outro. A confissão verdadeira não pode ser usada como artifício para induzir o cônjuge a pedir perdão, mas deve assumir a responsabilidade individual. Essa postura encontra respaldo direto na oração ensinada por Jesus: *“Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”* (Mt 6.12).

⁷⁹ WILSON, Douglas. *Reformando o casamento: vida no evangelho para casais*. Tradução de CLIRE. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.p.76

Ao fim, Wilson conduz naturalmente à questão da reconciliação: a confissão específica e o perdão sincero não são fins em si mesmos, mas caminhos para restaurar a comunhão matrimonial. Ele cita que:

“Perdão pressupõe que o outro cometeu verdadeira injustiça. [...] O pecado só pode ser perdoado quando a pessoa fez por querer — isto é realmente pecado, e pode ser perdoado. Aquele que está se desculpando deveria dizer: ‘Eu estava errado naquilo que disse e fiz essa manhã. Estava zangado, e não deveria ter feito aquilo. Eu disse aquelas coisas porque queria machucar você. [...] Você poderia, por favor, me perdoar?’ Esse é um pedido verdadeiro de perdão, e prepara o caminho da verdadeira restauração da comunhão.” (WILSON, 2013, p. 75).

A análise do autor mostra que arrependimento e perdão são pré-condições da reconciliação conjugal. Sem a confissão clara do pecado, o perdão não encontra fundamento; e sem o perdão, o pecado continua separando o casal. A reconciliação, portanto, é o fruto maduro desse processo: quando o pecador se humilha em arrependimento e o ofendido responde em perdão, a aliança matrimonial pode ser restaurada.

Assim, Douglas Wilson aponta para a mesma direção que vimos em Hodge e na Confissão de Fé de Westminster: não há perdão sem arrependimento, e não há reconciliação sem a combinação de ambos.

Assim, percebe-se que arrependimento e perdão não são meras expressões de boa vontade, mas pilares essenciais para restaurar a aliança conjugal abalada pelo pecado. A verdadeira reconciliação floresce quando a confissão é honesta e o perdão é oferecido de coração, em sintonia com o próprio padrão do evangelho. No entanto, diante de situações mais profundas e dolorosas — como a infidelidade — torna-se evidente que não basta apenas reconhecer e perdoar; é necessário também encarar o pecado de frente. Nesse ponto, o aconselhamento bíblico aponta para a necessidade de uma confrontação amorosa, que, longe de ser um ato de dureza, constitui um gesto de cuidado e fidelidade à verdade.

6.4 A confrontação, reconciliação bíblica amorosa

Chegamos ao ponto mais delicado do aconselhamento bíblico no enfrentamento da infidelidade. Até aqui, percorremos uma trilha sólida: vimos que desde os tempos do Antigo Testamento a sabedoria é apresentada como o caminho da vida — não um luxo intelectual, mas uma necessidade vital que preserva o coração

e guarda o lar e sobretudo o relacionamento com Deus. Descobrimos também como os reformadores, em meio a um mundo marcado por abusos e distorções, colocaram a Escritura no centro, como um espelho fiel diante do qual todo homem e toda mulher precisam se ver para reconhecer sua real condição. Acrescentamos a isso a consciência de que vivemos em uma cultura que, longe de sustentar os relacionamentos, frequentemente os corrói: celebra o efêmero, exalta o prazer imediato e reduz o casamento a um contrato descartável.

Esse pano de fundo nos levou a compreender que nenhum aconselhamento sério pode ignorar essas forças — a herança bíblica que exige fidelidade, o legado reformador que insiste na suficiência das Escrituras e a pressão cultural que tenta diluir compromissos.

Mas agora, este trabalho se desloca para o que é, de fato, seu centro gravitacional: a aplicação da Palavra como instrumento vivo de confronto e restauração. Destacaremos o encontro entre a verdade e o pecado, entre a graça e a culpa, entre a cruz e a ferida. É neste ponto que o aconselhamento deixa de ser apenas um processo e se torna uma experiência espiritual, em que o conselheiro, o casal e sobretudo Deus participam ativamente de uma mesma mesa, onde se serve não apenas orientação, mas esperança.

Essa aplicação nos leva a um movimento inseparável: **a confrontação bíblica amorosa**, que desnuda o pecado sem esmagar o pecador.

A confrontação bíblica não é dureza punitiva; é ato pastoral de amor que visa a mudança real do pecador, para a glória de Deus e para o seu bem. Em Jay Adams, essa confrontação (noutética) é parte vital do ministério — pública e pessoal, como no padrão apostólico: “anunciamos Cristo, confrontando e ensinando... para apresentar todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1.28), e isso se traduziu no pastoreio cotidiano de Paulo, “por três anos, noite e dia... com lágrimas” (At 20.31) (ADAMS, 1977, p. 56). Nesse horizonte, a noutética se apoia no uso verbal e escriturístico da Palavra — ensinar, reprovar, corrigir e educar (2Tm 3.16–4.2) — a fim de desmascarar padrões pecaminosos e estabelecer nova maneira de viver segundo Deus (ADAMS, 1977, p. 63–64).⁸⁰

Neste mesmo sentido, Wayne A. Mack lembra que

⁸⁰ ADAMS, Jay E. Conselheiro Capaz. São José dos Campos: Editora Fiel, 1999. p. 56, 63–64.

“o aconselhamento bíblico existe para resolver os problemas das pessoas. Trata-se de descobrir as causas de seus problemas e então aplicar a essas causas os princípios bíblicos. Às vezes, um conselheiro bem-intencionado erra no aconselhamento por não cultivar o elemento-chave do envolvimento” (MACARTHUR; MACK, 2016, cap. 10, p. 203).⁸¹

As Escrituras nos mostram de forma clara em Mateus 9.36, onde Jesus se compadeceu claramente com as pessoas exaustas e aflitas, neste ponto se destaca a compaixão de Jesus, onde Ele não era frio e nem mesmo mecânico, mas atacava de frente os problemas e tratava, porque Ele era o Maravilhoso conselheiro.

Diante disso somos levados pelo exemplo de Cristo, onde capturamos a ideia do autor Wayne para fortalecer a estrutura deste ponto de **confrontação** do aconselhado.

“Pense em como se sentiria se estivesse na posição do aconselhado. Muitas passagens que se referem à compaixão de Jesus afirmam que primeiro ele ‘viu’ ou ‘olhou’ para as pessoas. Mateus 9:36, por exemplo, diz: ‘Ao ver as multidões, teve compaixão delas’. E o relato sobre a viúva em luto diz: ‘Ao vê-la, o Senhor se compadeceu dela’ (Lc 7:13)” (MACARTHUR; MACK, 2016, p. 208).⁸²

O confronto bíblico não nasce do desejo de corrigir por corrigir, mas de um coração que primeiro aprendeu com Cristo a enxergar além da superfície. Jesus não se detinha apenas nos erros visíveis; Ele via o ser humano em sua miséria, em sua fragilidade, em sua necessidade desesperada de redenção.

Por isso, antes de qualquer palavra de exortação, vinha sempre o Seu olhar de compaixão. Esse olhar não diminuía a gravidade do pecado, mas preparava o terreno para que a verdade penetrasse sem esmagar.

Cabe destacar outro ponto importante é a **empatia** como início do processo:

“Mesmo que os problemas relacionados a pecados precisem ser encarados e resolvidos, na maioria dos casos um aconselhamento eficaz não pode ocorrer se o conselheiro não demonstrar ao aconselhado a compaixão de Cristo ao se identificar com suas dificuldades” (MACARTHUR; MACK, 2016, p. 209).⁸³

A confrontação bíblica amorosa não se satisfaz em simplesmente apontar o erro; ela busca alcançar o coração. E para que isso aconteça, o conselheiro precisa

⁸¹ MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

⁸² MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p.208.

⁸³ MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p.209.

atravessar a ponte da empatia. Isso significa sair do lugar de observador distante e colocar-se, ainda que por um momento, no caminho percorrido pelo aconselhado. É nesse exercício espiritual que a Palavra deixa de soar como uma sentença fria e passa a ecoar como um chamado vivo à transformação.

Quando o conselheiro se permite perguntar em silêncio: “E se fosse comigo? E se eu estivesse preso na mesma luta, reagiria de forma diferente?”, ele não relativiza o pecado, mas abre espaço para que a verdade seja comunicada com mansidão e clareza. A diferença está na forma: a mesma Palavra que condena o erro também pode se tornar o sopro de esperança que levanta o caído, dependendo de como é entregue.

Confrontar o aconselhado, é lembrar da própria pecaminosidade. Conforme destaca MacArthur: “Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado” (Gl 6:1, grifo dos autores. pg. 209)⁸⁴

A confrontação bíblica amorosa nasce da consciência de que ninguém está imune ao mesmo abismo que denuncia. Quando o conselheiro recorda a sua própria fragilidade diante de Deus, ele não fala a partir de um trono de superioridade, mas de um lugar de dependência da graça. Essa memória o protege da arrogância e o conduz à mansidão, porque entende que só permanece de pé pela misericórdia que também sustenta o outro.

Encerrando este ponto, chegamos ao último aspecto da confrontação: o respeito, que se revela como a expressão mais visível do amor no ato de confrontar.

“Ao servo do Senhor não convém brigar, mas, sim, ser amável para com todos, apto para ensinar, paciente. Deve corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade” (2Tm 2:24–25).⁸⁵

O respeito é, por assim dizer, a veste que protege a verdade para que ela não seja recebida como ferida, mas como remédio. A firmeza bíblica jamais se confunde com grosseria ou imposição autoritária; ela se traduz em equilíbrio, em mansidão e em ternura. Confrontar em amor significa falar de modo que o outro perceba que,

⁸⁴ MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.p.209..

⁸⁵ MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.p.211..

ainda que suas escolhas sejam reprovadas, sua dignidade não é anulada. O alvo não é vencer uma disputa de argumentos, mas conduzir um coração arrependido de volta à comunhão com Deus.

Reconheço que existem outros aspectos igualmente importantes no vasto campo da confrontação bíblica, mas, para o propósito a que me proponho, concentro-me apenas nestes pontos essenciais. Eles bastam para mostrar que a confrontação, quando enraizada na Escritura e temperada pelo amor, se torna não um fardo pesado, mas um caminho de graça. Assim, a verdade não destrói, mas restaura; não afasta, mas aproxima; não humilha, mas levanta.

A confrontação bíblica, quando exercida com humildade e respeito, não se limita ao ato de falar a verdade com amor. Ela também pressupõe responsabilidade no preparo. Confrontar sem conhecer bem a realidade pode transformar a verdade em peso, em vez de remédio. Por isso, o passo seguinte no aconselhamento exige atenção: recolher informações de maneira criteriosa, paciente e honesta. Esse cuidado não é mera formalidade, mas expressão do próprio amor que deseja restaurar.

A confrontação bíblica amorosa cumpre um papel essencial ao despertar a consciência do pecado e abrir espaço para o arrependimento. Mas, se ficar restrita a esse momento inicial, corre o risco de ser apenas um choque passageiro, sem gerar frutos duradouros. O aconselhamento não pode terminar na correção; precisa apontar para um caminho de crescimento contínuo. É justamente aqui que entra o discipulado intencional: ele transforma a ferida exposta em oportunidade de amadurecimento, conduzindo o aconselhado a cultivar hábitos de santidade e perseverança na fé.

Enquanto a confrontação revela a gravidade do pecado, o discipulado sustenta a caminhada de transformação. Não se trata apenas de resolver crises pontuais, mas de orientar a vida para uma mudança progressiva, marcada pela obra da graça e pela ação do Espírito. Nesse fluxo, vemos que o verdadeiro alvo do aconselhamento não é simplesmente interromper padrões destrutivos, mas formar discípulos que aprendam a refletir o caráter de Cristo em sua jornada diária.

6.5 Discipulado intencional

Este ponto é importante, mas neste momento apenas destacarei algumas afirmações. Destaco que o objetivo do aconselhamento sábio é o discipulado intencional que promova transformação, orientada para a mudança e que seja fundamentada na doutrina da santificação (2 Coríntios 3.16-18; Filipenses 2.12-13). O processo de mudança ao longo da vida começa na salvação — pela justificação, regeneração, redenção e reconciliação — e continua até o momento em que veremos Jesus face a face (1 João 3.1-3). Essa perspectiva bíblica revela que o aconselhamento não pode se limitar à solução de crises imediatas, mas deve conduzir o pecador arrependido a um processo contínuo de santificação.

Se a confrontação bíblica amorosa representa o momento em que o conselheiro chama o aconselhado à realidade do pecado e à necessidade de mudança, o passo seguinte inevitável é o discipulado intencional. A confrontação sem acompanhamento correria o risco de produzir apenas um impacto momentâneo, sem levar a uma transformação consistente.

Nesse sentido, Jay Adams alerta para o perigo de encerrar o processo assim que o problema imediato é resolvido:

“Uma vez modificada a realização imediata, produzindo por esse meio alívio da dificuldade e da tensão imediatas, alguns clientes querem pôr termo ao aconselhamento. O que querem é satisfação a curto prazo, em vez de lutarem por soluções de longo alcance e mais profundas. (...) Pode-se mostrar ao cliente que o seu problema não é simples, mas complexo, e não pode ser resolvido com a mera eliminação de um só sintoma problemático. É preciso mostrar-lhe a necessidade de substituir os velhos padrões por novos. É preciso mostrar-lhe que Deus fala de santificação não só em termos de ‘separado de’, mas também ‘separado para’. O velho homem é parcialmente ‘eliminado’ mediante o estabelecimento do ‘novo homem’. Os novos padrões de hábito empurram para fora os antigos.” (ADAMS, 2015, p. 148).⁸⁶

À luz desse ensino, compreende-se que o discipulado intencional é o caminho pelo qual a confrontação inicial se desdobra em crescimento espiritual real. No enfrentamento da infidelidade conjugal, isso significa que não basta interromper a conduta pecaminosa ou oferecer alívio imediato à dor gerada pela traição. É preciso caminhar com o aconselhado para que padrões enraizados de infidelidade, mentira e

⁸⁶ ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. Tradução de Odayr Olivetti. São José dos Campos, SP: Fiel, 1977. 272 p.

egoísmo sejam substituídos por novos hábitos de fidelidade, transparência e amor segundo a Escritura Sagrada.

O discipulado, portanto, é acompanhamento pastoral paciente e constante, no qual o Espírito Santo, por meio da Escritura, vai moldando caráter, formando novas práticas de vida e consolidando mudanças duradouras. Dessa forma, o conselheiro não apenas ajuda o casal a lidar com a crise da infidelidade, mas também os conduz a viver de forma mais santa, fundamentada em Cristo, prevenindo recaídas e fortalecendo o vínculo conjugal na verdade do evangelho.

Se, por um lado, o discipulado intencional aponta para a substituição de padrões pecaminosos por uma vida moldada pela Palavra, por outro, essa transformação precisa se manifestar em áreas concretas do relacionamento. É justamente nesse processo que emerge a necessidade da reconstrução da confiança e da intimidade, pois não basta apenas mudar condutas isoladas: é imprescindível restaurar aquilo que foi profundamente ferido.

6.4 Reconstrução da confiança e da intimidade

A última etapa, antes de partir para a coleta de dados, envolve a reconstrução da confiança e da intimidade, elementos duramente abalados pela infidelidade. Isso exige tempo, perseverança e fruto do Espírito Santo: “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.” (Gálatas 5.22–23, NAA).

Falar de confiança no casamento é, antes de tudo, reconhecer que ela não se reconstrói apenas pelo esforço humano, por um empenho intenso, mas por meio da ação graciosa de Deus, não será um esforço grandioso e internacional que levará essa a confiança e a reconstrução. Tripp mostra isso ao lembrar que o próprio Senhor usa o cônjuge como instrumento em seu plano de transformação: “Deus ama seu cônjuge e se comprometeu a transformá-lo por meio de sua graça, e ele escolheu você como um dos seus instrumentos contínuos de transformação” (TRIPP, 2011, p. 18).⁸⁷

A reconstrução da confiança e da intimidade, quando abalada pelo pecado, remete ao modo como Deus mesmo conduz seus filhos no caminho da santificação. A vida cristã não se ergue sobre a autossuficiência humana, mas sobre a obra

⁸⁷ TRIPP, Paul David. *O que você esperava?* Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 272 p.

contínua do Espírito Santo, que age para restaurar, fortalecer e conduzir o crente à maturidade. Essa compreensão é destacada pela Confissão de Fé de Westminster, ao afirmar que:

“nesta guerra, embora prevaleçam por algum tempo as corrupções que restam, contudo, pelo contínuo socorro da eficácia do santificador Espírito de Cristo, à parte regenerada conquista a vitória, e assim os santos crescem em graça, aperfeiçoando a sua santidade no temor de Deus” (CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER, 1991, p. 10).⁸⁸

Essa declaração ilumina a realidade do casamento cristão: a restauração de vínculos quebrados não se apoia apenas na persistência dos cônjuges, ou decidirem mudar para um clima amigável, mas no agir gracioso de Deus. Assim como na vida espiritual individual, o matrimônio encontra esperança no fato de que o Espírito Santo capacita cada passo de reconciliação, tornando o processo doloroso da reconstrução também uma oportunidade de crescimento em graça mútua.

Aqui fica claro que a confiança entre marido e esposa só alcança estabilidade real quando nasce primeiro do relacionamento de cada um com Deus. Isso significa que a intimidade conjugal não depende da ausência de falhas, mas da convicção de que há um amor maior, imutável e fiel, que serve de alicerce para suportar as fragilidades humanas. A confiança vertical — em Deus — torna possível que o casal viva a confiança horizontal, pois quem confia no Senhor consegue olhar o cônjuge não a partir de suas imperfeições, mas a partir da esperança de transformação que vem da graça. Assim afirma bem (TRIPP, 2011, p. 142), quando diz: “...a construção de confiança precisa começar na vertical, antes que possa acontecer na horizontal”.⁸⁹

Desse modo, ao reconhecer que a restauração do casamento depende primeiramente da confiança vertical em Deus, percebe-se também que essa confiança precisa se desdobrar em ações práticas dentro do processo de aconselhamento. Para que arrependimento, perdão e reconciliação se tornem mais do que princípios abstratos, é necessário dar passos concretos e bem direcionados. É nesse contexto que se insere o processo de coleta criteriosa de dados, etapa essencial para compreender a realidade vivida pelo casal e conduzi-los, com sensibilidade e clareza, rumo à restauração bíblica.

⁸⁸ CONFISSÃO de Fé de Westminster. *A Confissão de Fé de Westminster (1643–46)*. Disponível em: https://www.executivaipb.com.br/arquivos/confissao_de_westminster.pdf. Acesso em: 29 set. 2025. p. 10.

⁸⁹ TRIPP, Paul David. *O que você esperava?* Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p.142

7. O PROCESSO DE COLETA CRITERIOSA DE DADOS.

A realidade dolorosa da infidelidade conjugal mostra que não bastam boas intenções ou sentimentos passageiros; é necessário um processo guiado pelas Escrituras Sagradas, em que cada etapa seja vivida com clareza, paciência e dependência da graça de Deus. Usaremos de forma propositiva a estrutura dada pelo autor Mack na construção deste processo inicial de coleta criteriosa de dados.

7.1 A importância da coleta de informações

Mack (2016, p. 172) alerta que um dos equívocos mais comuns no processo de aconselhamento é a pressa em interpretar o problema antes mesmo de se dedicar à escuta e à coleta criteriosa de informações. O autor ilustra essa falha lembrando o caso dos amigos de Jó, que, ao invés de investigarem a fundo sua condição, apressaram-se em julgá-lo a partir de suposições equivocadas. Em contraste, Tiago 1:19 adverte sobre a necessidade de ser rápido em ouvir e lento para falar, princípio que se mostra especialmente relevante quando se trata da delicada questão da infidelidade conjugal. Nesse cenário, o conselheiro bíblico é chamado a cultivar paciência e sensibilidade, permitindo que o casal expresse suas dores sem a interferência de julgamentos precipitados que possam intensificar o sofrimento, conforme Mack destaca: “Se tentarmos interpretar os problemas das pessoas sem antes reunir informações suficientes, aumentaremos as dificuldades em vez de aliviá-las” (MACK, 2016, p. 172).⁹⁰

Neste sentido é vital considerar este passo, para que os próximos passos sejam abertos, ou como o mesmo autor destaca, que as portas se abram para o entendimento do caso com a unção do Espírito Santo, isso nos leva a próxima etapa.

7.2 O princípio da busca pelo conhecimento real

Wayne A. Mack (2016, p. 174-182) defende que o aconselhamento bíblico só pode ser eficaz quando parte de uma coleta de informações ampla e organizada, abarcando diferentes aspectos da vida do aconselhado. Ele sugere pelo menos seis

⁹⁰ MACK, Wayne A.; MACARTHUR, John; Corpo Docente do The Master's College. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros*. Tradução Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. (Form. Digital)

áreas principais que, no caso também de crises conjugais marcadas pela infidelidade, tornam-se ainda mais relevantes para compreender a profundidade do problema e oferecer direção bíblica adequada, sem dúvidas isso enriquecerá a estrutura deste estudo. No apêndice deste trabalho, página 92, estão disponíveis exemplos de perguntas úteis criados pelo autor que destaca e enumera respostas mais precisas e claras em cada uma das seguintes áreas.

I. Estado físico

Segundo Mack, fatores ligados à condição física — como hábitos de sono, alimentação, prática de exercícios, doenças existentes e até o uso de medicamentos — podem agravar ou mesmo estar na raiz de dificuldades espirituais e relacionais (2016, p. 175-177)⁹¹. No contexto da infidelidade, um cônjuge debilitado física ou emocionalmente pode se mostrar mais vulnerável a tentações, ou ainda reagir de maneira desproporcional diante dos conflitos. Assim, compreender essa dimensão ajuda o conselheiro a identificar elementos que potencializam a crise conjugal.

II. Recursos

O autor lembra que todo aconselhado dispõe de recursos, sejam eles espirituais, intelectuais, educacionais ou sociais (MACK, 2016, p. 177)⁹². O mais essencial, contudo, é o espiritual: a fé em Cristo e a maturidade cristã que fornecem forças para lidar com provações. No caso da infidelidade, cabe ao conselheiro avaliar se o casal tem realmente fundamentos espirituais sólidos ou se precisa ser conduzido ao arrependimento genuíno.

III. Emoções

⁹¹ MACK, Wayne A.; MACARTHUR, John; Corpo Docente do The Master's College. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros*. Tradução Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

⁹² MACK, Wayne A.; MACARTHUR, John; Corpo Docente do The Master's College. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros*. Tradução Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

Mack compara as emoções a alarmes que sinalizam o que ocorre no coração humano (2016, p. 178). Elas não constituem o problema em si, mas revelam áreas de luta interna. Situações de infidelidade comumente despertam raiva, tristeza profunda, ciúmes e sensação de abandono. Ignorar tais sentimentos seria um erro, pois eles são indicadores valiosos da realidade espiritual do casal. O conselheiro precisa, portanto, tratá-los com seriedade, conduzindo-os ao equilíbrio e lembrando que a esperança em Cristo possibilita reagir de forma correta, mesmo em meio à dor.

IV. Ações

As atitudes concretas do aconselhado também são objeto de análise. Mack (2016, p. 179) observa que as ações revelam diretamente a relação da pessoa com Deus e com os outros. No caso da infidelidade, não se pode apenas discutir sentimentos; é preciso examinar comportamentos, como traições consumadas, mentiras, omissões ou reações pecaminosas do cônjuge ferido, como amargura ou desejo de vingança. O aconselhamento bíblico, nesse ponto, confronta escolhas práticas e busca orientar para uma vida de obediência à Palavra.

V. Conceitos

Ainda mais profundo que os atos e sentimentos estão os conceitos, isto é, valores, crenças, intenções e desejos que orientam a vida (MACK, 2016, p. 180-181). Mack mostra que, muitas vezes, a infidelidade nasce de expectativas distorcidas, do culto ao prazer pessoal ou da falsa ideia de que compromissos podem ser descartados. O trabalho do conselheiro é, então, expor essas distorções, ajudá-los a renovar a mente com a verdade de Deus (cf. Rm 12.2) e a alinhar seus valores ao padrão bíblico.

VI. Histórico

Por fim, Mack (2016, p. 182-183) chama atenção para o peso do passado e do presente na formação do aconselhado. Experiências traumáticas, padrões familiares de pecado ou circunstâncias atuais de pressão podem influenciar diretamente a crise conjugal. Entretanto, o autor alerta que tais elementos não anulam a responsabilidade pessoal diante de Deus. O conselheiro deve reconhecer como

esses fatores moldaram o aconselhado, mas sempre lembrá-lo que, pela graça de Cristo, é possível lidar com feridas do passado e escolher uma nova conduta no presente.

A proposta de Mack, ao delinear essas seis áreas, não é simplesmente reunir dados, mas compreender integralmente a pessoa para que a verdade bíblica seja aplicada com precisão. No caso da infidelidade conjugal, cada uma dessas dimensões ilumina aspectos cruciais: desde a vulnerabilidade física até os valores mais profundos que orientam as escolhas. Dessa forma, o aconselhamento não se limita a resolver um conflito imediato, mas busca a transformação interior que conduz à restauração do relacionamento.

Tendo delimitado o que precisa ser levantado nas seis áreas de investigação, a etapa seguinte é definir como obter esses dados de modo ético, sensível e eficaz. Mack sustenta que a qualidade do aconselhamento bíblico depende não apenas do conteúdo recolhido, mas também do método empregado para colhê-lo (MACK, 2016, p. 183). Cabe destacar, dentro do que o autor propõe, duas trilhas principais: **(1) Uso de formulários de inventário pessoal**, **(2) elaboração de boas perguntas** (apêndice). Abaixo, destacamos o FIP, que estrutura o início do processo, como segue.

7.3 Formulários de inventário pessoal (FIP)

Mack recomenda o FIP (modelo no apêndice do trabalho) como ferramenta inicial, pois ele:

1. **Comunica seriedade e compromisso:** solicitar o preenchimento do formulário sinaliza ao aconselhado que o processo será conduzido com responsabilidade e propósito
2. **Garante uma base estável de referência:** o conselheiro passa a ter à mão dados essenciais que, em sessões intensas, poderiam ser esquecidos.
3. **Orienta o planejamento da sessão:** as respostas frequentemente apontam a **direção inicial** do aconselhamento, evitando dispersões.
4. **Induz autoexame:** ao responder, o aconselhado começa a refletir sobre os temas sensíveis que serão tratados, o que favorece a abertura.

5. **Cria um início natural da conversa:** o próprio formulário se torna um “**gancho**” para a primeira sessão, facilitando a entrada em assuntos delicados como a infidelidade.

Mesmo quando o conselheiro já conhece a pessoa, Mack recomenda o FIP: sempre surgem dados novos e relevantes que podem fazer diferença na compreensão da crise conjugal (MACK, 2016, p. 184)⁹³.

Assim, ao utilizar o Formulário de Inventário Pessoal (FIP), o conselheiro estabelece uma base segura e consciente para o acompanhamento, criando um ambiente de confiança e reflexão desde o início. Esse preparo inicial não é apenas administrativo, mas espiritual e relacional, pois organiza informações, desperta o autoconhecimento e abre espaço para diálogos mais profundos.

⁹³ MACK, Wayne A.; MACARTHUR, John; Corpo Docente do The Master's College. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros*. Tradução Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p.184

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tratou da temática “Enfrentando a infidelidade conjugal através do aconselhamento bíblico”, apresentando a infidelidade não apenas como um conflito moral ou relacional, mas como ruptura da aliança matrimonial instituída por Deus, fundada no princípio da “uma só carne” (Gn 2.24). Ao longo do trabalho, mostrou-se que o adultério fere a santidade do casamento, abala a estrutura familiar e revela a rebeldia do coração humano diante do Deus da aliança. Nesse cenário, o aconselhamento bíblico, fundamentado na visão bíblica reformada, foi analisado como caminho adequado para lidar com as consequências espirituais, emocionais e relacionais da traição conjugal, em contraste breve com abordagens que não consideram a suficiência das Escrituras.

A relevância do estudo manifesta-se, em primeiro lugar, para o próprio pesquisador, que, ao aprofundar-se na doutrina bíblica do casamento e no ministério do aconselhamento, foi levado a uma compreensão mais séria da santidade da aliança conjugal e da responsabilidade pastoral diante de casais feridos pela infidelidade. Em segundo lugar, o tema é relevante para a reflexão teológica e para o campo do aconselhamento bíblico, pois reforça a suficiência das Escrituras e da teologia reformada como base para uma prática pastoral que não dilui a gravidade do pecado, mas anuncia arrependimento, perdão e restauração em Cristo. Por fim, a pesquisa se mostra significativa para a igreja e para a sociedade, ao defender o casamento como instituição divina, em meio a uma cultura que relativiza a fidelidade conjugal, e ao apontar caminhos concretos para a restauração de lares atingidos pela infidelidade, contribuindo para o fortalecimento da família como célula básica da vida comunitária.

O objetivo geral deste trabalho consistiu em explorar a eficácia do aconselhamento bíblico, fundamentado na visão bíblica reformada, na superação da infidelidade conjugal e na promoção do perdão, da reconciliação e da restauração dos laços familiares. Esse objetivo foi desenvolvido ao longo de toda a pesquisa, mostrando que o aconselhamento, quando enraizado na Escritura e exercido no contexto da igreja local, é capaz de confrontar o pecado, expor a gravidade da infidelidade, indicar o caminho do arrependimento e conduzir os cônjuges a um processo real de reconciliação, reconstrução da confiança e retomada da vida conjugal segundo os padrões de Deus.

Os objetivos específicos também foram contemplados em seus respectivos capítulos. O primeiro objetivo – investigar como a Bíblia orienta a prática do aconselhamento sábio nas questões da vida familiar – foi desenvolvido no Capítulo 3, ao expor a sabedoria de Deus no Antigo e no Novo Testamento aplicada ao contexto familiar, enfatizando que a orientação bíblica é o eixo do aconselhamento cristão.

O segundo objetivo específico – resgatar historicamente as doutrinas e práticas reformadas que sustentam o aconselhamento bíblico – foi tratado no Capítulo 4, onde se apresentou a fundamentação teológica e o desenvolvimento histórico do aconselhamento bíblico entre Reformadores e Puritanos, evidenciando que a prática de cuidar de almas por meio da Palavra sempre fez parte da vida da igreja e permanece atual para o enfrentamento de crises conjugais.

O terceiro objetivo específico – analisar como a cultura contemporânea, corrompida pelo pecado, afeta os relacionamentos familiares e a aliança conjugal – foi desenvolvido no Capítulo 5, ao demonstrar como a mentalidade secular enfraquece a noção de pecado, relativiza a fidelidade e favorece comportamentos infiéis, tornando o lar vulnerável a ideologias e práticas contrárias ao padrão bíblico de casamento.

Ainda em coerência com o objetivo geral, os Capítulos 6 e 7 apresentaram os elementos práticos do processo de aconselhamento bíblico em situações de infidelidade conjugal. No Capítulo 6, foram trabalhados os temas de arrependimento, perdão, reconciliação e reconstrução da confiança, mostrando que a restauração não se resume à superação emocional da dor, mas exige confronto do pecado, mudança de vida e reorientação do casamento à luz da cruz de Cristo. Já o Capítulo 7 destacou a coleta criteriosa de dados e o uso de instrumentos como o Formulário de Inventário Pessoal (FIP), evidenciando que o aconselhamento bíblico lida de forma responsável com a história, as emoções, as ações e os conceitos dos envolvidos, para que a aplicação das Escrituras seja precisa e pastoralmente sensível.

Quanto aos resultados da pesquisa, pode-se afirmar que o estudo confirmou a tese de que o aconselhamento bíblico, quando fundamentado na visão bíblica reformada, é capaz de oferecer respostas mais profundas e integrais à infidelidade conjugal do que abordagens puramente seculares e infrutíferas. A partir da análise bíblica, histórica, cultural e prática, evidenciou-se que a infidelidade é, antes de tudo, um pecado contra Deus, fruto de um coração idólatra, e que, por isso, apenas uma abordagem que leve o indivíduo à cruz de Cristo, à ação do Espírito Santo e à

obediência à Palavra pode produzir verdadeira transformação. As contribuições do trabalho incluem a única base, a suficiência das Escrituras para o aconselhamento, a valorização do legado bíblico reformado nessa área, a denúncia das distorções culturais que banalizam o adultério e a apresentação de caminhos pastorais concretos para a restauração de casamentos feridos.

Dessa forma, ao retomar o problema de pesquisa – Como o aconselhamento bíblico, fundamentado na visão bíblica reformada, pode abordar e restaurar as rupturas causadas pela infidelidade no casamento? – conclui-se que ele o faz ao tratar a infidelidade como pecado grave contra Deus e contra o cônjuge, ao chamar os envolvidos ao arrependimento sincero, ao conduzi-los ao perdão fundamentado na graça de Cristo, ao promover a reconciliação e à reconstrução paciente da confiança, tudo isso no contexto da igreja local, do aconselhando e sobre tudo da autoridade da Palavra de Deus. Assim, a pesquisa demonstra que, mesmo diante de um pecado tão devastador quanto a infidelidade conjugal, há esperança real de restauração quando o casamento é novamente submetido ao senhorio de Cristo e ao governo das Escrituras Sagradas.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. Tradução de Odayr Olivetti. São José dos Campos: Fiel, 1977. 272 p. Tradução de: *Competent to counsel*. ISBN 9788599145531.
- _____. *Conselheiro capaz*. São José dos Campos: Fiel, 1999.
- _____. *Manual del consejero cristiano*. Versão espanhola de Elíseo Vila. Terrassa (Barcelona): Editorial CLIE, 1984. ISBN 84-7228-923-0.
- _____. *De perdoado a perdoador*. Tradução de Luís Fernando de Souza Alves e Maria Isabel Corcete Dutra. Brasília, DF: Monergismo, 2015.
- _____. *Manual do conselheiro cristão*. São José dos Campos: Fiel, 2000.
- AUGSBURGER, David. *Importe-se o bastante para perdoar: verdadeiro perdão*. 2. ed. São Paulo: Editora Cristã Unida, 1996.
- ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *Confissão de Fé de Westminster*. Tradução de João Alves Araújo e Walter Borges dos Santos. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1996.
- _____. *O catecismo maior*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- _____. *Confissão de Fé de Westminster comentada por Hodge*. São José dos Campos, SP: Os Puritanos, 2021.
- BABLER, John; ELLEN, Nicolas (org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas*. Tradução de Maria Cecília Alfano. São Paulo: NUTRA Publicações, 2016.
- BABLER, John; JOHNSON, T. Dale; KIM, Paul Taidoo. O que é aconselhamento bíblico? In: BABLER, John; ELLEN, Nicolas (org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas*. São Paulo: NUTRA Publicações, 2016.
- BAXTER, Richard. *Reformando a família: conselhos para um lar cristão*. (Function, Kindle Edition).
- BÍBLIA. *Almeida Revista e Atualizada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CALVINO, João. *As institutas ou tratado da religião cristã*. Vol. 2. [S.l.]: Collection booksbylanguage_portuguese;booksbylanguage, [s.d.]. Disponível em: <https://archive.org/details/CALVINOJoo.InstitutasVol2>. Acesso em: 23 ago. 2025.
- CALVINO, Juan. *Institución de la religión cristiana*. Trad. Cipriano de la Valera.

Reeditada por Luiz de Usó y Río, 1858. Nueva ed. revisada en 1967. v. 1. São Paulo: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1967.

CHRIST OVER ALL. *Francis A. Schaeffer: the legacy of his life and thought*. 2023. Disponível em: <https://christoverall.com/article/longform/francis-a-schaeffer-the-legacy-of-his-life-and-thought/>. Acesso em: 12 set. 2025.

DYER, Wayne W. *As tuas zonas errôneas*. Lisboa: Bertrand Editora, [s.d.].

FITZPATRICK, Elyse; JOHNSON, Dennis E. *Aconselhamento centrado na cruz: conectando pessoas quebradas ao amor de Cristo*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

FRAME, John. *Teologia sistemática*. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

GEORGE, Timothy. *Lendo a Escritura com os Reformadores*. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. Recurso eletrônico (ePub).

GOUGE, William. *Domestic Duties (Deveres domésticos): Part 3 (For Wives)*. Modern, Updated Translation. (Function, Kindle Edition).

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: uma introdução à doutrina bíblica*. Tradução de vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 1999. Tradução de: *Systematic Theology*. _____. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HINDSON, Edward; EYRICH, Howard (org.). *Nada além das Escrituras: o aconselhamento e a Palavra de Deus*. Tradução de Maria Cecília Alfano. São Paulo: NUTRA Publicações, 2018.

HODGE, A. A. *Confissão de Fé de Westminster comentada*. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Os Puritanos, [s.d.].

HODGE, Archibald Alexander. *A Confissão de Fé de Westminster comentada*. São Paulo: Os Puritanos, 2015.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Confissão de Fé de Westminster*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1996.

KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento: um ano de devocionais diários para casais*. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2020.

KELLEMEN, Robert W. *Aconselhamento segundo o evangelho*. Tradução de Meire Portes Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. Tradução de: *Gospel-centered counseling*.

- KÖSTENBERGER, Andreas J.; JONES, David W. *Deus, casamento e família: reconstruindo o fundamento bíblico*. 2. ed. amp. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- LAMBERT, Heath. *Teologia do aconselhamento bíblico: fundamentos doutrinários do ministério de aconselhamento*. São José dos Campos: Peregrino, 2017.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e sua família*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2006.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Vol. 1. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.
- _____. *Obras selecionadas*. Vol. 5. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.
- MACARTHUR, John. *Sociedade sem pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.
- MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros*. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.
- MERKH, David. *Comentário bíblico lar, família & casamento: fundamentos, desafios e estudo bíblico-teológico prático para líderes, conselheiros e casais*. Edição de Aldo Menezes. São Paulo: Hagnos, 2019.
- NICODEMUS, Augustus. *A história do movimento puritano e suas ênfases principais*. Disponível em: <https://spurgeononline.com.br/artigos/o-puritanismo/>. Acesso em: 5 set. 2025.
- PERKINS, William. *Christian Oeconomie: or, household-government*. In: The Works of that famous and worthy minister of Christ in the University of Cambridge, Mr. William Perkins. London: John Haviland, 1631. Disponível em: https://archive.org/details/bim_early-english-books-1475-1640_christian-oeconomie-or-perkins-william_1609/page/n23/mode/2up. Acesso em: 5 set. 2025.
- PIPER, John. *Casamento temporário*. Tradução de Marcos Vasconcelos. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Tradução de: *The Momentary Marriage*. _____ . *Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- _____. *Teologia da alegria: a plenitude da satisfação em Deus*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2001.
- PLATT, David. *Contracultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual,*

imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

SPURGEON, Charles H. *Perdão divino admirado e imitado*. Tradução e adaptação de Silvio Dutra Alves. Rio de Janeiro, 2018.

TOZER, Aiden Wilson. *O propósito do homem: criado para adorar*. Tradução de Roberto Alves de Sant Anna Júnior. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2013.

TRIPP, Paul David. *O que você esperava?*. Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

WILSON, Douglas. *Reformando o casamento: a vida conjugal conforme o evangelho*. Tradução de Márcio Santana Sobrinho. Recife: CLIRE, 2013.

_____. *Reformando o casamento: vivendo o evangelho no lar*. 2. ed. rev. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

10. APÊNDICE

O autor, traz uma série de perguntas relevantes, que sem dúvidas acarretará o máximo de informações, conforme citamos acima na página 85, creio que darão mais resultados nesta fase de perguntas: ⁹⁴

Estado físico

- Em termos bem gerais, como você descreveria sua saúde física atual e no passado?
- Conte-me algo sobre seus padrões de sono. O que você precisa fazer em seu emprego?
- Se você pudesse mudar quatro coisas em seu trabalho, quais seriam?
- Descreva para mim o que você costuma fazer num dia típico.

Recursos

- Conte-me algo sobre as pessoas mais importantes em sua vida, e diga por que elas são tão importantes.
- Compartilhe comigo os relacionamentos em sua vida que lhe dão mais alegria, mais tristeza e mais dor.
- Quando você tem um problema, o que costuma fazer?
- Conte-me sobre as pessoas em sua vida com as quais se sente à vontade a ponto de compartilhar seus pensamentos e seus sentimentos privados.
- Conte-me sobre seu relacionamento com Deus; como começou, como se desenvolveu, quão importante ele é, onde Deus se encaixa em sua vida ou naquilo que está acontecendo atualmente, o que você está fazendo para fortalecer seu relacionamento com ele.
- Descreva o que sua igreja significa para você.
- Quando você tinha problemas no passado, o que mais lhe ajudou a resolvê-los?
- Quais são alguns de seus melhores recursos, qualidades? E maiores deficiências/fraquezas?

⁹⁴ MACK, Wayne A.; MACARTHUR, John; Corpo Docente do The Master's College. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros*. Tradução Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.p.186 (Form. Digital)

- Quais são seus padrões de leitura bíblica e oração?

Emoções

- Quais são algumas das suas emoções mais frequentes?
- Como os outros o veem emocionalmente?
- Se pudesse mudar algo em você emocionalmente, o que mudaria?
- Dê-me alguns exemplos de quando se sentiu extremamente ... (irritado, feliz, triste).
- Como se sente com relação ao que está acontecendo em sua vida no momento?
- Se eu tivesse gravado o que você acabou de dizer e o reproduzisse para você, quais emoções eu ouviria?

Ações

- Ao olhar para sua vida até agora, quais são algumas das coisas que fez e que valeram a pena?
- Quais são algumas das coisas que gostaria de mudar?
- Se você contemplar sua vida no momento, quais são algumas das coisas que acredita estar fazendo certo ou errado?
- Diga-me como se vê crescendo como cristão.
- Diga-me como você pode melhorar como cristão, em seu relacionamento com Cristo e como testemunha dele.
- Diga-me como você tem ajudado outras pessoas e como tem sido um problema para outras pessoas.
- Se pensar nos Dez Mandamentos, quais são os mais difíceis para você?

Conceitos

- Qual você considera ser seu problema mais urgente?
- Sabe por que o problema se tornou tão grave?
- Como você acha que tem lidado com o problema?
- O que tudo isso lhe diz sobre si mesmo?
- Faz alguma ideia de por que tem tantas dificuldades de aceitar críticas?
- Se eu tivesse um gravador e gravasse seus pensamentos neste momento, o que eu ouviria?
- O que acontece em sua cabeça quando eu lhe faço uma sugestão sobre como lidar com o problema?
- O que você quer, deseja, procura, ambiciona, persegue, espera?

- Quais são seus objetivos, expectativas ou intenções?
- Em que você procura obter segurança, sentido, felicidade, satisfação, alegria ou consolo?
- O que você mais teme? O que tende a evitar?
- O que deixaria você feliz?
- O que faz você mostrar seu melhor lado?
- O que ou quem controla você nos detalhes da vida? A que ou a quem você obedece?
- Em que ou em quem você deposita sua confiança funcional? O que motiva você? Em que ou em quem você deposita suas esperanças?
- Quando está sob pressão ou tenso, para onde corre? Onde encontra alívio? Como escapa?

Informações históricas

- Quando começou a vivenciar esse problema?
- Conte-me o que estava acontecendo em sua vida quando...
- Descreva seu relacionamento com o Senhor ao longo dos anos: os pontos altos e os baixos.
- Ao olhar para a sua vida, quais foram as experiências mais felizes e mais tristes que já teve?
- Conte-me algo sobre as influências mais positivas e mais negativas em sua vida.
- Fale sobre seu casamento, sua família, sua igreja, seu trabalho etc.
- Se você pudesse mudar alguma circunstância em sua vida, qual mudaria?
- O que em sua vida lhe traz o maior prazer, a maior dor e a maior angústia?
- Quais são as pressões externas que está sofrendo no momento?

A intenção de Mack ao definir este questionário, composto de seis áreas, vai além de coletar meras informações: ele busca entender a pessoa de forma mais completa possível, para que a verdade bíblica possa ser aplicada de maneira adequada e fiel.